



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**CAROLINE SECUNDINO TREIGHER**

**EDUCAÇÃO PARA A IMORTALIDADE: DESDOBRAMENTOS DA EDUCAÇÃO**  
**ESPÍRITA NA VIDA DO SUJEITO**

**FORTALEZA**

**2020**

**CAROLINE SECUNDINO TREIGHER**

**EDUCAÇÃO PARA A IMORTALIDADE: DESDOBRAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
ESPÍRITA NA VIDA DO SUJEITO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de pesquisa: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola. Eixo temático: Educação Ambiental, Juventude, Arte e Espiritualidade.

Orientadora: Profa. Dra. Ângela Maria Bessa Linhares.

**FORTALEZA**

**2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- T722e Treigher, Caroline Secundino.  
Educação para a imortalidade : Desdobramentos da educação espírita na vida do sujeito / Caroline Secundino Treigher. – 2021.  
154 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2021.  
Orientação: Profa. Dra. Ângela Maria Bessa Linhares. .
1. Saúde mental. 2. Psicologia transpessoal. 3. Educação . 4. Imortalidade. 5. Espiritismo. I. Título.  
CDD 370
-

**CAROLINE SECUNDINO TREIGHER**

**EDUCAÇÃO PARA A IMORTALIDADE: DESDOBRAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
ESPÍRITA NA VIDA DO SUJEITO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de pesquisa: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola. Eixo temático: Educação Ambiental, Juventude, Arte e Espiritualidade.

Data de aprovação: 23/10/2020.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Ângela Bessa Linhares  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Heliomar Cavati Sobrinho  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Ana Cláudia de Souza Leite  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Aos mortos na pandemia de 2020, porque eles ainda vivem.

## AGRADECIMENTOS

A Deus e aos bons espíritos, por soprarem os ventos que me trouxeram até aqui.

Aos meus pais, primeiros professores e melhores exemplos: Vanderley Pereira, pela inspiração, e Graça Secundino, por seu sempre presente e incondicional apoio.

Ao meu marido Marcos Treigher, pelas indicações filosóficas e nossa maravilhosa biblioteca. Também por compreender minha ausência e assumir, tantas vezes, a minha parte no cuidado com os nossos amados filhos.

À professora Ângela Linhares, por sua atenciosa orientação, repleta de entusiasmo, carinho e respeito.

Aos professores, colegas e funcionários da Faculdade de Educação da UFC, por estarem comigo nesse percurso, partilhando a riqueza de seus dons.

Aos sujeitos de minha pesquisa, por sua disponibilidade, confiança e entrega.

Aos muitos amigos que me ofereceram auxílio, especialmente: Marcôncio Moura, Tânia Pinheiro, Manuela Páscoa, Cláudia Leite e Sésio Santiago, por me guiarem os primeiros passos desse percurso; Joana Angélica, cujas dicas foram preciosas recomendações; Guilherme Collares e Victor Hais, por me emprestarem seu conhecimento em inglês; Victor Hugo Alencar, por sua assistência sobre questões éticas; Tamara Larripa, por ser meu anjo da guarda na FACED.

Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final; sim, a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade. (BÍBLIA, p.2015).

## RESUMO

A presente pesquisa objetiva compreender de que maneira o Espiritismo atua na vida dos sujeitos de sua educação, na perspectiva de fundamentar uma disciplina de Educação para a Imortalidade. Ela começa por uma revisão de literatura nas áreas de Saúde e Educação, especificamente dos recentes estudos sobre a morte e o morrer, que envolvem Cuidados Paliativos e Tanatologia, a fim de demonstrar de que forma a espiritualidade chega, como um tema a ser pesquisado, ao âmbito acadêmico. Daí, passa à apresentação do Espiritismo, doutrina codificada por Allan Kardec, e à reflexão sobre como ela dialoga com a Filosofia em Platão e Henri Corbin, e com a Psicologia Transpessoal, especialmente os autores Stanislav Grof e Roger Woolger. Em seguida, desvela como a doutrina espírita se insere nas mudanças paradigmáticas da pós-modernidade, como expressão do Paradigma do Espírito, que propõe veja-se o ser humano em sua multiplicidade bio-psíquico-espiritual, num constante processo educativo. Por fim, apresenta a análise crítica de materiais produzidos em pesquisa (auto)biográfica, fundamentada na metodologia de Josso, Delory-Momberguer, Ferrarotti e Pineau, a partir de entrevistas narrativas com sujeitos que tiveram proximidade com a morte, seja a própria, seja a de alguém das suas relações. Por fim, evidencia os desdobramentos da educação espírita sobre os indivíduos e a sociedade e conclui, demonstrando ser possível e necessária uma Educação para a Imortalidade.

**Palavras-chave:** Saúde Mental. Psicologia Transpessoal. Educação. Educação para a Imortalidade. Imortalidade. Espiritismo. Paradigma do Espírito. Espiritualidade.

## ABSTRACT

The present research aims to comprehend in which ways Spiritism takes action in the lives of subjects of its education, in the perspective of providing foundation to a discipline of Education for Immortality. It starts by presenting a review of literature in the areas of Health and Education, specifically regarding recent studies about death and the dying process, that involve Palliative Care and Thanatology, with the objective of demonstrating in which ways spirituality arrives, as a matter to be researched about, in the academy. From there, the research moves to the introduction to Spiritism, doctrine coded by Allan Kardec, and to the reflection over how it communicates with Philosophy in Plato and Henri Corbin, and with Transpersonal Psychology, specially the authors Stanislav Grof and Roger Woolger. Following that, the present study unveils how Spiritism inserts itself in the paradigmatic changes of post-modernity, as expression of the Paradigm of the Spirit, which proposes the human being to be seen in its bio-psychic-spiritual multiplicity, in a constant educational process. Finally, the research presents the critic analysis of material produced in (auto) biographic research, founded in the methodology of Josso, Delory-Momberguer, Ferrarotti and Pineau, from narrative interviews with subjects that had proximity with death, being it of themselves or of close acquaintances. Lastly, the the present paper states the unfolding of Spiritism Education regarding individuals and society and concludes, demonstrating to be possible and necessary an Education for Immortality.

**Keywords:** Mental Health. Transpersonal Psychology. Education. Education for Immortality. Immortality. Spiritism. Paradigm of the Spirit. Spirituality.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO: SOBRE VIVER ALÉM DA MORTE</b> .....	10
<b>1.1</b>	<b>Para onde caminha essa pesquisa</b> .....	14
<b>1.2.</b>	<b>Escolhendo um percurso metodológico</b> .....	14
<i>1.2.1</i>	<i>Instrumentos planejados e improvisação</i> .....	16
<i>1.2.2</i>	<i>Sujeitos, entre vivos e mortos</i> .....	18
<i>1.2.3</i>	<i>E o que resulta disso tudo</i> .....	20
<b>2</b>	<b>ESPIRITISMO EM PAUTA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS</b> .....	22
<b>2.1</b>	<b>Espiritismo e Ciência</b> .....	22
<b>2.2</b>	<b>Espiritismo e Educação</b> .....	28
<b>2.3</b>	<b>Espiritismo e Psicologia</b> .....	31
<b>2.4</b>	<b>Espiritismo e Filosofia</b> .....	41
<b>3</b>	<b>A EMERGÊNCIA DO PARADIGMA DO ESPÍRITO</b> .....	52
<b>3.1</b>	<b>Quando o paradigma materialista conduz ao paradigma do Espírito</b> .....	52
<b>3.2</b>	<b>O retorno ao ser espiritual e a sacralização do mundo material</b> .....	57
<b>3.3</b>	<b>Do sentido da vida vem o sentido para o sofrimento e a morte</b> .....	60
<b>4</b>	<b>ITINERÁRIOS EM PERSPECTIVA DA IMORTALIDADE</b> .....	66
<b>5</b>	<b>SAULO: A CAMINHO DE DAMASCO</b> .....	68
<b>5.1</b>	<b>A experiência do numinoso</b> .....	68
<b>5.2.</b>	<b>A metanoia</b> .....	71
<b>5.3</b>	<b>As consolações</b> .....	71
<b>5.4</b>	<b>A dúvida</b> .....	72
<b>5.5</b>	<b>A passagem pelo vazio</b> .....	75
<b>5.6.</b>	<b>O estado de transformação</b> .....	76
<b>5.7</b>	<b>O retorno à vida cotidiana</b> .....	81
<b>5.8</b>	<b>Então...</b> .....	90
<b>6</b>	<b>CHARLES: ERA UMA VEZ UM FILHO FIEL</b> .....	94
<b>6.1</b>	<b>A experiência do numinoso</b> .....	97
<b>6.2.</b>	<b>A metanoia e as consolações</b> .....	99
<b>6.4</b>	<b>A dúvida</b> .....	101
<b>6.5</b>	<b>A passagem pelo vazio</b> .....	107

6.6.	<b>O estado de transformação</b>	110
6.7	<b>O retorno à vida cotidiana</b>	112
6.8	<b>Então...</b>	115
7	<b>EVA: VIDA, MORTE E RESSURREIÇÃO</b>	117
7.1	<b>A experiência do numinoso</b>	118
7.2.	<b>A metanoia</b>	119
7.3	<b>As consolações</b>	121
7.4	<b>A dúvida e a passagem pelo vazio</b>	128
7.5.	<b>O estado de transformação e o retorno à vida cotidiana</b>	129
7.6	<b>Então...</b>	131
8	<b>REFLEXÕES A PARTIR DOS RESULTADOS</b>	132
8.1	<b>Sobre as reverberações da educação espírita em seus sujeitos</b>	133
8.1.1	<i>Transformando o passado ruim em um bom futuro</i>	134
8.1.2	<i>Quem se conhece, cresce</i>	135
8.1.3	<i>Mergulhados uns nos outros</i>	136
8.1.4	<i>Culpa e busca neurótica de perfeição</i>	137
8.2	<b>Sobre como a imortalidade propicia releituras de vida</b>	138
8.2.1	<i>Ressignificando perda e luto</i>	139
8.2.2	<i>A morte como conselheira</i>	139
8.2.3	<i>Todo fim é um começo</i>	140
9	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: RECOMENDAÇÕES</b>	142
	<b>REFERÊNCIAS</b>	146

## 1 INTRODUÇÃO: SOBRE VIVER ALÉM DA MORTE

“Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos!” (BÍBLIA, p. 1986).

Em meio a uma crescente humanização das ciências (SANTOS, 2010), as últimas décadas foram marcadas pelo aumento de pesquisas e estudos científicos que envolvem a morte e o processo de morrer, especialmente nas áreas da saúde (GROF; GROF, 2001; GROF, 1998, 2000; CASSORLA, 1991; KÜBLER- ROSS, 2008). A partir deles surgiram, em cursos de Medicina, Enfermagem e Psicologia nos Estados Unidos, no Brasil e no mundo, aulas que discutem a morte e o processo de morrer (SANTOS; INCONTRI, 2010), disciplinas de Tanatologia (KOVÁCS, 2009; SANTOS, 2009a, 2009b) e Psicologia da Morte (KOVÁCS, 2009) e, para citar especificamente o Brasil, um projeto de Educação para a Morte, do ensino fundamental à universidade (INCONTRI; BIGHETO, 2004, 2008; SANTOS; INCONTRI, 2010).

A Educação para a Morte, como disciplina, resultou de um movimento que se iniciou em 1959, quando o psicólogo Herman Feifel, lançou o livro “The Meaning of Death”, que trazia contribuições de diversos autores sobre a morte e o processo de morrer (SAPORETTI, 2009). A partir dele, o estudo sobre o tema ganhou uma nova abordagem, sobretudo após as contribuições de Elizabeth Kübler-Ross e Cicely Saunders, que resultaram na atual medicina paliativa. *Cuidados paliativos* são abordagens que buscam, por intermédio de acompanhamento físico, psicológico e espiritual, promover a melhor qualidade de vida dos pacientes e familiares que enfrentam doenças ameaçadoras da vida (SANTOS, 2009a e 2009b). Por isso, educar para a morte está intrinsecamente relacionado com o paliativismo. Afinal, foi nos hospitais - onde notadamente os avanços científicos-tecnológicos prolongaram o morrer -, que se despertou para a necessidade não apenas de aliviar os sintomas desagradáveis dos pacientes, como também de integrar os aspectos psicológicos e espirituais seus, dos seus cuidadores e das suas famílias. Foi pelo cuidado com a saúde que o olhar para a morte, que entrava no século XX marcado pela convicção do fracasso médico (ARIÉS, 2003), se tornou o fundamento de uma forma de educação para a vida (SANTOS, 2009a e 2009b).

Como psicóloga de orientação transpessoal, atuante na clínica e na docência, tive a oportunidade de muitas vezes entrar em contato com a disciplina de Educação para a Morte. Pude observar que ela se concentra nos fenômenos que envolvem o morrer, na minoração do sofrimento de quem está gravemente enfermo, no suporte aos profissionais e familiares que lidam com a morte, na conscientização das pessoas sobre sua própria finitude, na abordagem do tema em escolas e universidades, na compreensão das crenças e práticas religiosas como auxiliares no enfrentamento da doença, do luto e da morte (KOVÁCS, 2009). Aprende-se, nessa disciplina, a valorizar o momento presente, associado a um *sentido de vida*, a uma meta (FRANKL, 2008; LESHAN, 1992). Este sentido ou meta aumenta a capacidade de resiliência, de enfrentar as dificuldades (LESHAN, 1992; LORIMER, 1992; SANTOS, 2009b; SANTOS; INCONTRI, 2010 ). Tudo passa, até nós mesmos, e o mais importante é o que fazemos enquanto estamos aqui, o quanto aproveitamos a vida, as pessoas, as circunstâncias.

Contudo, observei igualmente que a discussão sobre a *imortalidade*<sup>1</sup>, ou sobre a possibilidade de uma vida além-túmulo - tema inevitavelmente atrelado ao fenômeno da morte, mas também metafísico demais para ser contemplado pelo paradigma científico moderno -, não é estimulada nem mesmo nessa disciplina e, quando acontece, é para ser configurada como uma questão de fé religiosa, ou uma tentativa de compensar a certeza da morte. Vejo nisso uma omissão. Sem dúvida, há um movimento de superação do *tabu da morte* (RODRIGUES, 1986), mas a respeito do *tabu da imortalidade*, ainda domina o silêncio. Como se esse tema não competisse à ciência.

Não apenas pela minha profissão, mas também por minhas convicções pessoais de estudiosa do Espiritismo, que muito cedo me levou ao trabalho voluntário de visitas hospitalares, pude ver a morte de perto, algumas vezes. Uma dessas mortes foi a do meu próprio pai, também espírita. Ele morreu numa UTI, após um transplante cardíaco, em decorrência de infecção hospitalar. Foi um processo que, passada a cirurgia, durou um mês; mas, se contarmos desde a notícia do seu raríssimo sarcoma de coração, decorreu pouco mais de um ano. Durante esse tempo, eu, ele e nossa família acreditávamos que sua vida não terminaria, nem mesmo se morresse. Não apenas isso. Estávamos certos de que, por ter

---

<sup>1</sup> Compreende-se imortalidade como a permanência da individualidade após a morte do corpo, numa dimensão ou mundo espiritual, na condição de espírito.

realizado a *reforma íntima* (transformação pessoal por meio do autoconhecimento), papai havia conquistado uma boa existência após a morte. E essa certeza não era fruto apenas da fé, mas da *educação espírita*. A educação espírita é o resultado do conhecimento do Espiritismo. Ela nos deu, a mim, meu pai e minha família, a certeza de que o espírito de papai prosseguiria vivendo, e em paz, no mundo espiritual.

Recordo que quando ele respirou pela última vez, em coma induzido, estava com as mãos repousadas nas minhas e da minha irmã. Logo depois, mamãe e meu irmão chegaram e, ao se aproximarem do leito, se uniram ao nosso silêncio meditativo. O médico que o acompanhava, comentou: “Nunca vi uma família tão bonita.” Ele se referia à nossa atitude diante da morte.

Dessa experiência nasceu a ideia da presente pesquisa. Com ela proponho trazer a *imortalidade* (e não apenas a morte), a partir do referencial espírita, e como possibilidade fundamentada em experimento e racionalização, para o debate acadêmico no contexto da Educação. Por que Educação? Porque a perspectiva da imortalidade constitui uma fonte adicional de contribuições educacionais, urgentes numa época em que, como afirma Santos (2010), é necessário perguntar-se pelas relações entre ciência e virtude, ou sobre qual o contributo positivo e negativo do saber científico para a nossa felicidade e o enriquecimento ou empobrecimento prático de nossas vidas.

No grave contexto em que nos encontramos, quando ao lado de grandes avanços técnicos-científicos é mantida a exploração do homem pelo homem, e a própria natureza se ressentida de abusos cometidos em nome do enriquecimento e da dominação; e quando ameaças de bombas atômicas e armas químicas apontam para uma possível destruição planetária; quando a humanidade tem sua existência desafiada por pandemias céleres e cada vez mais devastadoras; quando depressão e suicídio assumem proporções alarmantes nas sociedades, é necessário resgatar a dimensão espiritual para dialogar com a produção de conhecimento humano. Pois, sendo uma dimensão que confere sentido à vida e pela qual todos os seres se irmanam na experiência de pertencimento, a espiritualidade emerge como um tema recorrente no contexto dos novos paradigmas científicos, a partir de teorias como a dos sistemas e a da complexidade.

Por meio de diálogos multirreferenciados (ARDOINO, 1998), a dimensão espiritual aos poucos retorna para a academia, tendo como pano de fundo a Educação,

enquanto processo formador que perpassa todos os saberes e que reflete, essencialmente, a busca do ser pelo conhecimento de si mesmo. Conhecimento no qual se insere a perspectiva da imortalidade, aqui examinada pelo viés do Espiritismo.

E por que *Espiritismo*? Espiritismo é uma doutrina de tríplice aspecto - científico, filosófico e religioso -, surgida no século XIX, na França, com base em pesquisas acerca da comunicação com os espíritos dos mortos. Cabe esclarecer que o significado do termo “doutrina”, aqui utilizado, é indicador de um conjunto de teorias, noções e princípios que, coordenados entre si, organicamente, fundamentam um conhecimento (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 2010). Seu fundador, o pesquisador Hippolyte Léon Denizard Rivail, cognominado Allan Kardec, foi à época um reconhecido pedagogo, formado pelo Instituto Pestalozzi, em Yverdon, e que, por conta disso, imprimiu às suas conclusões um acentuado viés educador (INCONTRI, 2006). Uma dessas conclusões foi que após a morte existe um mundo espiritual (KARDEC, 2015a, 2013a, 2013b), em que permanece vivo o espírito - *continuum* do ser humano nessa outra dimensão. Ali, a realidade psíquica é que prevalece e não há disfarces que possam esconder as vontades e desejos de cada consciência, que pela morte são absolutamente desnudadas (BOZZANO, 2004; DENIS, 1994).

Significa que no pós-morte, o espírito que estiver cheio de raiva ou culpa, e apegado à matéria, viverá mergulhado num estado consciencial tormentoso; mas se carregar consigo virtudes, sobretudo amor, e estiver desapegado, experimentará a plena felicidade, como um estado de paz (BOZZANO, 2004; DENIS, 1994, 1998a; KARDEC, 2013a, 2013b). Portanto, o que se espera, o objetivo maior da vida, segundo o Espiritismo, é chegar à morte em condições de obter esse estado de paz no mundo espiritual. Para esse objetivo o esforço na prática do bem não se dá apenas no momento em que se está morrendo, nem com o cumprimento de qualquer ritual, frequência a nenhum templo, ou aceitação de qualquer dogma. Ele se revela no cotidiano, numa vida espiritualizada, dedicada ao exercício da bondade e da caridade, qualidades contidas no preceito cristão da fraternidade (BOZZANO, 2004; KARDEC, 2013a).

Portanto, o Espiritismo, ao apontar um caminho ético para a autorrealização, compreendendo a pessoa humana como um ser transcendente, que vive para além da morte, estabelece uma forma de educação moral (INCONTRI, 2000), e educação voltada para a imortalidade. Daí a escolha pela doutrina espírita como referência para essa pesquisa, em que

assumi como questão norteadora a pergunta: “De que maneira o Espiritismo afeta os seus sujeitos, a sua psicologia, a sua saúde mental, no dia-a-dia e frente às adversidades, especialmente em situações extremas de contato com a experiência do morrer?”

Especifiquei o morrer porque sendo a morte, por um lado, um evento culminante, em que se reflete sobre o sentido da existência, e por outro, a porta que na convicção do espírita se abre para o mundo espiritual, ela constitui o âmago da reflexão acerca da imortalidade.

### **1.1 Para onde caminha essa pesquisa**

Em suma, constitui objetivo geral desta pesquisa: analisar como os sujeitos da educação espírita vivenciam o conhecimento a respeito da sobrevivência da alma à morte do corpo, no enfrentamento da vida e suas adversidades, especialmente nas situações extremas de contato com a morte, tendo em vista fundamentar uma Educação para a Imortalidade.

A partir do que se desdobraram os seguintes objetivos específicos:

- a) investigar as reverberações do conhecimento espírita, enquanto educação que tem em perspectiva a imortalidade, no curso da vida de seus sujeitos;
- b) conhecer a influência da educação espírita no enfrentamento da morte e do morrer, por parte dos seus sujeitos;
- c) compreender como a psicologia, enquanto dimensão do sujeito que se educa, dialoga com a noção de espírito imortal, presente no conhecimento espírita;
- d) identificar interrelações possíveis entre a compreensão espírita de morte e imortalidade e os paradigmas emergentes na pós-modernidade.

### **1.2 Escolhendo um percurso metodológico**

A presente pesquisa estabelece um diálogo entre pelo menos três eixos do conhecimento: Espiritismo, Psicologia e Educação, que são os três eixos da minha formação pessoal. Algo compreensível, uma vez que, como afirma Incontri (2014, p. 17): “[...] não há ideia, seja em que domínio for do conhecimento, que esteja apartada da personalidade que a formulou”. A Psicologia me permitiu conhecer que não existe uma única produção humana

que se dê desprovida de aspectos subliminares, chamados, em escolas analíticas como as de Freud e Jung, de conteúdos inconscientes. Nas ciências humanas em geral, tais conteúdos participam do que se chama subjetividade. Como argumentam Abud e Teive (2014, p.61): “Nossas escritas articulam-se com nossas práticas teórico-políticas e metodológicas, com nossas escolhas, são permeadas de subjetividade, inscrevem-se, incorporam-se aos nossos corpos e almas.” De forma que não pretendo uma improvável neutralidade na realização desse trabalho. Afinal, multiplicidade, pluralidade, imprevisibilidade e incerteza são aspectos do momento contemporâneo e devem ser contemplados na produção dos conhecimentos científicos (ABUD; TEIVE, 2014). Para interpretar e compreender os discursos acerca da realidade, torna-se urgente uma concepção de pesquisa que considere a sobreposição e a interdependência dos múltiplos textos presentes no cotidiano (ABUD; TEIVE, 2014).

Portanto, ao buscar um caminho que conduzisse aos objetivos propostos acima, optei pela *pesquisa qualitativa*. Escolho-a por configurar, na prática, o método que perpassa não apenas os aspectos da subjetividade, como também os da interdisciplinaridade e multidimensionalidade (BOSI e MERCADO, 2004). Tendo em vista que a presente pesquisa dialoga com muitos saberes e dimensões, seja a existencial, a biográfica, a espiritual, a social, entendi ser necessária uma abordagem que acesse múltiplas vozes, por meio de instrumentos que através delas viabilizem saber “qual a origem das explicações fornecidas e quais experiências culturais e sociais influenciaram os olhares sobre determinado fenômeno” (ABUD; TEIVE, 2014, p.64). Este é o diferencial da abordagem qualitativa.

Segundo Flick (2009), não há uma definição absoluta, unânime, para o que é uma abordagem qualitativa. Entretanto, o mesmo autor afirma que é a que melhor se aplica quando se procura entender um fenômeno de dentro, a nível da compreensão dos significados, e não apenas da análise quantitativa. Tal foi a minha procura, tanto que, como método de pesquisa, dentro dessa abordagem, escolhi *história de vida ou método (auto)biográfico*. Como psicoterapeuta, aprendi a ouvir histórias de vidas, pois há quase duas décadas trabalho escutando-as, por dizer diariamente, no meu consultório. Os sujeitos em terapia falam de si, olham para si mesmos e suas trajetórias, de forma reflexiva, traçando conexões entre eventos, emoções, sensações. Admitindo, em consonância com Nóvoa e Finger (2010, p. 24, grifos dos autores), que “o **método biográfico** permite que cada pessoa identifique na sua própria **história de vida** aquilo que foi realmente formador”, com ele me afino por ser psicoterapeuta.

Naturalmente, a condição de pesquisadora me solicita outra postura. Narrar uma história de vida para fins de pesquisa não deixa de trazer seu contributo para a formação do sujeito, mas o enfoque maior está na produção do conhecimento, objetivo do trabalho científico. Se aqui registro minha prática como psicóloga, é por reconhecer que ela se relaciona com a minha escolha metodológica, uma vez que “o pesquisador é sempre influenciado por valores e experiências pessoais, familiares e profissionais” (ABUD; TEIVE, 2014, p.64).

### ***1.2.1 Instrumentos planejados e improvisação***

Ao reconhecer no Espiritismo o seu valor heurístico, quando se pretende conhecer os desdobramentos de uma Educação para a Imortalidade, elegi a metodologia do estudo biográfico, precisa e válida em pesquisa antropológica (JOSSO, 2002, 2010; DELORY-MOMBERGUER, 2008; FERRAROTTI, 2010; PINEAU, 2006). Dentro dela, adotei como instrumentos a *escrita (auto)biográfica* e a *entrevista narrativa*, aplicados a um número reduzido de sujeitos.

De acordo com Ferrarotti (2010), os sistemas sociais estão integrados em cada história de vida e o conhecimento daqueles que os constituem é também conhecimento da história da sociedade. Por tal princípio, a partir da singularidade de algumas poucas histórias - no caso, três - torna-se possível conhecer a generalidade da educação espírita, tomando por base que cada vida humana revela, até em seus aspectos mais particulares, uma síntese da história social, porquanto: “Um homem nunca é um indivíduo; seria melhor chamá-lo um universal singular: ‘totalizado’ e, por isso mesmo, universalizado pela sua época, ‘retotaliza-a’ reproduzindo-se nela enquanto singularidade.” (FERRAROTTI, 2010, p.51)

Para dois participantes da pesquisa, recorri à entrevista narrativa, gravada após sua autorização. Em seguida, sozinha, realizei a necessária gravação dos áudios. Optei pela entrevista por permitir acessar mais profundamente a subjetividade de cada entrevistado, uma vez que promove a escuta de suas próprias palavras e permite captar as entonações, emoções e sentimentos que as acompanham, desnudando suas estruturas psicológicas (NÓVOA; FINGER, 2010). Por ser um procedimento interativo e dinâmico, que permite a reciprocidade relacional, esse instrumento leva o sujeito à ressignificação das formas e conteúdos de suas

histórias no próprio ambiente da pesquisa. Sua dinâmica psicológica é acessada no tempo presente e na espontaneidade do momento.

Apenas com um dos sujeitos usei, em lugar da entrevista, a escrita (auto)biográfica, porque ele é o meu falecido pai. Em grande parte sou eu a narradora de sua vida, que está naturalmente entrelaçada com a minha, de modo que também faço autobiografia, por escrever, do meu ponto de vista, algumas das experiências que tive a seu lado; mas ele também é narrador da própria história, haja vista ter realizado, em vida, uma considerável produção literária, da qual selecionei e transcrevi trechos. Além disso, tive algumas conversas com sua viúva, minha mãe, a fim de esclarecer pontos obscuros da minha memória. Essas conversas aconteceram despretensiosamente, sem que houvesse qualquer planejamento anterior, por meio de mensagens de texto e voz, trocadas por celular, porquanto atravessávamos a pandemia de Coronavírus e estávamos em isolamento social. Acabei transcrevendo no trabalho trechos do que foi dito por ela, por ilustrarem melhor os dados da experiência.

Com base nesse fato, em meio à experiência da referida pandemia, que matou milhares de pessoas no mundo inteiro, me ocorreu fazer alguns acréscimos instrumentais. Aqui, um parêntese se abre no meio do planejamento. Uma improvisação, uma atitude fenomenológica me autoriza a ser leal à experiência, a libertar-me do convencional e a acolher o fenômeno tal como ele se apresenta. Neste momento, já realizadas as primeiras gravações das entrevistas, tornei a contactar os entrevistados para solicitar que me enviassem, por seus aparelhos celulares, áudios em que relatassem como estavam encarando aquele grave momento de suas histórias, que é também um momento na História. Esses áudios foram acrescentados às entrevistas, igualmente transcritos, e se somaram ao material produzido, enriquecendo o panorama da pesquisa.

Como se pode observar, acho importante registrar, por não ser uma prática comum no cenário da produção científica, que deliberei fazer uso da primeira pessoa do singular ao realizar a presente produção. Isso porque, de acordo com Oliveira (2015), a construção impessoal é uma estratégia retórica que procura transferir a responsabilidade pelos resultados de uma pesquisa para os dados factuais. Esclarece o autor que a origem do tabu científico que convencionou o uso exclusivo da terceira pessoa está na Era Moderna, quando se determinou que a pesquisa científica deveria convencer por si mesma e sobrepor-se à pessoa do

pesquisador, evidenciando o problema e sua solução. Contudo, sabe-se que há sempre uma subjetividade subliminar e inevitável; o resultado de qualquer pesquisa passa pela interpretação do pesquisador, cujos pressupostos acabam reflexos em suas conclusões. Onde se depreende que a lógica do convencimento, atualmente, é diversa da tradicional: precisamos saber quem afirma e quais as suas premissas, para que possamos atribuir valor à afirmação (OLIVEIRA, 2015). A despessoalização do discurso, ao invés de validar, deixa na penumbra o próprio compromisso do autor com o resultado; ao mesmo tempo que, se o texto destaca a presença de quem o elabora, ele tem o efeito de convidar o leitor à reflexão, como partícipe e interlocutor. A presença evidenciada do autor no discurso, destaca-lhe o direito autoral, e ele claramente responde pelo resultado de seu trabalho (OLIVEIRA, 2015). Afinal: “Não existe neutralidade, por isso não se justifica o apagamento da autoridade.” (OLIVEIRA, 2015, p. 10).

Dessa forma, ao me colocar em primeira pessoa do discurso procuro, sem prejuízo do rigor e da seriedade do processo, mas também sem exageros normativos, revelar-me como o que verdadeiramente fui e sou: agente e participante do corrente trabalho, que nele procurei imprimir, além dos resultados, o tom de testemunha viva do próprio relato.

### ***1.2.2 Sujeitos, entre vivos e mortos***

A escolha dos participantes da pesquisa não obedeceu a critérios representativos de sexo, idade, classe social, região do país, ou quaisquer dados que possam ser quantificados. Tratando-se de uma análise qualitativa, de profundidade, cujo foco se encontra no desvelamento das subjetividades, no conhecimento das transformações de vida proporcionadas pelo Espiritismo, optei por um reduzido número de indivíduos. Como afirma Ferrarotti, (2010, p.45, grifos do autor), “[...] se todo indivíduo é a reapropriação **singular** do **universal social** e histórico que o rodeia, **podemos conhecer** o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual.” Portanto, procurei indivíduos que apresentassem as condições a seguir, necessárias para o objetivo da presente investigação:

- a) considerar-se espírita kardecista;
- b) ter estudado o conteúdo da doutrina espírita de forma contínua e disciplinada por pelo menos dois anos;
- c) ter tido contato com a morte, direta ou indiretamente.

Como se vê, não condicionei a escolha dos sujeitos à frequência a qualquer centro espírita, uma vez que, como esclarece Pires (1993), o Espiritismo não é uma doutrina que está nos centros espíritas ou na prática da comunicação com os espíritos, mas nos livros, onde precisa ser estudada. Ser adepto do Espiritismo, ou ser *espírita*, ou ainda *espiritista*, requer estudo, uma vez que já afirma Kardec (2013b, p.31): “O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se lhe dá.” Mas, além do estudo que fundamenta convicções relativas à existência e manifestação dos espíritos, ser espírita inclui outro aspecto: “Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.” (KARDEC, 2013a, p.235). Em suma: “Trata-se, pois, não de fazer sessões, provocar fenômenos, procurar médiuns, mas de debruçar o pensamento sobre si mesmo, examinar a concepção espírita do mundo e reajustar a ela a conduta através da moral espírita.” (PIRES, 1993, p.21).

Com base em tais premissas, procurei para sujeitos da pesquisa tipos que considero metafóricos, por sintetizarem as características do espírita kardecista. Uso o termo “kardecista” porque praticantes de algumas vertentes da Umbanda, religião afro-brasileira, que sincretiza Catolicismo, Espiritismo, cultos africanos e indígenas, por vezes se auto-denominam espíritas. Sendo que o próprio Espiritismo, conforme expõe Doyle (2017), tem suas diferentes escolas, como a inglesa, a russa e a francesa, de Allan Kardec, de onde veio o Espiritismo brasileiro. Para Stoll (2003) o Espiritismo kardecista, ao chegar ao Brasil, sofreu uma forte influência católica e muitas vezes pessoas que apenas participam de atividades promovidas pelo movimento espírita, consideram-se espíritas, embora nem sempre se encaixem nas características elencadas acima. Por isso, me ative à descrição kardeciana do adepto do Espiritismo.

Como não há um mecanismo de controle e avaliação que me permita checar a profundidade do conhecimento espírita, senão as próprias afirmações dos seus conhecedores, escolhi sujeitos que disseram ter estudado por pelo menos dois anos a obra kardeciana, em especial “O Livro dos Espíritos”, por ser ela a que melhor contempla a totalidade da doutrina dos espíritos. Dois anos é o período de duração de muitos cursos de formação e foi, aproximadamente, o tempo levado por Allan Kardec para pesquisar e escrever a obra citada. Alguém que estude disciplinada e continuamente um mesmo tema por dois anos, decerto pode ser considerado um conhecedor desse tema. Dois anos, por exemplo, é a duração do curso de mestrado em que se produziu a presente pesquisa.

Com o propósito de conhecer aspectos relacionados a uma educação fundamentada na crença na imortalidade, considerei necessária a presença da morte nas experiências dos sujeitos. Quando se vê a morte de perto é que se sabe o quão profundamente a convicção na imortalidade pode afetar a vida. A experiência de morte, porém, pode acontecer tanto por via direta, como indiretamente, no caso de se acompanhar a morte de terceiros. De forma que deliberei eleger pessoas que tivessem adoecido ou se acidentado gravemente - situações em que a morte se fez iminente -, ou que testemunharam o morrer de amigos e/ou familiares. Daí ter escolhido para sujeitos dessa investigação: duas pessoas vivas e uma morta.

### ***1.2.3 E o que resulta disso tudo***

Surgido o material, com as entrevistas e mensagens de áudio gravadas no aparelho celular, realizei suas transcrições e análise, procurando apreender os significados das falas dos sujeitos, considerando o contexto de cada um e referenciando-me na abordagem conceitual que apresentarei adiante. Meu intento foi concretizar, na redação, uma análise sistemática baseada na qualidade, até porque num trabalho desta natureza não há pretensão de atingir o limiar da representatividade. Uma vez analisados os dados obtidos, articulados com conceitos e teorias, surgiram os resultados finais.

Nesse percurso, procurei identificar nos sujeitos:

- a) o desenvolvimento do sentimento religioso que leva à perda do medo da morte;
- b) o estímulo para enfrentar aflições, moderar desejos e evitar o suicídio;
- c) a ampliação do comportamento indulgente;
- d) a preocupação com o bem estar da sociedade e o conseqüente comprometimento com a transformação do mundo.

No capítulo “Espiritismo em Pauta: Diálogos Possíveis” estabeleço um suporte teórico para a pesquisa, através de revisão bibliográfica, na qual recorro a autores da Ciência, Educação, Filosofia e Psicologia, colocando-os em diálogo com o Espiritismo. Demonstra-se, dessa maneira, a atualidade do conhecimento espírita que, surgido na Era Moderna, foi antecipatório de muitas críticas pós-modernas.

No capítulo “Emergência do Paradigma do Espírito”, mostro como o Espiritismo se encontra na revolução paradigmática atual, enquanto Paradigma do Espírito. Ao relacionar método experimental e metafísica, a doutrina dos espíritos traz uma visão do ser humano como ser espiritual, e da vida como vida imortal, num constante processo educativo.

No capítulo “Itinerários em Perspectiva da Imortalidade”, a parte prática propriamente dita, faço a abertura dos três capítulos seguintes, que são constituídos de histórias de vidas de sujeitos da educação espírita. Apresento as categorias a partir das quais será apreendida a análise dos conteúdos.

Segue-se, nos capítulos “Saulo: A Caminho de Damasco”, “Charles: Era Uma Vez Um Filho Fiel”, “Eva: Vida, Morte e Ressurreição”, a apresentação dos conteúdos de três histórias de vidas, nas quais me detenho na análise dos efeitos de uma educação espírita sobre os relacionamentos interpessoais e comportamentos auto-destrutivos, a iminência da própria morte, a perda dos entes queridos e a relação com a sociedade.

A seguir, em “Reflexões a Partir dos Resultados”, expresso o resultado da pesquisa, sem, de forma alguma, pretender esgotar o debate sobre a necessidade da compreensão do ser espiritual - possivelmente imortal - nas dimensões de educação e saúde, como forma de amortizar a excessiva dureza da sociedade contemporânea, marcada pelo materialismo e a falta de sentido.

Finalmente, em “Algumas Recomendações” delinheiro os motivos para uma disciplina de Educação para a Imortalidade, a ser desenvolvida em futuros projetos.

## 2 ESPIRITISMO EM PAUTA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Se me amais, observareis meus mandamentos, e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito, para que convosco permaneça para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê nem o conhece. (BÍBLIA, p.1880).

Nenhum outro país, nem mesmo a França, berço do Espiritismo, tem um número tão expressivo de espíritas. A título de informação, de acordo com o censo demográfico de 2010 (IBGE, 2018), o número de brasileiros que se declararam espíritas na última década cresceu em relação à anterior. Passaram de 1,3% da população (2,3 milhões) em 2000 para 2,0% em 2010 (3,8 milhões). Além disso, uma boa parte desses espíritas se revelou concentrada nas classes de maior capital cultural (BOURDIEU; PASSERON, 1975): 31,5% dos espíritas possuem o ensino superior completo, enquanto apenas 1,8% não possuem instrução. O fato se deve ao Espiritismo ser extremamente concentrado no estudo. Sua proposta é formar um corpo doutrinário plural e racionalmente sustentado:

Na dúvida, abstém-te, diz um dos vossos velhos provérbios. Não admitais, portanto, senão o que seja, aos vossos olhos, de manifesta evidência. Desde que uma opinião nova venha a ser expedida, por pouco que vos pareça duvidosa, fazei-a passar pelo crisol da razão e da lógica e rejeitai desassombadamente o que a razão e o bom-senso reprovarem. Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea. Efetivamente, sobre essa teoria poderíeis edificar um sistema completo, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitardes hoje algumas verdades, porque não vos são demonstradas clara e logicamente, mais tarde um fato brutal, ou uma demonstração irrefutável virá afirmar-vos a sua autenticidade. (KARDEC, 2015b, p.246).

A seguir, apresentarei parte do conteúdo doutrinário espírita, em diálogos multirreferenciados com diferentes áreas do conhecimento.

### 2.1 Espiritismo e Ciência

O Espiritismo surgiu em 1857, em Paris. “O Livro dos Espíritos”, seu marco inaugural, traz uma seleção de perguntas e respostas, escolhidas e comentadas por Allan Kardec, a partir do fenômeno das *mesas girantes*. Tal fenômeno foi um passatempo no século XIX. Em frente a uma plateia, dentro de salões fechados, mesas comuns giravam, saltavam e estalavam, respondendo a questões elaboradas pelos presentes (WANTUIL, 1857).

Na França, noutros países da Europa, nos Estados Unidos e até no Brasil, essas experiências se repetiram, como revela o jornal “O Cearense”, de 1853, que noticiou a existência das mesas girantes até mesmo em Fortaleza:

Apareceu agora em Fortaleza um fato que despertou sumamente a curiosidade pública: quero falar-lhes das tábulas volteantes (*tables tournantes*) que embora tenham sido inventadas na América inglesa, os franceses deram carta de naturalização... (*Apud* WANTUIL, 1957, p.134).

A aparente brincadeira, porém, atraiu alguns pesquisadores, dentre eles, em 1845, o professor Hippolyte Léon Denizard Rival, pedagogo formado pelo Instituto Yverdon, de Pestalozzi, membro da sociedade científica Academia Real D’Arras, e autor de numerosas obras de educação, algumas adotadas pela Universidade de França (KARDEC, 2016; MAIOR, 2013; MOREIL, 1965; PRIEUR, 2015; SAUSSE, 2014). Foi para não confundir sua produção pedagógica com a literatura espírita resultante de suas investigações, que ele veio a adotar, depois, o pseudônimo Allan Kardec (MAIOR, 2013; PRIEUR, 2015).

Verdade que Kardec não era um cientista propriamente dito. Mas no tempo em que viveu, isso não constituía obstáculo para se fazer pesquisa científica, como veio a ocorrer um pouco depois. Foi sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, quando as pesquisas institucionais aumentaram muito, que os “amadores” foram praticamente excluídos da ciência (SHELDRAKE, 2013). Se fosse assim em meados do século XIX, a teoria da evolução das espécies precisaria de outro autor, porquanto Charles Darwin não tinha cargo institucional. Segundo Sheldrake (2013, p.27): “Ele era apenas um dentre muitos pesquisadores independentes que, sem depender de bolsas e sem a pressão conservadora da revisão anônima feita por seus pares, produziu trabalhos muito originais. Hoje, esse tipo de liberdade é quase inexistente.”

Como Darwin, Kardec fez ciência de forma independente. Certo que a tarefa de determinar se uma teoria pode ser enquadrada na categoria de ciência pertence à Filosofia da Ciência. Entretanto, essa disciplina, assim como tantos outros ramos do saber, vem se transformando e, atualmente, compreende-se como científico o conhecimento que traz em si as características de um programa de pesquisa progressivo (CHIBENI, 1988). Tal é o caso do Espiritismo:

Como método de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se

apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as conseqüências e busca as aplicações úteis. Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida; assim, não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram a posteriori confirmar a teoria: a teoria é que veio subseqüentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas. (KARDEC, 2015a, pp.22, 23).

Kardec impôs a si mesmo um método, ao reproduzir as mesas girantes em ambiente controlado, descartando fraudes e verificando hipóteses, até convencer-se de que eram realmente espíritos que se comunicavam (KARDEC, 2013b). Depois, passou a entrevistar os espíritos a respeito de problemas filosóficos e psicológicos, e sobre a natureza da vida após a morte. Observou nessas entrevistas que os espíritos eram simplesmente a humanidade espiritual e que, ao conversarem com a humanidade material, opinavam de acordo com o próprio e limitado conhecimento, como qualquer pessoa “viva”. Daí, concluiu “ser errôneo atribuir-se aos Espíritos todo saber e toda sabedoria” (KARDEC, 2015a, p.45), mas continuou a contatá-los, porque apesar de a morte não garantir sua ascendência moral ou intelectual, eles se encontravam numa dimensão privilegiada, no tocante à percepção da realidade. Por isso, asseverou:

É nisto que consiste a superioridade dos Espíritos com relação à humanidade corpórea e daí vem a possibilidade de serem seus conselhos, segundo o grau de adiantamento que alcançaram, mais judiciosos e desinteressados do que os dos encarnados. O meio em que se encontram lhes permite, ao demais, iniciar-nos nas coisas, que ignoramos, relativas à vida futura e que não podemos aprender no meio em que estamos. Até ao presente, o homem apenas formulara hipóteses sobre o seu porvir; tal a razão por que suas crenças a esse respeito se fracionaram em tão numerosos e divergentes sistemas, desde o nadismo até as concepções fantásticas do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os próprios atores da vida de além-túmulo que nos vêm dizer em que se tornaram e só eles o podiam fazer. Suas manifestações, conseqüentemente, serviram para dar-nos a conhecer o mundo invisível que nos rodeia e do qual nem suspeitávamos e só esse conhecimento seria de capital importância, dado mesmo que nada mais pudessem os Espíritos ensinar-nos. (KARDEC, 2013b, pp.45, 46).

Mesmo assim, foi além. Ciente de que o fenômeno mediúnicamente acontecia simultaneamente em diversos lugares do globo e constituía centros de estudos isolados, buscou comunicar-se com esses, pois era “necessário agrupar os fatos espalhados, para lhes apreender a correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos espíritos

sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para as comparar, analisar, estudar-lhes as analogias e as diferenças.” (KARDEC, 2015a, p.38). Assim procedendo, sancionou como verdadeiras apenas as revelações espirituais que, além de não ferirem a razão, se encaixavam em princípios de universalidade e concordância (KARDEC, 2013b; PRIEUR, 2015; SAUSSE, 2014).

Com a prática, concluiu que as mesas eram desnecessárias e que objetos mais simples - como lápis e papel - poderiam servir ao propósito das manifestações, desde que houvesse *médiuns*<sup>2</sup> para manipulá-los (KARDEC, 2013b). O local das reuniões passou, então, a ser utilizado não apenas para a comunicação com os espíritos, mas também para reflexões, trocas e discussões sobre o conteúdo que eles revelavam. (PRIEUR, 2015; SAUSSE, 2014).

Assim é que foi escrito “O Livro dos Espíritos”, ao mesmo tempo em que se formavam os primeiros centros espíritas. E em 1858, um ano depois de sua publicação, foi oficialmente fundada “a primeira sociedade regularmente constituída, sob a denominação de Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, cujo fim exclusivo era o estudo de quanto pudesse contribuir para o progresso da nova ciência” (KARDEC, 2016, p.19). A partir de estudos nela promovidos, e de correspondências com estudiosos na Europa e nas Américas, surgiu “A Revista Espírita”, considerada um “terreno de ensaio” (KARDEC, 2016, p.11), em que se publicavam esboços doutrinários mais ou menos desenvolvidos, antes que fossem admitidos como partes constitutivas do Espiritismo em formação. Através daí é que vieram as demais publicações de Allan Kardec, consideradas as obras basilares da doutrina espírita e que servem de referência para a presente pesquisa, junto a outros autores da fundação do Espiritismo, que versam sobre o *mundo espiritual*, compreendido tanto como mundo original, quanto como o destino do espírito após a morte (BOZZANO, 2004; DENIS, 1981, 1994, 1998a; DOYLE, 2017, 1990).

Segundo o Espiritismo, a morte existe como um fim de etapa, e não o fim da vida. Ela não é negada e está contida na lei natural que determina a destruição de tudo (KARDEC, 2015a). Porém, toda destruição é, na realidade, transformação. Pela morte, a matéria dos corpos é sempre reaproveitada, tenha sido cremada, sepultada, embalsamada etc. Mas o ser humano não é apenas um corpo material, é também um espírito encarnado, ou simplesmente

---

<sup>2</sup> Um médium é alguém que, por uma predisposição orgânica, pode intermediar relações entre os mundos material e espiritual, no que se chama *comunicação mediúnica*.

*alma*: princípio inteligente, potência da natureza e instrumento de Deus (KARDEC, 2015a). Daí que pela morte, a alma se liberta e retoma sua condição de *espírito*<sup>3</sup>. Como afirma Pires (2016, p.39): “Seria estranho, e até mesmo irônico que, num Universo em que nada se perde, tudo se transforma, o homem fosse a única exceção perecível, sujeito a desaparecer com os seus despojos.”

Saliento que a imortalidade defendida pelo Espiritismo não é uma especulação filosófica; ela é concluída pelo experimento e pela razão. Segundo Kardec (2015a, p.22):

Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje que estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres passivos, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações. Numa palavra, o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.

Embora seja notório que Kardec tenha sido um entusiasta da ciência positiva de sua época, ele conseguiu transcendê-la, ao admiti-la insuficiente para explicar os fenômenos que culminaram no Espiritismo. Kardec observou que a falha do pensamento científico de seus contemporâneos - motivo de fecharem os olhos para o que poderia acarretar numa profunda e salutar transformação da sociedade - estava no *monismo materialista*, isto é, na pretensão de “tudo se explicar com o auxílio apenas das leis da matéria.” (KARDEC, 2015a, p.24). Para explicar os fenômenos das mesas girantes, as incontestáveis manifestações dos espíritos, os eventos de “assombrações” que sempre aconteceram e se repetiam agora, seriam necessários novos princípios organizadores, não físicos e não materiais:

As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritas repousam na ação de

<sup>3</sup> Na literatura espírita, chama-se alma ao espírito encarnado, ou seja, a todos os seres humanos. Há também uma sutil diferença entre o uso da palavra espírito, com “e” minúsculo, e Espírito, com “E” maiúsculo. Sempre que se utiliza o “e” minúsculo, refere-se ao conceito de princípio inteligente criado por Deus, enquanto o “E” maiúsculo reporta-se a esta ou aquela individualidade, entidade ou ser espiritual. Tomarei a liberdade de usar o “e” minúsculo para ambos os significados, porque pouca distinção existe entre eles, e, na prática, isso se tornou indiferente. Mantenho o “E” maiúsculo apenas nas citações, caso os autores o tenham usado.

inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. **Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem.** (KARDEC, 2015a, p.28, grifo meu).

Aos novos procedimentos Kardec chamou *ciência espírita*, que divide em duas partes: uma *experimental* e outra *filosófica*. (KARDEC, 2013b). A parte experimental trata das manifestações mediúnicas, das condições para realizá-las, de como se conclui que são verdadeiramente expressões dos espíritos, de como os espíritos sendo imateriais podem agir sobre a matéria, da natureza e variedade das comunicações, dos riscos envolvidos. (KARDEC, 2013b). Como ciência, “tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva” (KARDEC, 2015a, p.41), e “estabelece como princípio absoluto somente o que se acha devidamente demonstrado, ou que ressalta logicamente da observação.” (KARDEC, 2015a, p.41). De forma que se novas descobertas demonstrarem que está errado algum aspecto de seu conteúdo, este deverá ser modificado (KARDEC, 2015a). A parte filosófica, sobre a qual falarei adiante, diz respeito ao conhecimento dos princípios que regem as relações entre o mundo espiritual e o material, sobre o passado e o futuro da alma humana, sobre Deus e suas leis etc. (KARDEC, 2013b).

Vê-se, portanto, que em seu aspecto científico, a doutrina espírita surgiu um passo à frente do próprio meio em que foi concebida, ultrapassando os paradigmas norteadores do seu tempo, numa antecipação da atitude pós-moderna.

Mencionei na abertura desse trabalho que atravessamos, na contemporaneidade, uma mudança paradigmática. Alguns autores falam em *revolução paradigmática*, mas é preciso ter cuidado com essa expressão, porque quando se fala em revolução, a tendência é pensar que algo velho será destruído para que o novo tome seu lugar. Essa forma de pensar é própria do paradigma tradicional, esse mesmo que está ruindo (VASCONCELOS, 2002). O paradigma tradicional trabalha em termos de “ou-ou”, enquanto o paradigma emergente foca em “e-e”. Significa que a mudança requer resgatar e integrar o velho, porém com o olhar voltado para o novo. Trata-se de uma ultrapassagem que não renega, mas que amplia, resgata e integra o antigo.

Segundo Vasconcelos (2002, p.163), “o cientista não pode resgatar a epistemologia tradicional. Pode resgatar apenas suas teorias, suas técnicas. Mas essas já não serão as mesmas, uma vez que também se transformaram na relação com esse dito cientista,

que agora tem um olhar novo sobre elas.” Isso me parece ter sido exatamente o que aconteceu com Kardec, quando no surgimento do Espiritismo. Seu modo de proceder é a do cientista novo paradigmático, que

[...]carrega, numa sacola a tiracolo, as técnicas, os recursos e os conhecimentos desenvolvidos pela ciência tradicional e sente-se livre para usá-los quando quiser. Porém, usa-los-á de modo completamente diferente de como o fazia antes dessa ultrapassagem. (VASCONCELOS, 2002, p.163).

O interessante é que ele fez isso quando o paradigma tradicional ainda estava no auge.

## 2.2 Espiritismo e Educação

Apesar das raízes europeias, passada a moda das mesas girantes, o movimento espírita decaiu na França e veio a se estabelecer fortemente no Brasil, onde encontrou condições psicossociais, etnológicas e culturais mais favoráveis (STOLL, 2003). Os brasileiros já estavam familiarizados com a concepção de seres espirituais e comunicações mediúnicas, devido a força das tradições indígenas e africanas (STOLL, 2003). Além disso, sendo este um país em que grande parte da população carecia de recursos necessários à sobrevivência (o que não mudou muito até hoje), nele pululavam as oportunidades para a prática da caridade, um dos baluartes do Espiritismo (STOLL, 2003).

Pouco depois da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, era fundado em Salvador, no ano de 1865, o primeiro centro espírita brasileiro de que se tem notícia (WANTUIL, 1958). Daí até por volta de 1940, a doutrina espírita se consolidou no país. Atualmente, estima-se que o Brasil concentra a maior parte dos espíritas do mundo, e a literatura espírita brasileira é a que mais produz (STOLL, 2003; RAPOSO, 2000).

Um dos maiores nomes dessa literatura foi o médium Francisco Cândido Xavier, conhecido como Chico Xavier, que viveu em Minas Gerais de 1910 a 2002, ano de sua morte. Embora seja considerado o mais profícuo escritor espírita que já existiu, com cerca de 450 livros publicados, ele jamais admitiu a autoria de qualquer uma dessas obras, todas atribuídas aos espíritos (STOLL, 2003). Além disso, até para quem nunca conheceu o Espiritismo, Chico se tornou um ícone, uma espécie de santo brasileiro: “Fazendo de sua vida pessoal e religiosa

um modelo de exemplaridade, ele contribuiu de forma decisiva para a consolidação do modo religioso particular pelo qual se expressa o Espiritismo no Brasil” (STOLL, 2003, p. 19).

Porém, nem tudo o que se escreve na doutrina espírita é de autoria dos espíritos. Existe toda uma literatura complementar à de Allan Kardec, que continua sendo produzida por “encarnados”. Entre os escritores espíritas existem nomes de diversas áreas do conhecimento que se esforçam por continuar o trabalho de Kardec e travar um diálogo entre elas e a doutrina que professam. Este é o caso de muitos estudos espíritas ligados à Educação, como os de Anália Franco, Eurípedes Barsanulfo, Ney Lobo, Herculano Pires, dentre outros autores, todos brasileiros, que se dedicaram à elaboração de uma *Pedagogia Espírita* (INCONTRI, 2006; LOBO, 1995 e 1990; PIRES, 1994).

A Pedagogia Espírita começou por volta de 1970 e teve à sua frente o professor Ney Lobo, que fundou em São Paulo um centro de estudos pedagógicos espíritas, com o desenvolvimento de técnicas e métodos específicos, aprovados pela Secretaria de Educação do Estado (PIRES, 1994). No mesmo período, o jornalista, professor e filósofo Herculano Pires também se dedicou grandemente ao tema. Nos dias de hoje, a professora Dora Incontri, responsável pelo curso de pós-graduação em Pedagogia Espírita, da Universidade Livre Pampédia, em São Paulo, é uma referência em Educação e Espiritismo. No Ceará, a professora Ângela Linhares, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, também é um nome que se destaca.

Mas falar de *educação espírita*, conforme objetiva essa pesquisa, transcende a discussão sobre uma nova abordagem pedagógica. Pode-se abordar a educação espírita por três perspectivas: o *ensino do Espiritismo*, a *educação segundo o Espiritismo* e o *Espiritismo como educação* (INCONTRI, 2003).

O ensino do Espiritismo, frequentemente assumido pelos centros espíritas, mas que pode ser realizado também nos lares e grupos de estudos (PIRES, 1994), é a transmissão dos conteúdos da doutrina codificada por Allan Kardec através de adequadas práticas pedagógicas, com o intento de promover o “despertar da consciência espiritual” (INCONTRI, 2000, p. 194).

A educação segundo o Espiritismo, por sua vez, diz respeito à maneira como essa doutrina compreende o processo da educação, seja espírita ou não. Ela o compreende como

um instrumento divino de evolução de todos os espíritos, que deve ser fundamentado, para melhores resultados, não apenas na transmissão de conteúdos, mas na construção de valores.

Como bem define Pires (1994, pp.12, 13):

A educação não é um ato de imposição, de violação de consciências, mas um *ato de doação*. O educador oferece ao educando os elementos de que ele necessita para integrar-se no meio cultural e poder experimentar por si mesmo os valores vigentes, rejeitando-os, aceitando-os ou reformulando-os mais tarde, quando amadurecer para isso.

Finalmente, o Espiritismo como educação - foco desse trabalho - refere-se à essência mesma do Espiritismo, que é a educação do espírito, no sentido de ajudar a evolução do ser *inter-existente*, cuja vida se dá tanto na dimensão material quanto espiritual. É para que desenvolvam seus potenciais, latentes em si mesmos, que os espíritos passam pelo nascimento, morte e renascimento (KARDEC, 2013a, 2013b). Segundo “A Revista Espírita”:

As necessidades que o corpo vos faz experimentar estimulam o vosso Espírito e o forçam a procurar os meios de provê-las, e **desse trabalho forçado nasce o desenvolvimento do pensamento**. Constrangido a presidir os movimentos do corpo para dirigi-los visando a sua conservação, o Espírito é conduzido ao trabalho material e daí ao trabalho intelectual, necessários um ao outro e um pelo outro, pois a realização das concepções do Espírito exige o trabalho do corpo, e este não pode ser feito senão sob a direção e o impulso do Espírito. Tendo assim o Espírito adquirido o hábito de trabalhar, constrangido pelas necessidades do corpo, o trabalho, por sua vez, se lhe torna uma necessidade, e, quando desprendido de seus laços, ele não precisa pensar na matéria, mas pensa em trabalhar-se a si mesmo, para o seu adiantamento.” (PASCAL, 2017, p.61, grifo meu).

A morte representa apenas uma porta pela qual se transita de um para outro plano, em ambas as direções. O ser espiritual que se reveste do corpo físico para viver na matéria, *encarna e reencarna*; o ser chamado humano, material, que se despoja do corpo físico pela morte, não deixa de existir, simplesmente *desencarna*.

Segundo Incontri (2003), existir na Terra é uma etapa necessária ao processo evolutivo, dentro do qual a educação do espírito, fundamentada no Espiritismo, deve preencher as finalidades de:

- a) contribuir para o desenvolvimento do ser;
- b) facilitar o cumprimento do seu papel no mundo;
- c) estimular a expressão de seus talentos e virtudes singulares;
- d) semear uma moral com vistas à imortalidade;

- e) formar educadores, pessoas capazes de repassar suas conquistas, respeitando as características de cada ser.

É nesse sentido amplo que aqui é abordada a educação espírita, e não especificamente como uma proposta pedagógica:

A missão do Espiritismo não é esclarecer alguns indivíduos em meio às multidões mas, esclarecer às multidões, alargar o conhecimento humano, colocar os homens diante da realidade integral da vida - para regenerá-los. Não se trata de uma doutrina individualista, à maneira do estoicismo grego, fechado em seu ceticismo heroico, mas de uma doutrina coletiva, que parte do indivíduo como unidade formadora do todo visando o todo. (PIRES, 1994, pp.19 e 20).

O Espiritismo propõe-se como uma doutrina que procura educar o sujeito para realizar a si mesmo e ser útil à sociedade, educando assim a própria sociedade, tendo em vista a sua dimensão transcendente, de ser material, mas também e essencialmente espiritual, e que sobrevive à morte.

### **2.3 Espiritismo e Psicologia**

Para a psicanálise, a perspectiva da imortalidade representa uma forma de negação da finitude humana: “A fantasia de vida continuando após a morte, sem necessidades e sofrimento, se constitui no oposto da aniquilação” (CASSORLA, 2007, p.274). Por esse ponto de vista, acreditar numa vida após a morte seria uma espécie de escape, de tentativa de driblar o medo de morrer, elaborando uma continuidade fantasiosa.

Por outro lado, há correntes na Psicologia - uma delas a psicologia analítica - que afirmam que a crença na imortalidade, assim como outras ideias religiosas, configuram uma metáfora ou *arquétipo*. Um arquétipo, conteúdo do inconsciente coletivo, é um saber inato, comum a todos os seres humanos, e que emerge na consciência individual geralmente na forma de imagens ou temas (JUNG, 2012). Por esse prisma, o tema da *vida eterna* se repete em diversas culturas e épocas porque é arquetípico. A noção de imortalidade, inerente ao homem, revelaria apenas a existência de uma crença coletiva, anterior aos processos de aprendizagem, semelhante aos instintos. Como arquétipo, a imortalidade é admitida, mas na condição de verdade simbólica (JUNG, 2012, 2013), conteúdo do inconsciente coletivo,

considerada um ponto de partida interior e subjetivo, e não um ponto de chegada, exterior e objetivo, para o qual se encaminha o ser humano.

Uma coisa não descarta a outra, mas a proposta da imortalidade para fins educacionais, tal como se expressa no Espiritismo, requer que ela seja pensada de maneira semelhante a qualquer outro plano de futuro: como “possibilidade”. Em outras palavras, o presente trabalho considera a vida após a morte factível, como porvir do indivíduo. Afinal, uma existência pós-morte não é menos incerta que qualquer evento do amanhã. Da mesma forma que educamos a criança na expectativa de que ela se torne adulta, sobrevivendo à transição da adolescência, é possível educar o ser, na esperança de que ele possa continuar a existir, sobrevivendo à transição da morte, noutra dimensão vibratória (BOHM, 2008).

Há, todavia, na Psicologia, abertura para esse viés. Encontra-se na sua quarta grande força, a *psicologia transpessoal*, que surge depois de outras três, e como uma releitura destas: psicanálise, behaviorismo e humanismo (TABONE, 1993). A ordem dessas forças, que foram pensadas por Abraham Maslow, um dos fundadores da psicologia humanista e, depois, da própria vertente transpessoal, não se relaciona com a importância de cada uma, mas com o período em que surgiram (GROF, 2015). A psicologia transpessoal possui esse nome justamente porque sua visão de ser humano *transcende* a historicidade pessoal. Cada vida humana é mais que o hiato temporal entre o nascimento e a morte. A noção de espírito, enquanto consciência que existe para além da corporeidade, nesta abordagem, é perfeitamente possível. Segundo Grof (2015, p. 22):

A psicologia transpessoal, ou quarta força, abordou alguns grandes equívocos da psiquiatria e da psicologia convencionais com relação à espiritualidade e à religião e também levou em conta importantes observações da pesquisa moderna da consciência e de vários outros campos para os quais o paradigma científico existente não tinha explicações adequadas.

O campo transpessoal do conhecimento psicológico apresenta à ciência uma nova maneira de encarar a consciência. A consciência não é algo criado dentro do cérebro humano, nem o resultado de nossas vidas individuais. É “alguma coisa que existe fora e independente de nós mesmos, alguma coisa sem fronteiras materiais.” (GROF, 2015, p.109). Aquilo que chamamos “eu” seria apenas um fragmento, uma pequena fração de nós mesmos. A consciência independe dos sentidos físicos, apesar de ser intermediada por eles. “A

consciência transpessoal é infinita, mais do que finita, estendendo-se além dos limites do tempo e do espaço.” (GROF, 2015, p.109).

Essa corrente ganhou força a partir da década de 1960, como reação ao que o antropólogo Michael Harner definiu como as atitudes altamente tendenciosas no estudo da psique, que seriam: *etnocentrismo* e *cognicentrismo* (GROF, 2015). A atitude etnocêntrica é aquela pela qual os cientistas materialistas consideram sua perspectiva superior a de qualquer outro grupo em todas as épocas. Monistas da matéria, eles acreditam que a vida, a consciência e a inteligência são subprodutos dela. A espiritualidade é rejeitada como ignorância da ciência, ingenuidade, superstição, autoengano, pensamento mágico. As experiências espirituais são patologizadas e as tradições místicas sofisticadas são equiparadas ao fundamentalismo religioso (GROF, 2015; HARNER, 1995). A atitude cognicêntrica fundamenta-se exclusivamente em experiências e observações sobre estados “ordinários” da consciência, estados em que a realidade é definida apenas pelos cinco sentidos; ela rejeita sistematicamente pesquisas sobre estados “não ordinários”, como os transe psicodélicos, as crises psicoespirituais, as meditações etc. (GROF, 2015; HARNER, 1995).

Grof (2015) cunhou o termo holotrópico para referir-se a esses estados, também conhecidos como “alterados” ou “incomuns”. Seriam pois, *estados holotrópicos de consciência*, em que a expressão grega *holos* significa “todo”, e *trepein*, que dá origem ao sufixo “trópico”, é traduzida como “movimento”. Para os psicólogos transpessoais, essa nomenclatura é melhor que as anteriores, tidas como preconceituosas, cognicêntricas. Um estado “alterado” ou “incomum” é sugestivo de anomalia, enquanto um estado holotrópico, de “movimento em direção ao todo” representa melhor o que estes eventos refletem. Nas experiências holotrópicas, que podem ser provocadas ou espontâneas, há mudanças da percepção, explosões emocionais, alterações no pensamento, comportamentos não-convencionais que alteram consciência, mas não a deterioram, diferentemente dos processos patológicos que causam delírios ou psicoses orgânicas. Nestes últimos as pessoas ficam desorientadas, num estado prolongado de confusão mental, sem saberem quem são ou onde estão.

Nos estados holotrópicos, nós experimentamos uma intrusão de outras dimensões de existência que podem ser muito intensas e até mesmo avassaladoras. Porém continuamos plenamente orientados e não perdemos o contato com a realidade diária

por completo. Experimentamos simultaneamente duas realidades muito diferentes. (GROF, 1998, p.06).

Outra expressão também usada é *estado transpessoal de consciência*. Parece um simples jogo de palavras, mas é altamente significativo, uma vez que: “A psicologia transpessoal está interessada em um subgrupo significativo desses estados que apresenta um potencial heurístico, curativo, transformador e até mesmo revolucionário.” (GROF, 2015, p.25).

Se nos estados holotrópicos experimentamos a extensão da consciência além dos limites usuais do corpo e do eu, e além dos limites da vida cotidiana, o fenômeno mediúnico pode ser classificado como um deles. Segundo Grof (2015, p. 175):

Numa forma mais complexa dessas experiências, um médium entra em transe e o processo atinge mudanças grotescas na aparência física do médium, seja ele homem ou mulher. Sua postura, gestos e expressões faciais podem parecer completamente estranhos; sua voz pode sofrer mudanças na inflexão, acentuação, qualidades de tom e cadência. Em casos assim, já presenciei pessoas falando idiomas desconhecidos e que, fora do transe, não se lembram de jamais os terem falado ou mesmo ouvido. Ouvi pessoas falarem línguas estranhas, fazerem escrita automática, pintarem elaborados quadros e produzirem obscuros esboços hieroglíficos. Intrigantes exemplos disso podem ser observados em Igrejas Espíritas nas Filipinas e no Brasil, inspirados pelos ensinamentos de Allan Kardec.

Não tive acesso ao original em inglês para saber se autor usou realmente o vocábulo Igrejas, mas sem dúvida ele se refere aos centros espíritas. Prosseguindo sua análise da mediunidade, fala sobre quando assistiu ao médium espírita Luiz Antônio Gasparetto, brasileiro, pintar em transe grandes e variados artistas plásticos desencarnados, de forma impressionantemente rápida e fiel ao estilo de cada um. Revela Grof (2015, p.176): “Gasparetto é capaz de trabalhar em completa escuridão ou sob uma luz vermelha que torna impossível distinguir as cores entre si.” E depois finaliza: “Mesmo assim, essas pinturas agradavam esteticamente, com a sutileza de cores, estilo, forma e composição [...]” (GROF, 2015, p. 176).

No Espiritismo, Kardec apresenta e explica um grande número dessas manifestações mediúnicas, as quais recusa chamar de “experiências sobrenaturais”. Seriam sobrenaturais se escapassem às leis naturais, o que não é o caso. Apenas, não é possível explicá-las a partir do conhecimento exclusivo da fisiologia, da física e outras ciências semelhantes. Existem leis ainda desconhecidas e seria preciso uma ciência nova, a ciência espírita, para, em se reconhecendo a questão dos fluidos e a ação de forças invisíveis e

inteligentes, demonstrar que nada há de miraculoso ou extraordinário na mediunidade. (KARDEC, 2015b).

O médium é o que o nome sugere: um intermediário. O espírito que deseja por ele se comunicar não entra em seu corpo, mas a ele de liga pelo *perispírito*, que é a denominação espírita do corpo espiritual (KARDEC, 2015b), um elemento conhecido das tradições espiritualistas. O perispírito do comunicante que, no caso acima mencionado, é o pintor falecido, se conecta ao perispírito do médium Gasparetto e transmite sua “mensagem”: uma obra artística. Quanto mais habilidoso no manejo dos pincéis, quanto mais prática possui o médium, melhor o resultado da ação mediúnica (KARDEC, 2015b). Uma ilustração do fenômeno pode ser feita se tomarmos como exemplo o mecanismo de *bluetooth*, conforme demonstrei no livro *Sexo Divino*:

Eu tinha então um smartphone e queria passar certa foto dele para o aparelho do meu marido. Acionei o botão do bluetooth e identifiquei os celulares próximos que também estavam com o bluetooth ativado. Selecionei o do meu marido para receber a foto. Ele recebeu imediatamente uma mensagem perguntando se aceitava o envio do meu aparelho. Ele aceitou e pluft! A foto foi salva no celular dele! (TREIGHER, 2016, p.170).

Analogamente, temos no perispírito uma espécie de *bluetooth*. Os médiuns acionam o seu *bluetooth* para receber conteúdos do mundo espiritual. Os espíritos transmitem tais conteúdos conectando o próprio *bluetooth* ao do médium. Ninguém entra fisicamente no aparelho de ninguém. Os espíritos não “entram” no corpo do médium.

Kardec argumenta que admitir que um espírito queira se comunicar após a morte é absolutamente compreensível. Daí questionar aos seus críticos:

Por que razão, depois de morto, entrando em acordo com outro Espírito ligado a um corpo, estaria impedido de se utilizar deste corpo vivo, para exprimir o seu pensamento, do mesmo modo que um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreendido? (KARDEC, 2015b, p.21)

Morto, mantém-se a psique. Não há morte para a alma, apenas mudança de dimensão. Para alguns representantes da psicologia transpessoal, como Pierre Weil (1983), a tese da morte como passagem de uma fase da vida para outra, e não como extinção, desintegração e desaparecimento da pessoa, é a que melhor condiz com a teoria geral dos sistemas, que participa da transformação paradigmática da ciência contemporânea. Segundo essa teoria, não podem existir sistemas isolados no universo, e mais:

Esta concepção exclui *a priori* a possibilidade de desaparecimento de qualquer um dos sistemas. Ora, **se aceitarmos a vida psíquica com sendo também um sistema energético, somos forçados a integrar este dentro das leis gerais da energia, o que nos leva a um eterno ciclo transfinito** de homogeneidade e heterogeneidade, de potencialização e atualização destes mesmos sistemas. (WEIL, 1983, p.121, grifo meu).

A psicologia transpessoal considera que vários fenômenos podem reforçar a tese da sobrevivência e continuidade da vida emocional, mental e espiritual, com destaque para as *experiências de saída do corpo* (ESC) e as *visões* de seres em outra dimensão. As primeiras, comumente chamadas de *viagens astrais*, que podem ocorrer de maneira fortuita ou serem provocadas por métodos de relaxamento, são experiências nas quais algumas pessoas (suas consciências) conseguem sair de seus corpos e vê-los à distância, ou até mesmo se deslocarem para outros lugares. As segundas, que ocorrem em mais de 60% dos que tiveram uma ESC, mas que também acontecem em outros estados holotrópicos ou transpessoais de consciência, englobam narrativas de encontros com parentes falecidos, amigos ou mestres de outra dimensão etc. (WEIL, 1983).

É nessa corrente de pensamento que também se situa um psicólogo de Oxford, o inglês Roger Woolger, que foi meu professor na minha formação em *Deep Memory Process* (DMP), realizada em Recife, nos anos de 2001 e 2002. Ele desenvolveu sua técnica de *regressão a vidas passadas*, o DMP, após profundos estudos de psicologia analítica, gestalt, psicodrama, budismo, xamanismo e outras tradições espirituais. Apesar do nome “vidas passadas”, a técnica não tem qualquer compromisso com as religiões que a inspiraram. Como clínico, Woolger jamais se preocupou em comprovar a existência do espírito ou da reencarnação. Seu interesse sempre foi voltado para o alívio dos sintomas dos pacientes psicológicos, através de uma experiência imaginativa intensa, com o que lhe pareceram ser histórias de vidas passadas (WOOLGER, 1998). As pessoas submetidas ao DMP relatam, em transe leve, estarem noutros corpos, vivenciando enredos no passado da humanidade, e que se relacionam de alguma forma com os problemas que as atormentam atualmente. Se as imagens surgidas durante o experimento são lembranças de outras encarnações, não se tem certeza, mas é uma possibilidade (WOOLGER, 1998).

Por mais que tenha evitado entrar na discussão religiosa, o professor Woolger não pôde escapar de desenvolver uma teoria de base para o seu método de trabalho com imagens de outras vidas. Combinando seus conhecimentos teóricos com a própria experiência como

psicoterapeuta, ele acabou trazendo um conceito budista antigo para a recente psicologia transpessoal: a noção de *bardo*.

Bardo é uma palavra tibetana que significa “transição” ou “intervalo”. *Bar* quer dizer “entre duas coisas”, e *do* se traduz como “suspensão” (RINPONCHE, 2013). Os budistas usam essa expressão em referência a certas realidades da existência, como o período entre uma encarnação e outra, ou seja, o pós-morte dos indivíduos comuns. Digo indivíduos comuns, porque, segundo o Budismo, os seres iluminados, quando morrem, ascendem para dimensões superiores e não precisam mais renascer na Terra.

No Espiritismo há uma categoria que nos remete ao bardo de Woolger, sem que se afirme que uma coisa é igual à outra. Mas, se assemelham. Trata-se da *erraticidade*: “Estado dos Espíritos errantes, ou erráticos, isto é, não encarnados, durante o intervalo de suas existências corpóreas.” (KARDEC, 2015b, p.409). Os espíritos errantes aguardam, no mundo espiritual, uma nova oportunidade de reencarnar, que pode demorar mais ou menos tempo. Se estão bem ou não, isso depende dos méritos adquiridos quando encarnados: “Sofrem por efeito das paixões cujo princípio conservaram, ou são felizes, de conformidade com o grau de desmaterialização a que hajam chegado.” (KARDEC, 2013b, p.155). Embora possam adquirir novos conhecimentos no estado errante, surge sempre o momento de reencarnarem, para por à prova o aprendizado adquirido e refazer algo que não tenham cumprido devidamente na última encarnação (KARDEC, 2013b).

Nas regressões de memória promovidas pelo método DMP, os sujeitos são guiados pelos terapeutas em revivescências de traumas até o momento da morte numa vida passada. Quando os personagens de vida passada morrem, eles se vêem noutra dimensão, no bardo. Woolger constatou, após realizar centenas de sessões de DMP, que a situação do espírito no bardo está profundamente relacionada com as emoções, pensamentos e sensações que o acompanharam na vida e, em especial, no momento da morte. Quando, ao morrer, o personagem carrega alguma culpa, ressentimento, dor etc., essas experiências não resolvidas são levadas para o bardo e requerem uma nova encarnação para serem solucionadas. Ao reencarnar, os dramas inacabados, trazidos das vidas passadas, atraem situações que repetem as cenas não resolvidas, como novas chances de fechar o que ficou em aberto (WOOLGER, 1998).

Na teoria de Woolger, o propósito de “morrer bem” - morrer com a consciência pacificada, sem situações inacabadas ou mal resolvidas -, é de suma importância para que se garanta uma boa vida após a morte e, mais que isso, para que se consiga uma próxima reencarnação livre de sequelas traumáticas. O DMP nos leva a querer resolver em vida tudo o que está pendente, fechar os processos para ter uma passagem tranquila e uma próxima vida sempre melhor, pois como afirma Woolger (2019, p.3):

Quando a consciência deixa o corpo físico, na morte ela leva consigo um outro tipo de corpo, geralmente chamado de corpo sutil ou corpo energético. Impressas nesse corpo energético estão todas as memórias da vida, principalmente as impressões de trauma. De fato, todos os estados psicológicos e emocionais, assim como as memórias físicas, estão de alguma maneira impressos nessa **capa energética** e isso é transmitido após a morte. Por isso os tibetanos enfatizam a importância de uma morte clara, de morrer em um estado mental aberto e, o tanto quanto possível, liberar e abandonar todos os sentimentos ruins que tinham se acumulado até o fim daquela vida. [...]Milhões de almas não morreram de forma pacífica, o que significa que, do ponto de vista tibetano, as memórias residuais de violência, tragédia e perda, impressas no corpo sutil, são transmitidas através do processo de nascimento para se tonarem nossa herança física e psíquica, ou karma. (Grifo do autor).

No Espiritismo, o momento da morte também é crucial, pois é quando o espírito avalia os resultados de sua vida. Ele será mais ou menos doloroso de acordo com o estado mental com que realiza o passamento (KARDEC, 2013b). E o momento do nascimento também é significativo, o que torna uma grande responsabilidade os pais receberem outros espíritos como filhos. (KARDEC 2013a, 2013b). Isso dialoga com as pesquisas na abordagem transpessoal sobre as *matrizes perinatais*, que demonstram o quanto a gestação e o nascimento, os pais e as suas relações, influenciam positiva ou negativamente o psiquismo do ser em formação (GROF, 2015; WOOLGER, 1998).

Segundo a doutrina espírita, o objetivo da reencarnação - ganhar experiência e desenvolver as aptidões latentes - solicita uma grande variedade de experiências de vida, podendo o espírito nascer homem ou mulher, branco ou preto, com saúde ou deficiente, rico ou pobre etc. , em diferentes condições, para despertar diferentes aspectos de sua natureza (KARDEC, 2013b). Nesse processo repetitivo de ir e vir, os vários nascimentos e mortes se encadeiam, como elos de uma mesma corrente. As ações geram reações, e nada do que se faz é perdido, mesmo que os resultados possam demorar. Se o bem foi feito, o bem é colhido; se fez-se o mal, colhe-se o mal. Mas nada é estagne, e a cada instante reescreve-se a própria

história, com novas ações que podem alterar os rumos das reações estabelecidas anteriormente. Não há penas fixas nem condenação eterna.

Ao experimentar, reencarnando, os efeitos de suas próprias escolhas, a alma faz novas associações, aprende e cresce. É como se viver no mundo, além de uma escola, fosse também um *setting* terapêutico do espírito. Lançado na dimensão da matéria, ele encontra inúmeras oportunidades de superar os traumas e padrões negativos do passado, progredindo rumo à *autorrealização*. A vida material existe para aprendizado e cura espiritual, e cada evento seu, bom ou ruim, é ao mesmo tempo uma lição e uma terapia para o espírito imortal.

Cada encarnação é um convite para que se desenvolva os atributos inconscientes que compõem o inconsciente coletivo, pois afinal, todos os espíritos a isso estão destinados, sem prazo de realização: “Em estado rudimentar ou latente, todas as faculdades existem no homem. Desenvolvem-se, conforme lhes seja mais ou menos favoráveis as circunstâncias.” (KARDEC, 2013b, p.342).

As experiências holotrópicas e espíritas, apesar de viabilizarem o acesso à dimensão espiritual, servem paradoxalmente de estímulo para um melhor aproveitamento das experiências na dimensão material. Porque ao considerar o impacto do futuro sobre o presente (KARDEC, 2013 a) é que melhor apreciamos o *tempo agora* (BENJAMIN, 1991), e o *senso de imortalidade* pode levar o indivíduo a uma mudança psicológica significativa, em que despontam recursos psíquicos antes desconhecidos, impossíveis de serem atingidos por meras racionalizações (HADDICK, 1995).

Além disso, um trabalho de consciência transpessoal, que sugira a continuidade da vida noutra dimensão faz muita diferença nas situações de luto. Segundo Grof (1994), encontros com entes queridos falecidos realizados em psicoterapias transpessoais poupam meses de trabalhos restritos apenas ao campo biográfico, como ocorrem nas abordagens psicológicas tradicionais. Isso porque

[...]tornou-se óbvio que os seres humanos têm profunda necessidade de experiências transpessoais e estados que transcendam sua identidade individual para que sintam seu lugar num todo maior e eterno. Essa ânsia espiritual aparenta ser mais básica e compelidos do que o impulso sexual e, se não for satisfeita, pode resultar em sérios distúrbios psicológicos. (GROF, 1994, p.247).

Uma das implicações mais importantes da pesquisa transpessoal diz respeito à abordagem das condições diagnosticadas como psicopatológicas, não raro tratadas com

medicações supressivas, e que são, na verdade, experiências holotrópicas de *crises psicoespirituais*, indicativas de abertura espiritual e transformação da personalidade (GROF; GROF, 2001; GROF, 2015). Também chamadas *emergências espirituais*, se acompanhadas de um apoio qualificado, que transponha os limites da psiquiatria clássica, ainda restrita à biografia pós-natal e ao inconsciente individual, esses episódios podem resultar em benefícios como: melhora da saúde psicossomática, aumento do prazer de viver, redução da agressividade, ampliação da tolerância racial, política e religiosa, desenvolvimento da consciência ecológica, mudança na hierarquia de valores e prioridades existenciais (GROF, 2015).

Nem todos os espíritas são médiuns ostensivos, mas muitos que chegam aos centros espíritas o fazem levados por uma crise psicoespiritual. É uma crise muito comum no despertar da mediunidade, especialmente naqueles que não possuem nenhum conhecimento a respeito. A mediunidade eclode e o médium, sem conseguir controlá-la, vê-se envolvido num estado de perturbação que o assusta e revolta. Ouvir vozes, falar como se fosse outra pessoa (fenômeno conhecido como *psicofonia*), desmaios, são sintomas que acontecem na mediunidade nascente e fazem o médium parecer em surto (PEREIRA, 2017). A esse respeito observa Kardec (2015b, pp.92, 93):

A muitas pessoas tem acontecido que, estando deitadas, mas completamente acordadas, lhes sacudam os cortinados da cama, tirem com violência as cobertas, levantem os travesseiros e mesmo as joguem fora do leito. Fatos destes são muito mais freqüentes do que se pensa; porém, as mais das vezes, os que deles são vítimas nada ousam dizer, de medo do ridículo. Somos sabedores de que, por causa desses fatos, se tem pretendido curar, como atacados de alucinações, alguns indivíduos, submetendo-os ao tratamento a que se sujeitam os alienados, o que os torna realmente loucos.

Muitos casos de “loucura”, na verdade, são casos de mediunidade incompreendida. A *educação mediúnica* é um dos aspectos mais importantes do Espiritismo. Logo, no Espiritismo, assim como na psicologia transpessoal, trabalha-se com estados holotrópicos de consciência. Mas a psicologia desenvolve métodos que provocam esses estados para fins terapêuticos. Ao observar o fenômeno, diferentes terapeutas desenvolveram variados mapas ou cartografias da consciência, que representam a psique para além das experiências pessoais. Para Woolger, por exemplo, a psique ou consciência é composta de consciente, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo e inconsciente de vidas passadas (WOOLGER, 1998).

No Espiritismo, o objetivo das reuniões mediúnicas é dialogar com o mundo espiritual, o que pode até ocasionar resultados terapêuticos, como nas *desobsessões*. Desobsessões são reuniões mediúnicas em que se orienta espíritos que estão em perturbação espiritual, muitas vezes prejudicando, por sua energia deletéria, alguns encarnados. Mas a mediunidade é usada sobretudo como confirmação da imortalidade e fonte de informações sobre a vida espiritual, o que, no caso das pesquisas de Kardec, resultou num corpo doutrinário que não substitui a psicoterapia, ainda que ofereça um sentido maior à vida.

## 2.4 Espiritismo e Filosofia

Segundo o próprio codificador a força do Espiritismo não está nos fenômenos, mas na sua filosofia (KARDEC, 2013b). O que vale dizer na sua visão de mundo ou concepção da realidade (PIRES, 1993). Qual é essa concepção? A de que somos espíritos, forças da natureza, criados iguais, anteriores ao nascimento e sobreviventes à morte do corpo físico; de que encarnamos no mundo para desenvolver, através da experiência, os atributos que possuímos, mas dos quais nos falta consciência; de que estamos destinados à plena expressão desses atributos, e que, quando a isso chegarmos, experimentaremos a *felicidade sem mescla*, característica dos espíritos puros (KARDEC, 2013a, 2013b).

O Espiritismo não somente admite a imortalidade, como a contempla noutra dimensão da existência: o *mundo espiritual*. Nesse mundo o espírito não é uma entidade amorfa, como se poderia supor, já que houve a morte do corpo. Tal como afirma a Bíblia (p.2014): “Semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível”. Ressurreição constitui, portanto, uma metáfora do pós-morte (KARDEC, 2015).

Morto o corpo material, o espírito permanece vivo e com um corpo de natureza distinta, chamado perispírito (KARDEC, 2013b). Durante toda a vida terrena, até a morte, o perispírito faz a conexão entre o ser espiritual e seu corpo material. Mas, uma vez perdido o corpo material, o perispírito continua, provocando no espírito sensações agradáveis ou desagradáveis. Digo sensações porque se trata, também, de um corpo provido de sentidos. Mas é um corpo que se transforma, um corpo-forma, corpo-instrumento, e não corpo-restrição, como é o corpo físico, que limita os sentidos dos espíritos. Nas tradições orientais, ele é chamado *corpo sutil* ou *corpo energético*; na parapsicologia, *corpo bioplasmático*,

*psicossoma*, ou ainda *Campo de Energia Individual* (CEI). O fato é que, neste corpo, o espírito “não percebe através dos órgãos, não vê pelos olhos nem ouve pelos ouvidos. Vê e ouve por todo o seu ser.” (PIRES, 1993, p.32).

O perispírito é de natureza semi-material, geralmente imperceptível para os encarnados, mas visível e concreta para os seres que se encontram no mundo espiritual (KARDEC, 2013b). Por isso, a vida após a morte é semelhante à anterior, embora aconteça numa outra dimensão, que é a dimensão do espírito ou mundo espiritual, que não está localizada no tempo e no espaço. Ela se mistura à nossa própria dimensão, havendo espíritos por toda a parte, mas nem sempre manifestos, exceto quando, por alguma circunstância extraordinária, se torna possível acessar, sem morrer, a realidade em que se encontram. É o caso da mediunidade.

O aspecto filosófico da doutrina dos espíritos traz muito de Sócrates e Platão. Tanto que os antigos filósofos gregos são tidos por Allan Kardec como “precursores” do Espiritismo (KARDEC, 2013a). Sem falar que, entre os espíritos cujas mensagens deram origem a “O Livro dos Espíritos”, assinando a questão 1001, encontra-se o próprio Platão. Entretanto, assevera Pires (1993, pp.23, 24) que “podemos ir mais longe, demonstrando as múltiplas relações da Filosofia Espírita com as mais significativas escolas filosóficas do passado”, dos pitagóricos a Hegel e Kant. Para Pires (1993), ao mesmo tempo em que surgiram os dois últimos dos grandes sistemas filosóficos - Positivismo e Marxismo -, a filosofia espírita se antecipou ao que, na atualidade, constitui uma nova atitude filosófica:

Hoje, os filósofos compreendem que as escolas servem como ponto de observação, como posições estratégicas e não como trincheiras definitivas no campo de batalha do conhecimento. Não mais se formulam grandes sistemas. A época dos sistemas passou. A sistemática foi substituída pela problemática: importam os problemas, não as explicações conclusivas. (PIRES, 1993, p.36).

A forma de perguntas e respostas, a *maiêutica*, que por um tempo foi considerada antiquada, é atualmente uma das formas preferidas para a busca de soluções em todos os setores de atividade humana (PIRES, 1993). E foi através dela, e da *dialética*, que surgiu a filosofia espírita. “O Livro dos Espíritos” é composto de perguntas e respostas.

A maiêutica foi apresentada por Sócrates como um instrumento prático de aquisição de conhecimento através do diálogo. Conforme as narrativas de Platão, seu discípulo, Sócrates supunha que a alma do homem era portadora da Verdade, constituída de

valores e virtudes permanentes, que deviam ser cultivados para o bem de todos e não apenas de alguns (ANDERY, et. al, 1994). “Esse conhecimento está dentro de nós na forma de reminiscência, de lembrança amortecida pela carne.” (PIRES, 1993, p.32). Para acessá-lo é que o filósofo se utilizava da maiêutica. Dialogando, era possível levar seus discípulos à consciência da Verdade, presente neles mesmos. Daí dizer-se que o processo de conhecer seria, na prática, recordar. E mais: seria autoconhecimento. Assim, a Filosofia consistiria em o pensar, mas pensar debruçado sobre si mesmo, para ajustar-se à realidade (PIRES, 1993).

Seguindo os passos de Sócrates, que nada escreveu, Platão ensina escrevendo diálogos. Neles, ensina que existe um *Demiurgo*, ou *Divino Artesão*, que seria o criador do Cosmos, cuja perfeição não é mais que o reflexo de sua própria perfeição. Ele não criou o universo do nada, mas de si mesmo, que não teve começo nem terá fim, e que se divide em dois mundos: o *mundo das ideias*, a alma do mundo, por essência imutável, compreendido como o mundo original, invisível, incorpóreo e eterno, do qual todas as coisas da realidade conhecida não seriam mais que cópias imperfeitas; e o *mundo das coisas sensíveis*, o corpo do mundo, mundo dos objetos e dos corpos, essencialmente mutável (ANDERY, et. al, 1994; PIRES, 1993).

Platão propõe que as almas humanas não foram criadas pelo Demiurgo, mas por seus auxiliares:

O Demiurgo não devia fazer as almas dos seres humanos, porque então estes seriam divinos. Limitou-se a separar suas sementes, com o resto do material da alma do mundo. Estas sementes de eternidade constituem a razão diretriz do Homem, que deve superar os tumultos produzidos no corpo mortal pelas paixões e os desejos das almas mortais e pelas fermentações do processo nutritivo. Quando a semente divina, que guarda a reminiscência do mundo das ideias, consegue manter o controle do corpo, temos o homem sábio que cuidará de sua alma, imitando o modelo divino do Bem, salvaguardando a sua natureza humana. (PIRES, 2000, pp.106,107).

O destino das almas é o *Bem*, e quando elas o alcançam, libertam-se das contradições corpóreas e vão viver, depois da morte, em mundos bem-aventurados; em contrapartida, as almas que se deixam dominar pela voracidade dos sentidos precisam passar por sucessivas e dolorosas reencarnações, até que aprendam a escolher o Bem e se libertem, como as outras. Não há para nenhuma a condenação eterna.

O Espiritismo, em consonância com Sócrates e Platão, considera que, criadas simples e ignorantes, nossas almas - espíritos encarnados - trazem todas as aptidões, tanto

para o bem quanto para o mal (KARDEC, 2013b). É como de Deus fosse o Demiurgo, e nós, feitos com suas sementes divinas, precisamos apenas germinar. No processo de crescimento, vamos tomando consciência de Deus em nós, do bem que nos habita. O mal moral é a ignorância do bem e o bem é a perfeição, presente em tudo o que existe, porque tudo foi criado por Deus. Em essência, trazemos as leis de Deus fixadas nas nossas consciências, como seres destinados ao desenvolvimento do bem que já está em nós, como potência a ser manifesta (KARDEC, 2013a, 2013b). Assim como em Sócrates, a aquisição dessa consciência se dá pelo autoconhecimento:

Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?  
Um sábio da antiguidade vo-lo disse: “Conhece-te a ti mesmo.”  
(KARDEC, 2013b, p.408).

Por ser impossível desenvolver-se por completo numa única vida humana, ainda mais quando esta pode se dar de maneiras tão diversas, a depender das condições de nascimento de cada um, a filosofia espírita abraça a reencarnação como uma resposta à necessidade de tempo. O prazo para o amadurecimento espiritual é ilimitado, e, encarnação por encarnação, o espírito desenvolve um ou outro aspecto de si mesmo, num lento e infalível processo evolutivo. Quando atinge determinado ponto de desenvolvimento, ele não precisa mais reencarnar e, caso venha a fazê-lo, reencarnará como grande missionário, conforme aconteceu com Jesus, o Cristo (KARDEC, 2013a, 2013b).

Não reencarnando, porém, o ser espiritual não cessará de viver. Ele continua atuante no mundo espiritual. Tal como na filosofia platônica, o Espiritismo propõe a existência de dois mundos, formados a partir dos dois elementos constitutivos do universo: o espiritual e o material. O espírito, originário do elemento espiritual, encarna no mundo material como se este fosse o solo em que suas potências germinariam. A vida em corpos materiais é repleta de limitações que provocam o amadurecimento da inteligência e das emoções. Conforme explica o espírito Pecheron, em “A Revista Espírita”:

As necessidades que o corpo vos faz experimentar estimulam o vosso Espírito e o forçam a procurar os meios de provê-las, e desse trabalho forçado nasce o desenvolvimento do pensamento. Constrangido a presidir os movimentos do corpo para dirigi-los visando a sua conservação, o Espírito é conduzido ao trabalho material e daí ao trabalho intelectual, necessários um ao outro e um pelo outro, pois a realização das concepções do Espírito exige o trabalho do corpo, e este não pode ser feito senão sob a direção e o impulso do Espírito. Tendo assim o Espírito

adquirido o hábito de trabalhar, constringido pelas necessidades do corpo, o trabalho, por sua vez, se lhe torna uma necessidade, e, quando desprendido de seus laços, ele não precisa pensar na matéria, mas pensa em trabalhar-se a si mesmo, para o seu adiantamento. (KARDEC, 2017b, p.61).

Entre a filosofia grega e o Espiritismo contam mais de 2500 anos. Depois de Platão, veio Aristóteles, e a partir deste cresceu no Ocidente uma lógica que não abre espaço à irracionalidade, sobretudo após as viradas provocadas na História por Galileu e Descartes. Dela decorreram avanços inegáveis na ciência e na política, mas pagou-se com ela, também, o risco muitas vezes concretizado de se desenvolver, como expressa Incontri (2014, p.64), “uma razão reducionista, tecnocrata, pragmática em excesso e, por consequência, seca e materialista.” E ainda:

No afã de se libertar da religião, no ímpeto de formular uma filosofia humana, sem nenhuma dependência do divino, certas correntes do Ocidente acabar por negar o que não pode ser arrancado do homem, por ser parte constitutiva de sua natureza: o transcendente e o sagrado. (INCONTRI, 2014, p.64).

A filosofia espírita representaria, portanto, nesse contexto, uma releitura da tradição ocidental (INCONTRI, 2006) e uma ponte erguida entre esta e a filosofia oriental. A tradição filosófica oriental seguiu um caminho diferente do Ocidente. Primeiro, a filosofia, no Oriente, jamais foi assumida como uma disciplina autônoma. Confúcio, sábio chinês cujas atitudes assemelham-se às de Sócrates, jamais se estabeleceu como filósofo, mas como religioso. Todos ouvimos falar em Confucionismo, porém, nunca em “Socratismo” (INCONTRI, 2014).

Enquanto no Ocidente prevaleceu o racionalismo, no Oriente foi a intuição que acabou dominando o conhecimento. Tanto que, por exemplo, em termos de saúde, no Ocidente avançou a medicina alopática, enquanto no Oriente prevaleceu uma medicina que sistematiza métodos de cura tradicionais, desenvolvidos na Ásia, a partir de estudos sobre circulação de energia, meridianos do corpo humano etc. “Mas se a razão prática do Ocidente apresentou muitas vezes o desvio do reducionismo e do pragmatismo estreito, a razão intuitiva do Oriente, com todas as suas técnicas mentais de contemplação mística, resultou muitas vezes em escapismo e passividade.” (INCONTRI, 2014, p.65).

Importante salientar que, ao usar filosoficamente as expressões Ocidente e Oriente, não se pretende limitá-las ao sentido geográfico, étnico ou político, como se assumir uma atitude materialista ou espiritualista fosse uma questão de localizar-se nos mapas. Apesar

de ser inevitável constatar a confluência entre as atitudes extrovertida e introvertida do conhecimento e os extremos ocidentais e orientais do nosso mundo, a contraposição aqui usada se reveste de sentido predominantemente metafísico. Oriente ou Ocidente seriam expressões que simbolizam as polaridades da natureza dual do ser humano. Ou, para usar as palavras de Corbin (1985), citado por Cromberg (2018, p. 49), a expressão Oriente

Designa o mundo espiritual que é o Oriente maior no qual se eleva o puro sol inteligível, e os “orientais” são aqueles cuja morada interior recebe os raios dessa aurora eterna. Destes “orientais” ainda existe sem sombra de dúvida um **pequeno número** tanto no Oriente como no Ocidente geográfico do nosso mundo, sem que nenhum destes possua exclusivamente este privilégio. (Grifo meu).

Ocidente, em contrapartida, designa em Corbin o mundo material (CROMBERG, 2018). Henri Corbin é um filósofo contemporâneo que se fez porta-voz da mística oriental em meados do século XX. Ele foi o grande responsável por reintroduzir a filosofia islâmica na discussão filosófica ocidental, trazendo conceitos como *imaginação criadora* e *mundus imaginalis* (CROMBERG, 2018; JAMBET, 2006). Imaginação criadora é algo diferente do que Corbin compreende como *imaginação reprodutora*, que é a reconhecida capacidade de expressar o que vem do imaginário e que é irreal, mítico ou fictício. Esta é uma imaginação passiva, diferentemente da imaginação criadora, que é ativa, e é a aptidão dos profetas e místicos, a capacidade de acessar o *mundus imaginalis* ou mundo imaginal. Conceito inspirado na filosofia oriental - cuja lógica difere absolutamente da cartesiana -, e na expressão árabe *‘alam al-mithâl*, da qual é uma tradução, o mundo imaginal designa uma instância ontológica do universo metafísico, “um mundo invisível para os olhos da carne mas tão existente e real quanto o mundo visível e o mundo das ideias” (CROMBERG, 2018). É uma realidade legítima (de uma natureza que obedece a leis) e não uma metáfora ou alucinação. Segundo o próprio filósofo, é um mundo

[...] “no qual o espiritual toma corpo e o corpo se torna espiritual”, constituído por uma matéria real e dotado de uma extensão real, ainda que em estado sutil e imaterial em relação à matéria sensível e corruptível. (CORBIN, 2015, p.14, tradução minha)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> [...]“en el que lo espiritual toma cuerpo y el cuerpo se torna espiritual”, constituído por una materia real y dotado de una extensión real, aunque en estado sutil e inmaterial respecto a la materia sensible y corruptible.

Longe de querer fazer uma equivalência simplista, é possível traçar um diálogo entre os conceitos de mundo imaginal e o de mundo espiritual. Segundo a filosofia espírita, após a morte, segue-se para a alma, agora espírito, uma vida num mundo sutil, constituído de fluidos. Explica Kardec (2015a, p.244) que

Dentro da relatividade de tudo, esses fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídos, uma aparência tão material quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados e são, para eles, os Espíritos, o que são para nós as substâncias do mundo terrestre.

Se pela imaginação criadora é possível acessar o mundo imaginal, de tal forma que Corbin a denomina seu “órgão de percepção”, para Kardec, acessa-se o mundo espiritual através da mediunidade. A mediunidade não é, como popularmente se acredita, um dom raro, mas algo acessível a todos os seres humanos:

Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. **Essa faculdade é inerente ao homem**; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que **todos são, mais ou menos, médiuns**. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. (KARDEC, 2015b, p.171, grifos meus).

Portanto, fazendo uma analogia com a expressão de Corbin, não seria errado definir-se a mediunidade como o órgão de percepção do mundo dos espíritos.

“A ambição de Henry Corbin foi cruzar ciência e filosofia” (JAMBET, 2006, p. 20), assim como parece ter sido a de Allan Kardec. E ambos entrelaçam de espiritualidade o mundo e o real. Sem dúvida, Corbin está situado num outro período, na era pós-moderna, e a ele é possível, constatada na prática o lado perigoso da exacerbação do legado cartesiano, assumir uma postura mais propositiva. Postura essa que Kardec não deixou de ter, muitas vezes alertando para os perigos do materialismo e do hedonismo então crescentes, mas que ele apenas vislumbrava como possíveis consequências de um mundo “sem alma”:

[...] nada esperando para depois desta vida, o homem não teria nenhum interesse em fazer o bem; que lhe seria muito natural procurar a maior soma de gozos, mesmo à custa dos outros; que seria estupidez privar-se ele de alguma coisa em benefício do próximo; que o sentimento mais racional seria o egoísmo; que aquele que fosse persistentemente desventurado na Terra, nada melhor teria a fazer senão matar-se, porquanto, destinado a mergulhar no nada, isso não lhe seria nem pior, nem melhor, ao passo que de tal forma abreviaria seus sofrimentos. (KARDEC, 2016, p.39).

Por sua vez, Corbin já as denuncia *ipsos factos*, porquanto tais consequências ocorrem ao seu entorno e constituem sua experiência direta. Por isso afirma que testemunhamos na contemporaneidade um cisma provocado pelo racionalismo materialista, que reduziu o mundo e o homem a apenas duas dimensões: o inteligível e o sensível (CROMBERG, 2018). Pondera Corbin (2002), citado por Cromberg (2018, grifo do autor): “Se nos abandonarmos nesse mundo por desesperança, abandonarmo-nos àquelas forças impessoais que nos levam cegamente ao nosso fim, ao fazê-lo, nós desapareceremos. Já não haverá mais **pessoas**.”

Corbin traz uma proposta de salvar do *exílio ocidental* a alma, através da *hermenêutica imaginal*. A alma, ou *Anima Mundi* é de natureza dual: uma instância humana, sua parte ocidental, chamada ego; uma instância que a ultrapassa, trans-humana, transcendente ao ego, sua parte oriental, chamada Si-mesmo. Desde que rompe com a mística, a alma se torna prisioneira no mundo em que é lançada. Neste exílio ontológico ela se encontra, no entanto, presa do lado de fora: “O Exílio Ocidental, ao invés de ser uma prisão de onde não podemos sair, é uma prisão porque não nos deixa entrar - entrar em casa.” (CROMBERG, 2018, p.51) O grande propósito da filosofia, ou da gnose, ou da hermenêutica é, antes de qualquer coisa, espiritual: tornar a alma consciente de sua prisão, como um primeiro passo para a reconquista da sua liberdade (CROMBERG, 2018). Seria isso o *despertar para si mesmo*, a compreensão de que não estamos no tempo e no espaço da maneira como somos levados a acreditar:

A espacialidade do mundo, o espaço exterior, é justamente o vazio a que a alma foi lançada e representa precisamente o seu exílio. O exílio da alma no espaço quantitativo, só pode ser revertido pro uma interiorização, por um encaminhar-se aos espaços da alma e dos eventos psico-espirituais. Perder-se no espaço físico e sentir-se aí abandonado é o resultado de esquecimento do Ser, do esquecimento da alma e de seu espaço. (CROMBERG, 2018, p.139).

A filosofia espírita também considera a alma humana de natureza dual, mas isso não quer dizer que ela seja dualista, pois matéria e espírito possuem uma origem comum, em Deus. Quando à natureza dos dois “elementos”, os espíritos não fecham questão, por não encontrarem uma linguagem adequada (KARDEC, 2013b). O que fica claro é que a alma humana participa, a um só tempo, dos dois mundos: espiritual e material. O mundo material limita suas potencialidades e, por isso mesmo, “a reencarnação é uma espécie de morte, ou

antes, de exílio, de clausura.” (KARDEC, 2013b). O espírito encarnado perde a consciência de sua parte espiritual, esquece seu passado, e “entra” no mundo como se não houvesse uma existência pregressa. Esta fica acessível apenas a nível inconsciente, na forma de “tendências”:

O homem não conhece os atos que praticou em suas existências pretéritas, mas pode saber qual o gênero das faltas de que se tornou culpado e qual o cunho predominante do seu caráter. Bastará que se estude a si mesmo. Poderá então julgar do que foi, não pelo que é, mas pelas suas tendências. (KARDEC, 2013b, p. 213).

A tomada de consciência de que precisa, porém, não é a da prisão do corpo, mas a da prisão metafórica do espírito. Isso também dialoga com Corbin. Nas primeiras encarnações o espírito se revela mais conectado à sua polaridade material, e possui menor livre-arbítrio, ou seja, é prisioneiro das determinações biológicas. Desde a criação ele passa por diversos reinos, progressivamente, aprimorando a faculdade consciencial em fases sucessivas: “Primeiro, temos a sensibilidade vegetal; depois, a perceptibilidade animal; por fim, a inteligência humana.” (PIRES, 1933, p.34). Portanto, apenas à medida que se desenvolve é que o espírito transita da inconsciência na polaridade material, para o outro polo, auto-consciente, espiritual, com a aquisição graduada da inteligência e da moral. Liberta-se, assim, o espírito imortal, do jugo da matéria e da conseqüente necessidade de nela renascer.

A filosofia espírita objetiva contribuir para o melhoramento do homem, pela compreensão das leis divinas, pois quanto mais o espírito conhece, maior sua liberdade de escolha e melhor o uso que faz de suas potencialidades. O caminho do conhecimento, entretanto, ainda que deva ser sempre aceitável à razão, nem sempre se dará racionalmente, mas também por via da mediunidade, pela intuição. Isso a coloca em consonância com a filosofia profética, que é a proposta de Corbin, de resgatar uma filosofia que seja parte de uma busca espiritual, “realizada pelo ser integral e não somente pelo seu intelecto ou sua mente analítica, normalmente focalizada em captar um grande número de informações e conhecimentos quantitativos.” (CROMBERG, 2018, p.110). Na filosofia profética, o caminho aberto pela hermenêutica vai do exterior para o interior, do ocidente da alma para o oriente, de um mundo repleto de facticidade, objetividade, para uma interioridade cheia de sentidos. Esse processo de realização pessoal constitui a *individualização espiritual*.

Kardec acessa a realidade pós-morte, narrada pelos próprios espíritos através de médiuns. Médiuns são *profetas*, pois profeta é um vocábulo referente àqueles que falam “em

lugar de”, ou “precedendo a” outro (COMTE-SPONVILLE, 2003). A palavra profecia tornou-se conhecida como capacidade de prever o futuro; entretanto, este é apenas um tipo de profecia. Os místicos que afirmam portar mensagens de divindades ou espíritos são, portanto, profetas. Daí Corbin reivindicar uma filosofia profética, ou seja, uma filosofia em que se esteja em contato com a dimensão espiritual, que acolha a mística, que tenha abertura para a dualidade da alma, e que vá além do ser-para-a-morte, de Heidegger, transcendendo-o para o *ser-para-além-da-morte* (CROMBERG, 2018). Ele diz, a respeito da morte:

As pessoas se tranquilizam repetindo: “a morte faz parte da vida”. Não é verdade, a menos que se entenda a vida no sentido biológico. Mas a vida biológica deriva ela mesma de uma outra vida que é sua fonte e que dela independe, e que é a Vida essencial. [...] Ser livre para além da morte é pressenti-la e fazê-la advir como saída, uma saída deste mundo para outros mundos. No entanto, são os vivos e não os mortos, que saem desse mundo. (CORBIN, 1981, p.32, *apud* CROMBERG, 2018, p.131).

E o Espiritismo, apesar dos muitos espíritas que tentam divorciá-lo da mística - como se o fenômeno mediúnico, por ser analisado pela razão, não ocorresse via intuição - , se harmoniza com a proposta de Corbin. Reconhece o próprio Kardec (2015b, p.21) “que quase todos os reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes”, mas acrescenta que disso não se deve concluir que os todos médiuns sejam “intermediários diretos da divindade ou dos seus mensageiros.” (KARDEC, 2015b, p.21).

A filosofia espírita tem um caráter de revelação, pois seu conteúdo parte dos espíritos, são eles que trazem as informações, mas estas são balizadas pelo pesquisador, que conclui: “Não, a morte não existe. É o instante de repouso após a jornada feita e terminada a tarefa; depois, é o despertar para uma nova obra, mais útil e maior que a que se acaba de realizar.” (KARDEC, 2006, p.215)

Há uma dialética entre os dois mundos e o médium é um intérprete dos espíritos, mas não necessariamente a voz da verdade. A psique do médium também é atravessada por seus preconceitos e interesses, de forma que Kardec tem o cuidado de não provocar sua vaidade, exalçando sua participação. Ao contrário, ele adverte que

[...]o papel de profeta há tentado as ambições secundárias, e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio deste nome, têm explorado a credulidade em proveito de seu orgulho, da sua ganância, ou da sua indolência, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. (KARDEC, 2015d, p. 20).

Por fim, a filosofia espírita está além da mediunidade, pois trata “não de fazer sessões, provocar fenômenos, procurar médiuns, mas de debruçar o pensamento sobre si mesmo, examinar a concepção espírita do mundo e reajustar a ela a conduta através da moral espírita.”(PIRES, 1993, p.21).

De forma que no Espiritismo não apenas se cruzam ciência e filosofia, mas fé e razão. Segundo Pires (1993, p. 23): “A Ciência espírita é o fundamento da Doutrina. Sobre ela se ergue a Filosofia Espírita. E desta resulta naturalmente a Religião Espírita.” Kardec, portanto, se antecipa a Corbin, admitindo no século anterior a mediunidade como fonte de saber, além de estabelecer conexões entre o intuitivo e o racional na construção do conhecimento. A existência de um mundo espiritual, constatada através de um método, porém a partir da mediunidade, ultrapassa os liames da convicção religioso-dogmática, e se apresenta como um modo de fazer ciência que, como se verá a seguir, é para onde caminha a humanidade.

### 3 A EMERGÊNCIA DO PARADIGMA DO ESPÍRITO

“Nem se acende uma candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas na luminária, e assim ela brilha para todos que estão na casa.” (BÍBLIA, p.1711).

O Espiritismo confere uma visão de mundo específica, em que a existência do espírito se confirma. A seguir vou apresentar como se constitui essa visão de mundo.

#### 3.1 Quando o paradigma materialista conduz ao Paradigma do Espírito

Tenho falado muitas vezes em mudança paradigmática. Por quê? Porque trazer a imortalidade como factível para a discussão fora dos centros religiosos e no âmbito da academia, solicita o reconhecimento da multiplicidade das dimensões humanas. Isso só foi viabilizado recentemente, quando novas necessidades do homem contemporâneo, demandaram novos *paradigmas*. Paradigmas são “princípios ocultos que governam nossa visão das coisas e do mundo sem que tenhamos consciência disso.” (MORIN, 2015, p.10). Eles estabelecem o que é considerado certo ou errado numa determinada época. Como diz Vasconcelos (2002, p. 30):

O tempo todo estamos vendo o mundo por meio dos nossos paradigmas. Eles funcionam como filtros que selecionam o que percebemos e reconhecemos e que nos levam a recusar e distorcer os dados que não combinam com as expectativas por eles criadas.

As grandes mudanças paradigmáticas costumam atravessar muitas gerações até se efetivarem. Então, como tudo é novo, não se sabe ao certo onde vamos chegar. Na ciência, ainda predomina o paradigma moderno, regido pelos pressupostos epistemológicos da disjunção, redução e abstração. Diz-se *disjunção*, quando se isola radicalmente cada grande campo do conhecimento científico: física, biologia e ciências humanas, por exemplo; *redução*, quando se despedaça e fragmenta o tecido complexo das realidades, hiperespecializando, para operar numa parte como se fosse o todo: isso é bem visível na medicina; *abstração*, ao se estabelecer que fórmulas e equações ordenam matematicamente os objetos e sistemas, num

determinismo absoluto e perpétuo: a psicologia comportamental é uma referência. (VASCONCELOS, 2002).

Foi esse paradigma, chamado newtoniano-cartesiano ou paradigma da modernidade, emerso a partir do século XVII, que ofereceu as condições necessárias para os impressionantes progressos do conhecimento científico e da reflexão filosófica. Em contrapartida, e por causa de tais progressos, a validade da religião - saber desprovido dos fundamentos aclamados - começou a ser questionada. Assim, firmou-se nas universidades, em lugar do dualismo matéria-espírito, o *monismo materialista*, segundo o qual todas as coisas existentes no mundo - inclusive mente e consciência - são feitas de matéria, ou de generalizações da matéria, tais como energia e campos de força (GOSWAMI, 2008). Por fim, graves danos para a natureza e a humanidade, entre guerras e pandemias, parecem ser o preço a pagar pelo uso desenfreado da “inteligência cega”, em que as totalidades são desintegradas, e os laços que unem observador e coisa observada são ignorados (MORIN, 2015). Como afirma Morin (2015, p.15), “um pensamento mutilador conduz necessariamente a ações mutilantes”.

Porém, no século XX, um produto inesperado do aprofundamento de sua própria atitude simplificadora, golpeou fortemente o paradigma moderno (VASCONCELOS, 2002; MORIN, 2015): na busca da peça elementar da estrutura universal, a Física chegou ao *quark*, que não é uma peça, mas uma entidade fluida, complexa, impossível de ser isolada e, portanto, inconcebível em termos de disjunção ou simplicidade. A partir dessa constatação emergiu o princípio da complexidade. Ele sempre esteve ali e nunca foi um tema estranho aos filósofos e pensadores, mas agora é trazido oficialmente para o centro da ciência.

Adverte Vasconcelos (2002) que a complexidade não é, como se pode crer, uma “propriedade” dos fenômenos, mas um “pressuposto epistemológico” em que se reconhece a impossibilidade de anular a contradição, indeterminação e imprevisibilidade dos fenômenos, assim como a interferência do observador sobre o que é observado. Quer dizer: os fundamentos do paradigma moderno, inicialmente questionados pelas ciências humanas, foram enfim postos em xeque pela Física (um de seus principais representantes), em decorrência da pesquisa subatômica.

É nesse contexto que se apresenta a necessidade de um paradigma pós-moderno, que comporte, ao mesmo tempo, complexidade, instabilidade e intersubjetividade. Uma nova

ciência, transdisciplinar, que reconheça não ser possível compreender qualquer realidade de modo unidimensional (MORIN, 2015). Esta nova visão de mundo começa por resgatar saberes alijados, ou *epistemologias do sul* (SANTOS, 2009).

Num mundo de culturas e saberes diversificados, a imposição de um único modelo epistemológico e invalidação de outros saberes, constitui um perigoso *epistemicídio* que, na argumentação de Santos (2009), é “abissal”, por dividir o mundo em norte e sul. A epistemologia do norte, eurocêntrica, é definida como único saber que merece respeito, enquanto do outro lado da linha, ao sul, o que há não é admitido como conhecimento (SANTOS, 2009). As epistemologias do sul seriam meras crendices, superstições, idolatrias, por não obedecerem aos critérios de verdade estabelecidos, a despeito de serem o resultado de reflexões e práticas seculares. Diante dos perigos de uma tal imposição, que procura anular a pluralidade dos conhecimentos e a heterogeneidade epistemológica, restringindo o poder da verdade a uma minoria, surge a necessidade do pensamento pós-abissal. (SANTOS, 2009) Ao reconhecer-se a importância dos dois lados da linha, sem privilegiar nenhum deles, promover-se-á uma *ecologia de saberes*, equilibrante, para a qual todo conhecimento é interconhecimento, e pede reconhecimento da diversidade.

Em consonância com esse movimento de profunda transformação paradigmática está o Espiritismo. Apesar de ser uma doutrina surgida na modernidade, ele antecipa e atende a demandas pós-modernas ou pós-abissais. À época de seu surgimento, uma onda ocultista já se derramava sobre a Europa, como reação ao discurso eminentemente materialista, em que até a Filosofia ameaçava prescindir de qualquer transcendência. Nesse clima de *espiritualismo moderno* surgiram a Teosofia, a cabala cristã, a Rosa Cruz, a maçonaria etc. (STOLL, 2003).

O Espiritismo não representa, portanto, um caso isolado. Como movimento antecipatório, sua originalidade não consiste no conteúdo, pois reencarnação, comunicação com os mortos e outros assuntos, são tão velhos quanto a humanidade, e estão presentes nos mais antigos mitos, músicas, costumes, tecendo uma espécie de paradigma submerso, o Paradigma do Espírito, em que se considera “[...]o Espírito como fundamento de toda a realidade, tornando o nada um problema filosófico.” (INCONTRI, 2006, p.83).

O que há de novo no Espiritismo é o seu método, autodenominado, como expus linhas atrás, de *nova ciência* (KARDEC, 2017), muito próximo dos métodos usados pela recente psicologia transpessoal. Um método que, como explicita Linhares (2019, p.124):

[...] ao invés de controle e previsão, como também mensuração e quantificação, tão comuns a seu tempo no experimentalismo em ciências, Kardec propõe observar e analisar o fato do Espírito respeitando-lhe o lugar de sujeito - rompe, então, com o **controle** e a **previsibilidade** do modo como se pensava em ciências, no trato do experimento. Em seu lugar propõe o enlace do filosófico, do religioso e do científico como forma de análise acurada, ressaltando a liberdade dos sujeitos e negando-os como objetos sob nosso comando (Grifos do autor).

À época de Kardec, nem mesmo Helena Blavatsky, que também reivindicava o status de ciência para o movimento teosófico que liderava, fez algo parecido. Blavatsky ancorou sua doutrina - de fundamentos semelhantes aos do Espiritismo - na tradição e em documentos antigos, acessados através de meditações (STOLL, 2003). Kardec se baseou nos depoimentos dos espíritos; não apenas de um e não de todos, mas de vários. Claro que histórias de “almas de outro mundo” sempre existiram, porém, um sistema de coleta, verificação, comparação e validação, que aplicasse o método científico a temas metafísicos, isso foi, à época, surpreendentemente inovador. Como se lê em “A Revista Espírita”:

É verdade que o Espiritismo nada inventou de tudo isso, pois não há verdadeiras verdades senão aquelas que são eternas e que, por isto mesmo, **devem ter germinado em todas as épocas**. Mas não é alguma coisa havê-las tirado, senão do nada, ao menos do **esquecimento**; de um germe ter feito uma planta vivaz; de uma ideia individual, **perdida na noite dos tempos, ou abafada pelos preconceitos**, ter feito uma crença geral; ter provado o que estava em estado de hipótese; ter demonstrado a existência de uma lei no que parecia excepcional e fortuito; de uma teoria vaga ter feito uma coisa prática; de uma ideia improdutiva ter tirado aplicações úteis? Nada é mais verdadeiro que o provérbio: “Não há nada de novo sob o sol”, e até mesmo essa verdade não é nova. Assim, **não há uma descoberta da qual não se encontrem vestígios e o princípio em algum lugar**. Por conta disto, Copérnico não teria o mérito de seu sistema, porque o movimento da Terra tinha sido suspeitado antes da era cristã. **Era uma coisa tão simples, entretanto, era preciso encontrá-la.** (KARDEC, 1996, p.226, grifos meus).

Como afirma Pires (1995, p.17): “Kardec provara que as Ciências não deviam temer os fantasmas, mas enfrentá-los e explicá-los.” O Espiritismo resgatou saberes alijados, ou seja, fez emergirem epistemologias que reconheceu estarem submersas, banidas pelo paradigma newtoniano-cartesiano, e que constituem o atual Paradigma do Espírito.

Certo que na segunda metade do século XIX ainda dominava, a despeito do movimento espiritualista moderno e da ciência espírita, o crescente materialismo racionalista. Ao mesmo tempo surgia na filosofia uma onda niilista. O niilismo é a nadificação do ser, da qual o filósofo Nietzsche foi um dos maiores representantes. Para Incontri (2006), essa nadificação, ao lado da relativização da igualdade, fraternidade e justiça, foi um dos fundamentos da sensação de impotência e do desencanto existencial que abriram o século XX.

Foram elas que teceram as malhas dos sistemas totalitários, do Holocausto, do totalitarismo econômico presente nas democracias, do colonialismo etc., gerando desilusão com a espécie humana. Mas isso não aconteceu por acaso, porquanto, como afirma Incontri (2006, p.75): “[...] a abolição da dimensão espiritual do homem foi uma rebelião emocional contra as imposições religiosas do passado.” E mais:

O Deus iracundo que condena inapelavelmente uma criatura sua à eternidade do inferno; a moralidade opressora que renega os impulsos básicos da vida; as instituições hierárquicas abusando do poder e promovendo a violência, a resistência de algumas dessas instituições ao progresso da ciência, da política e dos costumes - tudo isso foi a face escura que os rebelados quiseram apagar, mas o fizeram de forma tão dogmática e impositiva, quanto o alvo de suas críticas. (INCONTRI, 2006, p.76).

Como respondeu o professor Woolger (informação verbal)<sup>5</sup> quando lhe perguntei qual a opinião da ciência sobre a técnica de regressão a vidas passadas: “O homem moderno substituiu a Igreja pela Ciência.” E arrematou, em tom de crítica: “Do mesmo jeito que os medievais procuravam saber qual a opinião dos padres sobre qualquer coisa, antes de aceitá-la como verdade, os modernos nos ensinaram a perguntar qual a opinião da ciência, e apenas a ciência pode determinar o que é a verdade.”

Era assim que procediam e ainda procedem os diversos setores epistemológicos do norte. Mas, se à época de Kardec havia ainda um entusiasmo positivista a exalçá-los, na era pós-moderna, em vistas da crise mundial, o movimento que se inicia é outro. Aos poucos, fomenta-se a inclusão de todos os conhecimentos, e volta-se a olhar para as epistemologias do sul. Não numa negação total da metodologia científica, mas numa busca de sua ultrapassagem, como diz Vasconcelos (2002), através da religação dos saberes (MORIN, 2004) ou transdisciplinaridade.

Dentro (e um pouco antes) desse movimento maior de mudança paradigmática, demandado pelas condições decorrentes da atitude materialista-niilista dos últimos séculos, é que (re)surge o Paradigma do Espírito. Ou seja: a crença basal de que somos seres espirituais. Não os seres-para-a-morte da perspectiva niilista heideggeriana, mas, como afirma Corbin, seres-para-além-da-morte (CROMBERG, 2018). Proposto pelo Espiritismo, tal paradigma consiste numa racionalidade básica, sem com isso deslizar pelo endeusamento fanático da razão (INCONTRI, 2006). Recorrendo à lógica do bom senso, leva-a “ao domínio do Espírito,

---

<sup>5</sup> Fala de Roger Woolger no primeiro módulo de formação em Deep Memory Process, em Recife-Pernambuco, ano 2002.

ao campo da religião, de modo definitivo, abolindo-se a categoria do sobrenatural, do mistério, do incognoscível.” (INCONTRI, 2006, p.83) Um paradigma que permite conjugar fé e razão, e que oferece perspectivas opostas às da nadificação:

Desse paradigma decorre uma ética seguramente alicerçada: uma ética espiritualista, universal e mesmo cristã, que não mais se faz representar por instituições, nem pode ser imposta ao indivíduo. Trata-se de uma ética imanente. Deriva da consciência espiritual do homem, de sua autonomia como ser livre, que constrói no espaço e no tempo. Resgata-se assim o sujeito, evidenciando o Espírito, o que lhe dá substância, realidade e, portanto, liberdade e responsabilidade moral. E com isso recompõe-se a ética num paradigma muito mais dinâmico que a ética tradicional, mas muito mais sólido que a ética relativista do momento. (INCONTRI, 2006, p.87).

O paradigma espírita, coincidente com o Paradigma do Espírito, usando métodos experimentais e empíricos, dialogando com as ciências humanas, como também com as revelações religiosas, apresenta uma visão global e interdisciplinar do ser humano como princípio espiritual independente do corpo físico, capaz de sobreviver à morte e de, mesmo depois dela, se relacionar e atuar por meios extra-físicos. É do humano assim vislumbrado que falarei a seguir.

### **3.2 O retorno ao ser espiritual e a sacralização do mundo material**

Por sua constituição, o Espiritismo conduz o sujeito, inevitavelmente, ao contato com o tema da morte. Afinal, os espíritos que se comunicam através dos médiuns, desvelando a dimensão em que se encontram, são os mesmos que um dia estiveram encarnados sobre a Terra, até serem dados como mortos.

Das comunicações com os mortos, sobretudo a *psicografia*<sup>6</sup>, é que resultou a filosofia espírita, que suscita, em seus adeptos, uma aplicação prática, o exercício de uma ética religiosa, no sentido de promover a conexão com o sagrado. Segundo Eliade (2018), “conectar-se ao sagrado” era algo que fazia parte do cotidiano do homem nos primórdios da humanidade. O homem das sociedades arcaicas enxergava o transcendente em tudo, tudo era feito para os deuses, tudo era tocado por um sentido religioso (ELIADE, 2018). Ele praticava sem qualquer restrição a *hierofania*, que é quando um objeto é “consagrado”, e se torna algo além daquilo que nele se vê, quando o natural transmuta-se em “sobrenatural”. “Em outras palavras, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda Natureza é suscetível de

---

<sup>6</sup> Psicografia é a denominação espírita para o fenômeno pelo qual espíritos se comunicam através da escrita dos médiuns.

revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania.” (ELIADE, 2018, p.18). Então, se plantava, se guerreava, se padecia, se morria, o ser humano encontrava um sentido maior nisso, que era atender ao chamado divino. A si mesmo, ele enxergava assim, como um ser espiritual cuja existência participava de um projeto maior e cósmico.

Quando isso começou? O que levou o homem a pensar-se como um ser espiritual? A antropologia e a sociologia identificam a ideia de ser espiritual desde os povos mais arcaicos e em diversificadas culturas, até os dias atuais. Afirma Bozzano (1997) que isso se deve às primeiras manifestações “supranormais” (mediúnicas). Segundo esse autor, as aparições dos mortos remontam às origens dos primeiros homens, pois apenas isso explicaria que tão cedo se houvesse começado a pensar na abstração que é o espírito: uma parte invisível e imortal de nós mesmos. Nas palavras de Pires (1983) citado por Incontri (2006, p.78): “Não foi da imaginação primata (incapaz de tal abstração) que surgiu o conceito de espírito, mas dos fenômenos de aparições, de materializações e de todos os tipos de manifestações paranormais.”

O fato é que esse tipo de convicção está tão presente na humanidade, que pode-se dizer que é universal, arquetípica. Mesmo assim, ao longo da História, o sentido do sagrado foi se reduzindo até ficar circunscrito ao espaço limitado dos templos religiosos. Com os avanços tecnológicos-científicos subsequentes a uma Idade Média marcada por fanatismo, desconforto material, fome e peste, nem todos se sentiam atraídos pela religião. Esperar por uma felicidade celestial após a morte era bem menos atraente do que buscar ser feliz aqui e agora. Nas palavras de Eliade (2018, p.19): “[...]o homem moderno dessacralizou seu mundo e assumiu uma existência profana.” Porém, esse esvaziamento do sagrado negava a dimensão espiritual que é parte do homem, e o levou a uma perigosa perda de sentido.

Nascido nessa época “sem sentido”, o Espiritismo, pelo próprio caminho que o “dessacralizou”, ou seja, pelo caminho racional, do *logos*, reencontrou o espírito, do latim *spiritus*, que significa sopro ou respiração, e sacralizou-o novamente, através do que Kardec denomina *fé raciocinada*: “A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu.” (KARDEC, 2013a, p.256).

Os mortos “falaram” e suas respostas validaram princípios assentados sobre bases religiosas: Deus, alma, penas, recompensas futuras (KARDEC, 2013a, 2013b). Kardec não se

entusiasmou tanto com o fenômeno mediúnico, quanto o que com ele ficou demonstrado: a existência do ser espiritual, da alma imortal. (KARDEC, 2015b). Para ele, a alma é o ponto de partida: “Falar-lhe dos Espíritos, antes que esteja convencido de ter uma alma, é começar por onde se deve acabar, porquanto não lhe será possível aceitar a conclusão, sem que admita as premissas.” (KARDEC, 2015b, p.34).

“Cada criatura humana é um **ser espiritual**, mas também é um **ser físico** ou um **ser corporal**.” (PIRES, 1993, p.55, grifos do autor). Mas apesar de sua dupla natureza, espiritual e material, a filosofia espírita “não é dicotômica, não divide a realidade em duas partes, não abre um abismo entre matéria e espírito. Pelo contrário, sua posição é monista, sua cosmovisão é global.” (PIRES, 1993, pp.49, 50)

Há um princípio de onde tudo emana, e esse princípio está em Deus. Deus não é um ente, nós é que tendemos a conceituá-lo assim, à nossa imagem e semelhança. Isso, por nos faltar o sentido que nos permitiria “perceber” Deus; e se coloco entre aspas a palavra “perceber” é porque falta uma que designe o Ser perfeito que nos é incompreensível. Perceber ainda é um sentido humano, da percepção. Explica Kardec (2013b, 2015a, 2016) que só podemos compreender Deus pelos seus atributos. Em Deus estão a matéria e o espírito, desdobramentos de um mesmo ato criador, que vão da densidade material à sutileza espiritual.

No ser humano essa realidade se apresenta no complexo **espírito, perispírito e matéria**. [...]Toda essa complexidade, entretanto, é simplesmente a expressão pluralista de um monismo fundamental. A essência é que tudo domina. Ela é a realidade última. Mas só através da existência conseguimos atingi-la. Temos que penetrar as capas existenciais do ser para encontrá-lo na sua realidade essencial. É por isso que o Espiritismo tem o seu aspecto existencialista: vivemos na existência, evoluímos através das existências sucessivas, vemos todas as coisas na perspectiva existencial, mas buscamos em tudo a sua essência, pois sabemos que somente nela iremos encontrar o real.

A ontologia espírita oferece-nos uma visão dialética das coisas e dos seres. Apreendemos que a realidade aparente é ilusória (como a própria Física hoje nos mostra) mas que é também necessária para chegarmos à realidade verdadeira. O ser humano está no ápice da escala evolutiva existencial. (PIRES, 1993, pp.61,62, grifos do autor).

Criada por Deus, a alma está no mundo, mas não é do mundo, pelo menos não do mundo material. Segundo os espíritos nascer é tão difícil, ou até mais, que morrer. É como uma morte, mas invertida. Morre-se para a vida espiritual, quando se nasce num corpo material. Sendo a vida material muito mais difícil, limitada, inconsciente, os espíritos temem nascer, como os indivíduos encarnados temem morrer (KARDEC, 2013b). O contrário de morrer não é viver, mas nascer, pois morte e nascimento são “portais” entre os dois mundos.

Contudo, apesar de ser passageira e acontecer em função da vida espiritual, a vida matéria não deixa de ser sagrada:

A Alma pura comunga com a Natureza inteira; inebria-se nos esplendores da Criação infinita. Tudo: os astros do céu, as flores do prado, a canção do regato, a variedade das paisagens terrestres, os horizontes fugitivos do mar, a serenidade dos espaços, tudo lhe fala uma linguagem harmoniosa. Em todas essas coisas visíveis, a Alma atenta descobre a manifestação do pensamento invisível que cobre o Cosmos. Este reveste para ela um aspecto encantador. Torna-se o teatro da vida e da comunhão universais, comunhão dos seres uns com os outros e de todos os seres com Deus, seu pai. (DENIS, 1992, p.49).

O Paradigma do Espírito intensifica o senso de fraternidade, ao reconhecer a irmandade de tudo o que há, originário da mesma causa. A vida material não é dada ao espírito para ser consumida ou desgastada, mas como a terra onde se joga a semente, ela precisa ser cuidada, para dar frutos.

Tudo o que cultivamos de material, o dinheiro que juntamos, os bens, até mesmo os títulos dos quais tanto nos gabamos, mestrados, doutorados, são oferendas sagradas para o mundo e não nos pertencem; ficam com nossos corpos, quando morremos. Mas uma parte de nossas conquistas permanece, qualquer que seja a dimensão em que nos encontremos, e a levamos conosco ao morrer; são os chamados *tesouros espirituais* (KARDEC, 2013a), as qualidades que se imprimem na alma: o amor, a amizade, a fé, a bondade, a alegria etc. Também são levados os maus sentimentos e, caso os tenha, o ser espiritual não conseguirá sentir-se bem. Questão de lógica: ninguém fica bem, se carrega um mal. É preciso libertar-se de todo rancor, ódio, mágoa, inveja, ciúme etc., para tornar-se feliz. E é por isso que o espírito reencarna, para, além de crescer com as experiências, depurar-se de todo mal e desenvolver-se no bem.

### **3.3 Do sentido da vida vem o sentido para o sofrimento e a morte**

O sentido da vida é o desenvolvimento. Enquanto se desenvolve, a alma participa da ordem natural. Nada mais justo, “pois que os Espíritos são uma das potências da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para a execução de seus desígnios providenciais.” (KARDEC, 2013b, pp. 87, 88). Ao operar no mundo, de maneira consciente ou não, a alma realiza um plano divino. Um plano que a conduz a um último resultado: a perfeição.

A perfeição do espírito é relativa, pois afirma Kardec: “Se à criatura fosse dado ser tão perfeita quanto o Criador, tornar-se-ia ela igual a este, o que é inadmissível.” (KARDEC, 2013a, p.231). Inadmissível, não por Deus temer uma disputa com sua própria criação, mas porque, por mais que o ser espiritual progrida, ele terá sempre sido criado e será sempre um ser em desenvolvimento, em expansão. Apenas Deus não tem limites. Então, quando se pensa numa perfeição espiritual é no sentido de perfeição relativa, ou seja: o ser, hoje, é sempre melhor do que foi ontem. Tanto que ao evocar espíritos de pessoas encarnadas<sup>7</sup> portadoras de deficiência mental, Kardec (2015c) constatou que suas limitações eram determinadas exclusivamente por seus corpos físicos, mas, espiritualmente, elas mantinham todo conhecimento adquirido em vidas anteriores.

O aperfeiçoamento dos espíritos se dá por toda a existência, tanto faz se encarnados ou desencarnados, se no mundo físico ou no mundo espiritual. Afirma Kardec (2015b, p.233): “O progresso da alma na vida espiritual é [...]um fato constatado pela experiência”, porém é preciso encarnar, porquanto na vida corporal é que se coloca em prática esse progresso, é onde se prova a força das boas resoluções (KARDEC, 2015b). “A encarnação é, pois, uma necessidade para o espírito que, para cumprir sua missão providencial, trabalha pelo seu próprio adiantamento pela atividade e a inteligência que lhe é preciso empregar para prover à sua vida e ao seu bem-estar.” (KARDEC, 1994, p.167)

Note-se que há uma missão designada para cada espírito que, regra geral, consiste

Em **instruir os homens**; em lhes **auxiliar o progresso**; em lhes **melhorar as instituições**, por meios diretos e materiais. As missões, porém, são mais ou menos gerais e importantes. O que cultiva a terra desempenha uma missão, como o que governa, ou o que instrui. Tudo na Natureza se encadeia. Ao mesmo tempo que o Espírito se depura pela encarnação, concorre, sob essa forma, para a execução dos desígnios da Providência. Cada um tem neste mundo a sua missão, porque todos podem ter alguma utilidade. (KARDEC, 2013b, p. 275, grifos meus).

E por isso é que o sentido da vida é desenvolver o espírito através do cumprimento de uma *missão pessoal*. As missões pessoais estão relacionadas com a coletividade, e nunca são individualistas, embora possam ser individuais. É nas relações que os espíritos progridem, numa marcha sem retorno:

---

<sup>7</sup> Sendo os encarnados também espíritos, capazes de se liberarem parcialmente de seus corpos físicos durante um transe, natural ou provocado, eles podem comunicar-se como qualquer espírito desencarnado, através dos médiuns.

Os Espíritos não retrogradam, no sentido de que nada perdem do progresso realizado. Eles podem ficar momentaneamente estacionários, mas de bons não podem tornar-se maus, nem de sábios, ignorantes. Tal é o princípio geral, que **só se aplica ao estado moral e não à situação material, que de boa pode tornar-se má**, se o Espírito a tiver merecido. (KARDEC, 1994, p.165, grifo meu).

A marcha do progresso se dá por duas vertentes que devem obrigatoriamente acontecer: a evolução moral e a intelectual. Porém, pode acontecer de o espírito fazer mais mal numa encarnação do que havia feito na precedente, como também de ser genial numa vida e, na seguinte, apresentar algum tipo de retardo. Isso tanto é revelado na doutrina espírita, como demonstrado nas regressões de memória a vidas passadas (WOOLGER, 1998), em psicologia transpessoal. Não se trata, porém, de degenerações, e sim de as circunstâncias da última experiência serem mais ou menos favoráveis à expressão de certas características da totalidade que é o espírito (KARDEC, 1994). Um espírito violento, ao renascer numa família pacata, tem menos chances de revelar sua natureza; de forma semelhante, um que tem aptidão para o piano, ao reencarnar numa condição que o impossibilita de acessar instrumentos musicais, não revela seu talento. Ao retornar ao mundo espiritual, os espíritos recobram - nem sempre imediatamente - a consciência de suas conquistas.

Mas há de se questionar o que caracteriza a perfeição relativa. Comenta Kardec (2013a, pp. 231, 232):

Em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: “Em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem.” Mostra ele desse modo que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, porque implica a prática de todas as outras virtudes.

O amor é, pois, a quintessência da perfeição espiritual. O amor na sua forma mais desprendida, mais “desapaixonada”: a caridade. A caridade desperta o progresso intelectual, pois o ser moralmente evoluído sente vontade de mais saber, para melhor servir. Nem sempre ele tem o conhecimento que almeja, mas busca-o, porquanto o conhecimento amplia as possibilidades de fazer-se o bem. O mesmo não se dá quando o progresso intelectual se sobrepõe. Um espírito intelectualmente desenvolvido não sente a necessidade de se guiar, necessariamente, por princípios morais. Temos disso inúmeras demonstrações na história da humanidade.

É assim que o Espiritismo tem na prática da caridade o seu baluarte (KARDEC, 2013a). Por suas conseqüências ético-morais ele se aproxima da doutrina cristã, a ponto de ser

definido por seu codificador como “Espiritismo cristão e humanitário”(KARDEC, 2015, p.370). Nas palavras de Kardec (2013b, p.151): “O essencial está em que o ensino dos Espíritos é eminentemente cristão; apoia-se na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na Justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem, na moral do Cristo.” A moral do Cristo, que é o modelo de espírito perfeito (Kardec, 2013b), centra-se no amor ao próximo ou caridade. Sendo que caridade, na visão espírita, não consiste simplesmente em dar esmolas (KARDEC, 2013a), mas em dar de si mesmo, em doar-se pelo outro, seja o outro um filho, uma comunidade ou toda a família humana.

Quando o espírito se opõe à prática do bem e falta com a caridade, a lei de causa e efeito lhe oferece como resultado a dor. Isso fica bem ilustrado na conhecida parábola em que Jesus fala sobre o Juízo Final, mencionada em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (KARDEC, 2013a). Ele diz que um dia voltará em toda sua glória e separará as ovelhas dos bodes, colocando as primeiras à sua direita e os segundos à sua esquerda; a cada um julgará conforme o bem que tenham feito ou deixado de fazer ao seu próximo, pois sempre que acudiram ou desprezaram a um de seus pequeninos, foi a ele que o fizeram. Kardec (2013a) chama atenção ao fato de Jesus colocar como critério de salvação não simplesmente deixar de fazer o mal, mas fazer necessariamente o bem. Na parábola, os que não praticaram a caridade foram condenados ao “fogo e ranger de dentes”, o que seria uma metáfora da necessidade de reencarnar no mundo material.

É pela reencarnação que se explica os muitos sofrimentos aparentemente incompatíveis com ideia de justiça divina, como as doenças congênitas, ou os reveses da fortuna que nenhuma providência poderia evitar (KARDEC, 2013a), e que provocam tanta desesperança em Deus. Porém, sua causa está numa vida passada em que foi feita alguma escolha, cujas consequências estão acontecendo no presente. As consequências não são um castigo, mas o resultado de uma lei natural de causa e efeito. A dor é um meio de equilíbrio.

Entretanto, os padecimentos da vida material não são apenas a consequência de faltas cometidas em encarnações passadas, mas um instrumento de educação do espírito. Segundo Denis (1997, p.372):

Fundamentalmente considerada, a dor é uma lei de equilíbrio e educação. Sem dúvida, as falhas do passado recaem sobre nós com todo seu peso e determinam as condições do nosso destino. **O sofrimento não é, muitas vezes, mais do que a repercussão das violações da ordem eterna cometidas; mas, sendo partilha de**

**todos, deve ser considerado como necessidade de ordem geral, como agente de desenvolvimento, condição do progressos.** Todos os seres têm de, por sua vez, passar por ele. Sua ação é benfazeja para quem sabe compreendê-lo; mas somente podem compreendê-lo aqueles que lhe sentiram os poderosos efeitos. (Grifo meu).

Em resumo, os sofrimentos podem ser uma consequência (expição) de atos anteriores, mas podem ser também, um burilamento (prova) do espírito. Isso muda completamente a maneira de encarar-se as dificuldades. Temos uma sociedade em grande parte composta de indivíduos que sofrem sem perspectivas. Na infância e na juventude, eles até enfrentam os desafios com ânimo, se determinados a alcançar alguns objetivos traçados para a vida adulta, mas, e quando se tornam velhos e sem perspectivas de um futuro distante? E quando, mesmo jovens, se veem absolutamente sem esperanças de um amanhã melhor? De que se constituem os seus projetos? Na visão espírita, a velhice, como todo o período entre o nascimento e a morte, é o prenúncio de um novo momento, numa outra dimensão:

No entardecer da vida estamos nos aproximando do fechamento de um novo ciclo biológico. Viver bem, de forma saudável e equilibrada esta fase será, certamente, o preparo mais adequado para a grande viagem que teremos que realizar quando finalizarmos a atual reencarnação. Reavivando em nossos corações as luzes da esperança e crença na imortalidade da alma para transpor os mortais de um novo mundo; com fé, confiança e discernimento estaremos contribuindo para uma chegada feliz e consciente à dimensão espiritual que nos aguarda. (RAMOS, 2012, p.24).

A morte não é aterradora, porque não é o fim. Quer venha de forma lenta, pelo envelhecimento, ou se dê repentinamente, por doença ou acidente, ela nunca acontece por acaso, e jamais conduz ao nada. O espírito recebe, ao nascer, uma quantidade de fluido vital, certa para viver no corpo mais ou menos uma determinada quantidade de tempo. Esse fluido, como a energia de uma bateria de automóvel, pode ser recarregado, por transmissões energéticas entre os encarnados chamadas *passes*, mas há um limite e chega um dia em que a bateria se esgota. É então que o corpo físico morre e o espírito se vê liberto (KARDEC, 2015a).

Toda morte é, pois, parte de um planejamento reencarnatório, pois os momentos de nascer e morrer são estabelecidos no mundo espiritual, de acordo com as necessidades de aprendizado do espírito, exceto os casos de suicídio, em que a alma antecipa o seu retorno - nunca por determinação divina -, não raro movida pelo desespero. Contudo, será frustrada, por constatar que não apenas a vida continua, como também os seus sofrimentos, dos quais esperava escapar (KARDEC, 2015c). Uma vez que as angústias morais que levam ao suicídio

não estão no corpo, mas no espírito, elas continuam após a morte, atormentando o desencarnado, que precisa de uma nova encarnação para reequilibrar-se (KARDEC, 2013b, 2015c).

Importante observar que a ontologia espírita recusa peremptoriamente a doutrina das penas eternas, abraçada por muitos cristãos. Tampouco, nesta, há seres eternamente voltados ao mal - demônios. O que há são espíritos ignorantes, inconscientes da necessidade do bem, mas que fatalmente chegarão à perfeição, através das múltiplas encarnações. É assim que todos estão predestinados à felicidade do pleno uso de suas faculdades divinas.

#### 4 ITINERÁRIOS EM PERSPECTIVA DA IMORTALIDADE

Tomé lhe diz: “Senhor, não sabemos aonde vais. Como podemos conhecer o caminho?” Disse-lhe Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim.” (BÍBLIA, p.1879).

Para conhecer como acontece de uma convicção no pós-morte afetar o indivíduo e a sociedade, optei, repito, por utilizar como metodologia a *história de vida ou método biográfico*, uma abordagem qualitativa em que se tem “um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida.” (CHIZZOTTI, 2011, p.101). Associado à história oral, este método frequentemente permite ao sujeito da pesquisa revelar a si mesmo com as próprias palavras, acompanhadas das entonações e sentimentos que revestem seus valores e características particulares.

Por ser irrelevante para o propósito da investigação e para preservar sua privacidade, os sujeitos da pesquisa não estão identificados por seus nomes de registro. Pedi-lhes que me dissessem um nome de sua preferência, para utilizá-lo no relato de suas histórias. No caso de meu pai, naturalmente, o nome foi escolhido por mim.

Os (auto)biografados foram: Um jornalista, escritor e expositor espírita, falecido (desencarnado, segundo a terminologia espírita) devido a complicações hospitalares, decorrentes de um transplante de coração; um médico da rede pública de Fortaleza, professor universitário, palestrante espírita, que não apenas trabalha com a morte, como também enfrentou a morte do pai e da mãe; e uma neuropsicóloga, psicoterapeuta, que sofreu um grave acidente automobilístico na adolescência, no qual perdeu a irmã e o pai.

Com exceção do primeiro, que não passou por um processo de entrevista, os demais foram abordados separadamente, para se conhecer os detalhes do seu contato com o Espiritismo e com o tema da morte. O local das entrevistas foi, a princípio, uma sala de terapia - um consultório com duas poltronas, um divã, assentos para terapias de grupo -, por ser convidativa à comunicação e sem distrações, tornando possível refletir, na interação com os entrevistados, sobre como a doutrina espírita atuou em suas vidas, no enfrentamento da possibilidade da própria morte e no luto de pessoas queridas. Houve, além das entrevistas, contatos via mensagens de áudio por celular, que complementaram algumas informações. De

forma que os três sujeitos, cada um a seu modo e na sua especificidade, despontaram sob meu olhar de pesquisadora, manifestando os padrões culturais do seu meio.

Como são histórias que entrelaçam experiências de vida e religiosidade, digo que se tratam de *itinerários espirituais*, expressão da mística cristã que designa profundas experiências transformadoras nas quais ocorre uma travessia da sombra para a luz, ou da inconsciência de aspectos da personalidade, para a consciência transcendental (LELOUP; BOFF, 2018). Portanto, usei como motes para meus relatos as categorias de etapas do itinerário espiritual, conforme apresentadas por LELOUP; BOFF (2018). São elas: 1) A experiência do numinoso, 2) a metanoia, 3) as consolações, 4) a dúvida, 5) a passagem pelo vazio, 6) o estado de transformação e 7) o retorno à vida cotidiana (LELOUP; BOFF, 2018). Tais etapas caracterizaram histórias de conhecidas personalidades religiosas, como Francisco de Assis e Teresa d'Ávila, mas podem dar-se com qualquer pessoa comum, numa proporção menor, nem por isso menos importante e sem impacto no mundo. Ainda sob a influência da mística cristã, usei para cada narrativa (auto)biográfica uma referência de itinerário espiritual, contida nos Evangelhos: A conversão de Paulo de Tarso, a Parábola do Filho Pródigo, a Ressurreição da Filha de Jairo.

Falar numa educação direcionada para a imortalidade significa falar numa educação que, ao oferecer uma perspectiva para-além-da-morte, transforma o homem aqui-e-agora. Mas não apenas uma transformação pessoal, porém uma mudança transpessoal, uma mudança que afeta, a um só tempo, as múltiplas dimensões do humano. Assim, os próximos capítulos apresentam três histórias de *formação e transformação* de vida através da compreensão da natureza humana - seres espirituais em corpos materiais -, que serviu de bússola aos entrevistados, no enfrentamento de situações extremas como a doença, o luto e a morte. Os desdobramentos de uma educação espírita neles se apresentam como itinerários espirituais.

## 5 SAULO: A CAMINHO DE DAMASCO

Sou agradecido para com aquele que me deu força, Cristo Jesus, nosso Senhor, que me julgou fiel, tomando-me para seu serviço, a mim que outrora era blasfemo, perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia, porque agi por ignorância, na incredulidade. Superabundou, para mim, a graça de nosso Senhor, com a fê e o amor que há em Cristo Jesus. (BÍBLIA, p.2069).

Começarei a primeira das histórias de vida pelo começo. Mas, é claro! Porém, refiro-me aos *meus* começos: o começo da minha vida, do meu contato com o Espiritismo e também o começo da presente pesquisa. Tudo começou com meu pai, que aqui chamarei de Saulo.

Saulo nasceu em Uruburetama em 1943 e faleceu em Fortaleza em 2014, aos 71 anos. Como focalizamos os aspectos de uma Educação para a Imortalidade, situaremos superficialmente sua profícua atuação profissional. Jornalista desde 1964, atuou como revisor, repórter, editor e diretor de vários periódicos no Ceará, Rio de Janeiro, Piauí e Brasília. Por conta disso, morou nessas cidades, mas em 1985, instalou-se definitivamente em Fortaleza. Foi correspondente de uma revista de circulação nacional, superintendente de um canal de televisão, porta-voz e assessor de imprensa do governo do estado, editorialista e diretor de jornalismo de um sistema de comunicação. Foi também folclorista e poeta (cordelista e sonetista) de conhecidas publicações.

### 5.1 A experiência do numinoso

Conheceu o Espiritismo em Brasília, em 1976. Eu tinha, então, dois anos de idade. Naturalmente, lembro muito pouco dessa época e foi minha mãe quem me contou sobre seu primeiro contato com a doutrina dos espíritos. Saulo havia se rendido ao alcoolismo, um vício que começara na adolescência e que vinha aumentando após o casamento, celebrado quatro anos antes. Embora dedicado ao trabalho, ele não perdia a oportunidade de beber, preocupando a esposa. Dizia-se ateu, mas como estava sempre curioso a respeito de tudo - como dedicado jornalista que era -, aceitou o convite para participar de uma reunião espírita durante uma visita que fez ao único parente que a família tinha na cidade. Esse parente era casado com uma jovem senhora espírita, que toda semana fazia com os irmãos, também espíritas, o Evangelho no Lar. O *Evangelho no Lar* é uma reunião caseira, realizada

semanalmente, em que são lidas e comentadas passagens do livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec.

Ao começar a leitura, Saulo já havia se servido de uma bebida alcóolica no *home bar*. Com o copo na mão, à medida que a reunião se desenrolava, ele foi reduzindo os goles na bebida, interessado em beber do novo conhecimento que se lhe apresentava. O encontro se estendeu até a madrugada, com todos conversando animadamente a respeito de Espiritismo. Uma semana depois, a reunião se repetiu, mas dessa vez foi na casa dos meus pais. Quando os irmãos espíritas chegaram, presentearam-nos com um exemplar do mencionado livro (que tenho guardado até hoje). Via de regra não acontecem manifestações de espíritos em reuniões domésticas, mas um dos convidados, médium, não se conteve e transmitiu pela fala (psicofonia) uma mensagem para Saulo. “Foi tudo muito bonito”, falou-me mamãe, revelando também suas impressões: “Pela primeira vez na minha vida eu vi ele [Saulo] ficar quieto num canto e chorar, chorar copiosamente.” Foi essa uma *experiência do numinoso*, que constitui a primeira etapa de um itinerário espiritual (LELOUP; BOFF, 2018). Numinoso é uma expressão usada na psicologia transpessoal para designar a qualidade daquilo que é religioso, santo, místico, mágico. Segundo Grof (2009, p.28): “A sensação de numinosidade surge da constatação que estamos diante de um domínio que pertence a uma ordem superior de realidade - um domínio sagrado e radicalmente diferente do mundo material.” Foi o que aconteceu com Saulo, naquele dia.

Aos aspectos psicossociais, tanto a psicologia transpessoal quanto a ciência espírita acrescentam as influências espirituais. Woolger (2019) observou em experiências de quase morte e regressões de memória a vidas passadas que o corpo sutil leva consigo registros físicos, mentais e emocionais ao morrer. Após a morte, a pessoa mantém “uma consciência plenamente humana, em essência nada diferente do que era quando estava na terra, no corpo” (WOOLGER, 2019, p.2). Por isso, se era de algum modo apegada às coisas da vida terrena, fatalmente sentirá dificuldade de “ascender” para outras dimensões, transformando-se em um *fantasma* que vaga, “preso” num espaço entre os mundos (WOOLGER, 2019). Acontecerá, então, de ligar-se a alguém encarnado, por afinizar-se com seu corpo, pensamentos e emoções, num fenômeno também observado por Kardec, e por ele denominado *obsessão* (KARDEC, 2015b). Por definição, obsessão é a constrição mental negativa de um espírito sobre outro (SCHUBERT, 1981). Se espíritos de pessoas que foram

viciadas continuam sentindo as mesmas necessidades (a dependência possui um viés psicológico que não termina com a morte do corpo material) e “colam-se” a “vivos” também viciados, eles acabam compartilhando de suas mesmas sensações, intensificando o ciclo do vício.

Pela via psicológica, o *ciclo do vício* têm raízes no desprezo (não raro inconsciente) por si mesmo. Daí surge o pensamento distorcido: “Eu ficarei bem se beber, se comer, se fizer sexo, se trabalhar, se comprar...” Quando a psique se satura da ideia obsessiva/pensamento distorcido, ela culmina na compulsão - o ato repetitivo. Terminado o ritual do vício, ressurge o auto-desprezo e o ciclo recomeça (BRADSHAW, 1997).

Mas existem outras vias de formação para os sintomas. Uma delas é a espiritual, abordada tanto pela psicologia transpessoal, quanto pelo Espiritismo. Quando alguém entra em conflito sobre ceder ou não a um pensamento repetitivo, muitas vezes está sob influência de espíritos:

Não ignorais que muitos pensamentos vos acodem a um tempo sobre o mesmo assunto e, não raro, contrários uns dos outros. Pois bem, no conjunto deles estão sempre de mistura os vossos com os nossos. Daí a incerteza em que vos vedes. É que tendes em vós duas ideias a se combaterem. (KARDEC, 2013b, p. 238)

Isso não quer dizer que os espíritos sejam responsáveis pelas decisões daqueles a quem constroem pela obsessão.

Desde que sobre ti atuam influências más, é que as atraís, desejando o mal; porquanto os Espíritos inferiores correm a te auxiliar no mal, logo que desejes praticá-lo. Só quando queiras o mal podem eles ajudar-te para a prática do mal. (KARDEC, 2013b, p. 238)

Saber com certeza se o seu alcoolismo era incentivado por obsessores, não se sabe; porém afirma Kardec (2013b, p. 239) que isso não importa: “Se fora útil que pudéssemos distinguir claramente os nossos pensamentos próprios dos que nos são sugeridos, Deus nos houvera proporcionado os meios de o conseguirmos, como nos concedeu o de diferenciarmos o dia da noite.” O certo é que o choro de Saulo naquele momento teve um efeito catártico, e sua vida não foi mais foi a mesma. Parou de beber, leu toda a obra de Kardec e, juntamente com a mulher e os filhos, passou a frequentar o centro espírita Sebastião O Mártir, no Núcleo Bandeirante, uma região administrativa do Distrito Federal, próxima a Brasília.

## 5.2 A metanoia

Assim, chegamos ao segundo passo do itinerário espiritual de Saulo: *a metanoia* (LELOUP; BOFF, 2018). Esse é o momento em que ocorre a mudança de vida ou de consciência, decorrente do encontro com o místico. É quando se procura o esclarecimento sobre o ocorrido, quando se escolhe um guia, e se percebe que não é mais possível viver da mesma forma que antes (LELOUP; BOFF, 2018). Como pessoa entusiasmada que era, Saulo não demorou para se envolver com diversas atividades espíritas, estudar e praticar a mediunidade, além de introduzir os filhos no estudo doutrinário para crianças, chamado *Evangelização Infantil*.

Incentivado pelos novos amigos, ajudou a erguer - das campanhas para arregimentar recursos ao trabalho de “construtor” -, entre 1978 e 1980, uma instituição para idosos, conhecida como Lar dos Velhinhos Maria de Madalena, vinculada ao centro espírita. Tornou-se médium, orador, escritor e poeta espírita. Considerou-se transformado e renovado, a ponto de utilizar a metáfora das sombras para referir-se ao período anterior de sua vida:

Ontem, nas **sombras** do vício;  
 Hoje, na busca de **luz**;  
 Ontem, no suor do suplício;  
 Hoje, ao sabor de Jesus!  
 (PEREIRA, 1995, p.81, grifo meu.)

Aos olhos de todos, a mudança de Saulo era notória e gratificante.

## 5.3 As consolações

A doutrina espírita, para Saulo, foi como luz nas trevas. Lembro-me bem desse período da sua vida, quando íamos juntos ao centro espírita ou ao lar de idosos, e quando sentávamos à mesa, a família toda, para ler “O Evangelho segundo o Espiritismo”. Não havia constrangimento, tudo era vivido com naturalidade e leveza, e havia muita paz em nossa casa. Ele estava na terceira etapa do seu itinerário espiritual: *as consolações* (LELOUP; BOFF, 2018). São momentos de paz em que se manifesta humildemente a gratidão pelas novas descobertas.

É inegável que, a depender de como se vivencia a religião, esta pode servir de fundamento para a culpa, a ansiedade, a depressão e, em casos extremos, para a violência e o abuso, o autoritarismo e a ortodoxia. É o que acontece nas posturas radicais, exclusivistas, em que o sectarismo atua no sentido contrário da educação, enquanto agente transformador.

Já o Espiritismo, como religião, se diferencia da grande maioria dos credos. Para Pires (1990), ele sequer configura uma religião, mas um auxiliar das religiões, um conhecimento do qual resulta uma moral que coincide com a moral evangélica. Por sua vez, Kardec (2013b) afirma que o Espiritismo não é uma religião no sentido institucional, por ser desprovido de cultos, paramentos, rituais, sacerdócios etc.; mas é uma religião no sentido filosófico, por estabelecer um laço moral que une as pessoas e promover, em decorrência da comunhão de vistas e de sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência (KARDEC, 2017c). Tal perspectiva converge com a da psicologia transpessoal:

A espiritualidade baseia-se em experiências diretas de aspectos e dimensões não ordinários de realidade. Não requer um lugar especial ou alguém oficialmente designado para mediar o contato com o divino. Os místicos não necessitam de igrejas ou templos. Eles experienciam as dimensões sagradas da realidade, incluindo sua própria divindade, em seus corpos e na natureza. **Em vez de sacerdotes, os místicos precisam de um grupo de apoio de companheiros buscadores ou da orientação de um professor mais avançado do que eles na sua jornada interna.**

A espiritualidade envolve um tipo especial de relação do indivíduo com o cosmos e é, em sua essência, um assunto pessoal e íntimo. A religião organizada, por sua vez, é uma atividade coletiva institucionalizada que ocorre em um local determinado, como um templo ou uma igreja, e envolve um sistema de oficiais nomeados que podem ou não ter tido experiências pessoais de realidades espirituais. (GROF, 2015, pp.28,29, grifo meu).

Portanto, apesar de o Espiritismo fugir ao consenso do que é religião, o movimento espírita está em parte institucionalizado por meio de centros espíritas, e o resultado é que seus frequentadores afirmam seguir a religião espírita. Porém, Saulo, ao adentrar o centro espírita, jamais encontrou membros de um sistema hierárquico, e sim amigos, ou um “grupo de companheiros buscadores”, que com ele partilhavam o mesmo itinerário espiritual. Com eles, Saulo reconectava-se à espiritualidade, que é uma necessidade humana básica (GROF, 2002; BRADSHAW, 1997). Esta, uma vez contemplada, alavancou sua transformação de vida ou, como se diz no meio espírita, sua *reforma íntima*. Até que os ventos mudaram, mais uma vez.

## 5.4 A dúvida

Em 1985, com a família aumentada pelo nascimento de mais uma filha, Saulo foi convidado por uma editora de projeção nacional para retornar ao Ceará, a fim de dirigir uma sucursal sua. Deveria ser um momento auspicioso, pois significava uma ascensão em sua carreira jornalística, mas foi o fim daquela fase áurea, por que ele entrou, então, na quarta etapa de seu itinerário espiritual: *a dúvida* (LELOUP; BOFF, 2018). Trata-se do momento em que o místico é posto à prova, para verificar quão profundas são as raízes de sua fé (LELOUP; BOFF, 2018). Conta sua esposa que antes de deixarem Brasília, o dirigente do centro espírita Sebastião O Mártir os advertiu que se aproximava uma etapa difícil. Disse-lhes que a filha nascida por último era um dos espíritos protetores de Saulo, o seu “anjo guardião”, e que ele agora estaria mais entregue a si mesmo. Não que a ele fosse faltar proteção, porquanto havia outros bons espíritos, mas aproximavam-se situações difíceis em que teria a chance de mostrar o quão profundamente amadurecera.

As situações vieram. Em Fortaleza, afastado do movimento espírita, assim como dos companheiros de ideal, Saulo voltou aos antigos circuitos de boemia e retomou a bebida e o cigarro. Bradshaw (1997) explica que é muito comum, após o despertar espiritual, a reencenação do período que lhe é anterior. Isso acontece quando a atitude religiosa não se aprofunda, estacionando numa espécie de virtuosidade forçada. Realmente, antes da recaída, a esposa observou que Saulo estava se tornando “fanático”. O fanatismo é um dos mais fortes indicadores de insegurança. A busca para preencher o vazio que atormenta a psique não é direcionada para Deus, mas para a aprovação e concordância dos outros. As necessidades básicas do eu continuam dependendo de outras pessoas para serem satisfeitas, gerando tensão, até explodir na repetição (BRADSHAW, 1997). Anos depois, Saulo, amadurecido, e já conhecedor da possibilidade desse auto-engano, revela-se mais auto-consciente e desconfiado das transformações abruptas, como se observa na sua poética:

Será que eu sou quem realmente penso,  
 Ou sou somente o fruto de um desejo  
 De ser alguém no qual sempre me vejo,  
 Mas dentro sou eu mesmo, fraco e tenso?  
 Julgando-me ser outro, eu me compenso,  
 Porém, na realidade, eu me despejo:  
 Nem sou aquele com quem me cotejo,  
 Nem sou eu mesmo, disso me convenço!

Enquanto aqui, vivemos esse drama,  
Em busca do prestígio, atrás da fama,  
Vivendo as ilusões do que não somos.

Querendo ser um dentro, outro por fora,  
Quando nós somos, na verdade, agora,  
A continuidade do que fomos!  
(PEREIRA, 2015, p.73)

Porém, antes de adquirir tal lucidez, Saulo afastou-se de quase tudo que se relacionasse ao Espiritismo. A esposa e os filhos mantinham a prática do Evangelho no Lar, em casa, e ele quase sempre participava. Mas bebia nos finais de semana, tornando-se, no dia-a-dia, cada vez mais irritadiço. Certa vez ocorreu de adoecer gravemente devido a úlceras gástricas que o levaram a passar alguns dias hospitalizado. Largou o cigarro, enquanto a bebida, parou apenas por alguns meses, até recair. Nesse ínterim, minha mãe e eu, então com 14 anos, conhecemos e passamos a frequentar o Grupo Espírita Paulo e Estêvão (GEPE).

Era o ano de 1989. Como meu pai fizera outrora, eu passei a dar palestras espíritas, pouco tempo depois. Ele me auxiliava muitas vezes, sugerindo livros e histórias, mas sempre à margem do movimento espírita, impotente perante o vício. Então, eu acreditava, assim como a minha mãe, que parte do seu comportamento devia-se a um processo obsessivo. Por isso solicitamos algumas reuniões de *desobsessão*, que são grupos de prática mediúnica voltados para o atendimento de pessoas *obsediadas*, nas quais os espíritos obsessores se comunicam através de médiuns e são afastados daqueles a quem *obsediam*. Woolger (2019) desenvolveu uma técnica semelhante para terapia transpessoal, em que o terapeuta esclarece ao espírito “colado” que seu corpo morreu e que ele deve partir para o “reino espiritual”. Nesse trabalho, às vezes é preciso incentivar a expressão dos dramas que antecederam sua morte, através do corpo do paciente, para que o espírito libere alguns bloqueios que o mantém preso à Terra e prossiga com sua vida noutra dimensão, até reencarnar. Após o afastamento do espírito obsessor, é preciso que se incentive - tanto na perspectiva psicológica quanto na espírita - a conscientização dos fatores que atraíram as indesejáveis companhias espirituais.

No começo de 1993, Saulo bebeu tanto que teve o que parece ter sido um coma alcoólico. Disse a esposa, quando pedi que me narrasse o episódio - acontecido na minha ausência -, que: “Ele bebeu um litro de uísque todinho, todinho, sozinho em casa, e ele entrou através de um pré-coma, né?... Porque ele ficou sem poder nem falar, nem nada, só deitado, e

não acordava.” Ela acha que o certo seria tê-lo levado a um hospital, mas havia entrado num estado de indiferença, pois cansara de lutar para que ele abandonasse o vício. “Ele passou uma noite e um dia dormindo, aí no outro dia de noite foi que ele acordou”, diz.

### 5.5 A passagem pelo vazio

Ao despertar, Saulo decidiu nunca mais beber e resolveu acompanhar a esposa ao GEPE. Ela acredita que ele compreendeu que poderia ter morrido: “E se ele tivesse morrido eu teria ficado eternamente com esse remorso, porque eu não fiz nada; eu tava tão passada que não me importei.” Essa foi a quinta etapa de um itinerário espiritual: *a passagem pelo vazio* (LELOUP; BOFF, 2018). É um momento bastante significativo:

Estamos aí muito próximos dessa experiência de vacuidade, da noite do espírito e da noite dos sentidos. Da noite também do afetivo, porque, neste momento, nos damos conta que aquilo que nós amamos não é o outro, mas o Todo-Outro, **o que nós amamos é sentir-nos amorosos**. O que nós amamos somos nós mesmos. Neste momento de vazio, descobrimos a alteridade do ser, uma outra consciência que não podemos confundir com nenhuma outra consciência particular. É nesta experiência de vazio que iremos vivenciar um novo nascimento. (LELOUP; BOFF, 2018, p.23, grifo meu).

Recordo que era um mês de janeiro e eu estava viajando de férias com uma amiga. Não soube da bebedeira, nem que meu pai tinha ido ao centro espírita. Porém na mesma noite sonhei com ele. Sonhei que chegava num pátio onde ele estava sentado ao lado de um chafariz, lendo. Eu perguntava que livro era aquele e ele me mostrava a capa: “O Evangelho segundo o Espiritismo”. Exatamente o livro que lera no GEPE na noite do sonho, fato que fiquei sabendo apenas no dia seguinte, quando telefonei para minha mãe. Jung (2012) chama esse tipo de “coincidência”, em que duas coisas simbolicamente relacionadas acontecem ao mesmo tempo, de *sincronicidade*.

Assim, logo depois, o filho mais velho e a caçula também se envolveram com o centro espírita, e a família voltou a se unir como outrora. Saulo reconheceu-se alcoolista e escreveu um poema sobre esse momento, intitulado “Obsessão”:

Venho de pés sangrando de um deserto  
Onde esperanças viram tempestades,  
Tangido ao vento das necessidades,  
Seguindo o rumo de horizonte incerto!

Perdido, sem ao menos ter por perto  
Um oásis qualquer de amenidades,  
Se durmo, vejo arranha-céus, cidades,  
Transformadas em pó, quando desperto!

O frio, o medo, a irritação, a asma,  
A sensação de que virei fantasma,  
Arrastam-me ao tormento, à depressão!

E sem consolo, vendo à frente o abismo,  
Vejo-me salvo pelo Espiritismo,  
Depois de trágica e longa obsessão.  
(PEREIRA, 1995, p.38).

Seria esse um destino que Saulo previa para si, na vida após a morte, caso continuasse a trajetória em que se encontrava? Ou seria apenas uma metáfora de seu estado psíquico, do qual o salvou a doutrina espírita? A mudança de atitude, ao reconectar-se à religião, resultou em maior resistência na luta contra a compulsão. Grof (2015) identifica, em convergência com Carl Jung e William James, que há uma profunda relação entre alcoolismo e espiritualidade, identificando o vício, também, como uma crise transpessoal ou psicoespiritual. Segundo informa: “Existem amplas evidências de que, por trás da ânsia por drogas ou álcool, há um desejo, não reconhecido, de transcendência ou totalidade.” (GROF, 2015, p. 176).

Há uma semelhança entre estados místicos e intoxicações por álcool ou drogas pesadas, quando ambos dissolvem fronteiras individuais, suprimem emoções perturbadoras e transcendem problemas mundanos. Obviamente não são a mesma coisa, mas o alcoolismo pode refletir a sede espiritual pela totalidade ou união com Deus. É interessante observar que o termo *spiritus*, em latim, pode ser traduzido de suas maneiras: “espírito” e “álcool”. Daí as experiências espirituais surgirem como alternativas saudáveis para os que sofrem de dependência alcoólica.

## 5.6. O estado de transformação

Saulo chegou, enfim, à sexta etapa de um itinerário espiritual: *o estado de transformação* (LELOUP; BOFF, 2018). Nesta fase, começa uma iluminação que vem de dentro, e que é dolorosa, que metaforicamente “queima”, porque é uma luta, uma transmutação. Às vezes Saulo comentava sobre a vontade de beber, confessando o esforço

contínuo para não recair. Depreende-se de seus poemas, porém, que além desta, travava uma outra grande batalha:

Como é difícil, Mestre, o converter-se!  
E mais difícil ainda é combater-se,  
Para extirpar de nós todo o veneno.  
(PEREIRA, 1995, p.77).

Tal “veneno” seriam as próprias tendências negativas:

Senhor, tento seguir-Te e não consigo,  
É que transporto uma pesada carga  
De imperfeições, além da prova amarga  
Para mudar e caminhar Contigo!  
(PEREIRA, 2019, p.193).

Muitas vezes seus escritos revelam o que ele entendia como “imperfeições”, conforme se vê no conselho a seguir:

Eduque sua voz, modere os gestos,  
Ouça o que está dizendo, tenha calma!  
Não deixe a raiva tomar conta da alma,  
Mesmo que sejam justos os seus protestos.  
(PEREIRA, 2019, p.57).

Ou ainda, no lamento poético que exprime, e que é revelador de seu grande esforço, que é o da transformação pessoal:

Eu quisera ser bom, ser, na verdade,  
Mais amigo, mais sóbrio, mais seguro;  
Ser um pouco, afinal, do que procuro  
Ser mas não sou por falta de vontade!

Não é que eu queira ser a santidade  
De um bom samaritano, não, eu juro  
Que desejava apenas ser mais puro;  
Praticar mais amor, mais caridade.  
(PEREIRA, 1995, p.105).

Saulo era dessas pessoas que falam alto e chamam atenção por muito gesticularem. Uma coisa que a esposa diz que admirava era a capacidade que ele possuía de reconhecer as próprias falhas, embora não costumasse pedir desculpas diretamente. “Ainda bem que ele não me pediu perdão”, ela comenta, falando do momento de sua morte. Talvez ele não se achasse mais tão devedor, pois, como era intenso em tudo o que fazia, ao frequentar o GEPE, novamente tornou-se um dedicado *trabalhador*, reelaborando e reintegrando a

experiência anterior. “Trabalhador espírita” é como são chamados os voluntários que realizam as atividades regulares dos centros espíritas.

Não demorou muito para que Saulo se destacasse por sua eloquência e conhecimento doutrinário. Lembro de um episódio singular, que é o retrato da força dele naquele lugar. Estávamos de saída do GEPE, quando vieram chamá-lo: “Seu Saulo! Seu Saulo! Tem uma moça ‘incorporada’, destruindo tudo lá em cima, e ninguém consegue segurá-la!”. Como disse linhas atrás, *incorporação* é a mediunidade de psicofonia, ou seja, a capacidade de falar pelos espíritos. “Lá em cima” era o andar superior do prédio, onde a jovem fazia um estrago, aos berros, assustando os presentes.

Meu pai não pensou duas vezes. Girou sobre os calcanhares, adentrou o centro espírita e subiu as escadas com determinação. Ao chegar no salão onde a médium descontrolada jogava as cadeiras de plástico longe, evitando qualquer aproximação, ele simplesmente ergueu um braço e falou ao espírito, no seu tom alto e firme: “Em nome de Jesus, se afaste daqui, meu irmão!” Silêncio. A moça desfaleceu imediatamente. Ao recobrar a consciência, era outra, muito calma, e de nada lembrava. Ninguém conseguiu fazer o que ele fez. Todos que tentaram resolver o problema foram cautelosos e mal-sucedidos, mas ele não. Chegou de peito aberto, sem pensar duas vezes, sem duvidar de que reverteria a situação. Assim era o “Seu Saulo”, como costumavam respeitosa e chamá-lo.

Escreveu alguns livros espíritas e, na atividade jornalística, encontrou sempre uma forma de publicar mensagens de inegável essência espiritual. Até mesmo como editorialista de um programa policial, desses bem apelativos, ele conseguiu, estranhamente, colocar as mais consoladoras palavras na boca do apresentador, que também é jornalista e espírita. O público amava tais mensagens e ligava para a emissora solicitando os editoriais e elogiando as palavras que, mesmo sem qualquer referência ao Espiritismo, estavam repletas de amorosidade.

Saulo realizava, assim, sua *reforma íntima*, essa expressão tão utilizada nos meios espíritas e que tem base no aperfeiçoamento espiritual objetivado pelo conhecimento do Espiritismo. Empenhado nesse propósito ele refletia, mesmo fora do movimento espírita, o Paradigma do Espírito que abraçara. Sua visão de mundo o tornava comprometido com o todo, uma vez que acreditava que:

Num mesmo sistema planetário, todos os corpos que o constituem reagem uns sobre os outros; todas as influências físicas são neles solidárias e nem um só há, dos efeitos que dignais pelas grandes perturbações, que não seja consequência da componente das influências de todo o sistema. (KARDEC, 2015a, p.359).

O espírita forçosamente se torna um *holístico*, no sentido de compreender a interligação existente entre todos os elementos do universo, e saber que nada há que não esteja sendo afetado por cada um de nós e que por nós não seja afetado. De modo que a responsabilidade individual estende-se à coletividade dos seres e dos mundos:

O Espiritismo dilata o pensamento e lhe rasga horizontes novos. Em vez dessa visão, acanhada e mesquinha, que o concentra na vida atual, que faz do instante que vivemos na Terra único e frágil eixo do porvir eterno, ele, o Espiritismo, mostra que essa vida não passa de um elo no harmonioso e magnífico conjunto da obra do Criador. Mostra a solidariedade que conjuga todas as existências de um mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos. Faculta assim uma base e uma razão de ser à fraternidade universal enquanto a doutrina da criação da alma por ocasião do nascimento de cada corpo torna estranhos uns aos outros todos os seres. Essa solidariedade entre as partes de um mesmo todo explica o que inexplicável se apresenta, desde que se considere apenas um ponto. (KARDEC, 213a, p. 55).

Saulo, tomado por essa compreensão, não se deteve na esfera pessoal, e preocupou-se também com as questões sociais. Afirma Denis (1998, pp. 18, 19) que o espírita é de certo modo, por princípio, um socialista, pois “todo homem preocupado com o destino de seus semelhantes pode se dizer socialista, quaisquer que sejam suas convicções”, mas um socialista “etéreo”, para o qual o progresso decorre da educação e só pode ser realizado lenta e gradualmente, e nunca com violência. Por isso que Saulo explicou-me que mesmo acreditando na democracia e na necessidade de reformas políticas e econômicas, não participou de ações “revolucionárias” durante os governos militares.

Muitas vezes o ouvi falar em “revolução interior” ou “revolução vinda de dentro”, que seria uma mudança pela educação, alicerçada na formação das pessoas. Seu ideal, desde que conheceu o Espiritismo, se tornou a disseminação do bem. E seu contributo para a realização desse ideal consistiu em procurar ser melhor como pessoa e, como profissional, em realizar um jornalismo comprometido com a espiritualidade.

Ser comprometido com a espiritualidade não significa arregimentar adeptos para esta ou aquela religião, mas ter em evidência os valores espirituais, a compreensão de que tudo está interligado, a presença do Paradigma do Espírito. Um exemplo dessa forma de

engajamento está nos cordéis de conscientização ecológica que Saulo publicou, nos quais denuncia a devastação do meio-ambiente:

Pia, aflita, a nambu. A cabra berra.  
Foge o tejo veloz. Gritam tetéus;  
E no fogo impiedoso, aos emboléus,  
Rolam troncos tostados. Geme a terra!  
(PEREIRA e AMÂNCIO 1996, p.84).

Ele também chama atenção para os dramas humanos decorrentes das desigualdades sociais:

O Zeca já plantou tanto,  
Que plantou num mesmo canto  
Das ribeiras de um recanto  
O encanto e o desencanto...  
E terminou colhendo pranto.  
Viva o Zeca! que ele é santo!  
Planta o seco pé-de-serra:  
Planta a paz e nunca a guerra;  
Pega o bicho brabo e ferra!  
É boi forte que não berra;  
Fala pouco e quase é mudo!  
Planta tudo e tudo planta:  
Planta o choro na garganta  
Porque planta sem ter terra.  
Credo! O Zeca também erra!  
(PEREIRA e AMÂNCIO, 1996, p. 98).

Verseja ainda sobre a dor do nordestino:

E como São Paulo outrora,  
Brasília de fez notória  
como Eldorado do pobre.  
Em busca de qualquer glória,  
sem saber que o sofrimento  
É seu maior pagamento,  
como de vê nessa história.

Como nossos personagens,  
centenas partem do Norte.  
Sem meditar no futuro  
e no primeiro transporte  
buscam São Paulo ou Brasília  
e vão juntar-se à família  
dos que se condenam à morte.  
(PEREIRA, 1980, p.95).

E propõe como solução a “domesticação” da alma humana, no sentido de tirar-lhe a brutalidade, a preponderância dos impulsos instintivos:

Abortos, crimes, drogas, eutanásia  
Dominam toda Europa e nas Américas,  
E Multidões se exibem cadavéricas

Nas Áfricas famintas e na Ásia.

O genocídio alastra-se na Eurásia,  
Bascos fomentar divisões ibéricas,  
Na Bósnia, pobres almas são coléricas;  
Sofre-se na Tailândia, na Malásia.

Seja em Paris, Miami, Tóquio ou Roma  
Transita, live, o vício de Sodoma,  
E a máfia espalha tod a iniquidade!

Assim caminha a Terra como fera,  
Presas, surrada, enquanto não se opera  
A domesticação da humanidade!  
(PEREIRA, 1995, p.83).

E com muita sutileza, mas de forma determinada, em cada publicação, Saulo dissemina a fé, a fraternidade e a esperança:

Um revoltado disse: - Deus existe?  
Eu respondi-lhe: - Deus existe, sim;  
Pois se não fosse o Deus que existe em mim,  
Eu era assim também - amargo e triste!  
(PEREIRA e AMÂNCIO, 1996, p. 125).

E isso porque desenvolve uma profunda convicção no poder transcendente das palavras. O que deixa claro em uma de suas notas, guardadas pela esposa, na qual ele defendia

[...]a necessidade das pessoas optarem por ouvir a palavra edificante, as mensagens da mente higienizada, sobretudo em se tratando de notícias, comentários, reportagens e entrevistas. Vivemos sob uma carga muito pesada de palavras que transportam agressão, censura, desconfiança, insegurança, medo e desespero. São tóxicos perigosos que estimulam o ódio e a violência. Só a palavra de amor, só o timbre suave da esperança, podem levantar os enfermos das emoções. (PEREIRA, sem data<sup>8</sup>).

Dessa forma, como um divulgador dos valores cristãos, Saulo, seguindo os passos do Paulo bíblico, partilhou com o mundo sua experiência transformadora de contato com o numinoso.

## 5.7 O retorno à vida cotidiana

Assim Saulo está numa boa fase, amadurecido, quando em 2013 chega enfim à última etapa de seu itinerário. É o *retorno à vida cotidiana*. É uma espécie de “conclusão”,

---

<sup>8</sup> PEREIRA, V. Texto avulso, parte do acervo pessoal, guardado pela esposa do autor, sem data.

quando todo o conhecimento adquirido nas etapas anteriores se revela incorporado. Houve o despertar, quando a vida não se torna extraordinária, mas o místico se revela ao mesmo tempo grande e humilde. É o que acontece com Saulo: “[...]ao final de um itinerário espiritual não sobra muito da imagem que se tinha de si mesmo no início do processo.” (LELOUP; BOFF, 2018, p. 26). No anúncio da morte é que sua nova vida se revela... Morre a lagarta para que surja a borboleta (LELOUP; BOFF, 2018).

Filhos casados, já com netos, ele descobre, graças a uma biópsia por congelação, feita durante uma esternotomia no Instituto do Coração de São Paulo, que estava com um câncer raríssimo: um sarcoma cardíaco. O procedimento exigira que fosse internado por alguns dias, e a esposa, para acompanhá-lo, fora surpreendida com o generoso empréstimo de um apartamento em São Paulo, feito por um casal que frequentava o GEPE.

Voltando para Fortaleza, o cardiologista informou que a mais remota esperança seria um transplante cardíaco-pulmonar. O oncologista, por sua vez, esclareceu que as chances seriam poucas, pois não sabia de nenhum caso bem sucedido. A decisão estava nas mãos de Saulo. A família resolveu apoiá-lo em qualquer escolha que fizesse. Lembro de entrar no seu quarto e perguntar-lhe: “Pai, o senhor tem medo de morrer?” Ele respondeu: “Não, minha filha, tenho medo de ficar em estado vegetativo”. Foi uma resposta semelhante ao que escreveu num de seus sonetos:

Não é que eu tenha medo de morrer,  
Mas de ficar doente sobre a maca  
Nos corredores, onde se destaca  
A multidão de enfermo a padecer.  
(PEREIRA, 2015, p.181).

Entretanto, eu disse a ele: “Mas o senhor sabe que se vamos ficar ou não em estado vegetativo, não somos nós que decidimos.” Referia-me, como espírita, às necessidades espirituais determinadas pelas leis divinas. Ele concordou e logo depois entrou na fila de espera para ser transplantado, no Hospital do Coração de Messejana.

Acredito que ele tenha se perguntado, mais de uma vez, de onde veio o câncer. E a si mesmo respondeu com base no conhecimento espírita:

Quando a tua saúde comprometes,  
Mas tiras dos remédios bons proveitos,  
Ai a cura é apenas dos efeitos,

As causas continuam, se as repetes.

Com o tempo viram câncer e diabetes,  
 Pois as causas de todos os defeitos  
 São as dores dos espíritos imperfeitos,  
 Não do corpo carnal no qual te metes.  
 (PEREIRA, 2015, p.79).

Deixa claro que acredita que o câncer surgiu em decorrência da repetição de comportamentos reflexos de suas imperfeições. Para ele, a doença é um meio de crescimento espiritual:

Graças a Deus, a dor não me constrange,  
 Não vejo-a como um fim, mas como um meio  
 De transformar enganos, devaneios  
 Na vivência do amor que tudo abrange.  
 (PEREIRA, 2015, p.72).

Denota pensar que o câncer ensina através da experiência de depender do auxílio alheio, que leva reconhecer as virtudes da caridade e da paciência:

O câncer nos desperta a consciência  
 Dos riscos que corremos, na verdade  
 Isso se dá com toda enfermidade  
 Que nos anula e aumenta a dependência

É quando se dá conta que a existência  
 Está total nas mãos da caridade,  
 Pra todo tipo de necessidade,  
 Depende-se das mãos da paciência.  
 (PEREIRA, 2015, p.125).

Contudo, a julgar pelos poemas acima, poder-se-ia desconfiar que o autor sofresse de um perigoso sentimento de culpa. Na perspectiva transpessoal, não é concebível que se atribua uma causa única para qualquer doença e, muito menos, que se acuse o doente por seu adoecimento, como se este fosse uma espécie de punição, ou consequência de alguma falta cometida. Tal convicção seria danosa para sua qualidade de vida (LESHAN, 1992).

A verdade é que todos os níveis do ser humano, suas dimensões física, psicológica, espiritual, existencial, ambiental, estão envolvidas e se influenciam mutuamente em qualquer processo de adoecimento. No caso do câncer, afirma Leshan (1992) que todos o adquirimos muitas vezes por dia. Entre os bilhões de células que constituem cada corpo humano, sempre há as cancerosas, frequentemente controladas pelo sistema imunológico. Não se sabe por que motivo esse mecanismo de defesa às vezes falha. Acredita-se que tem relação com fatores hereditários, sujeição a radiação, uso de produtos derivados do carvão, submissão

a estresse emocional prolongado. Mas qualquer que seja a origem, uma vez instalado o câncer, a atitude otimista, a presença de uma meta, o reconhecimento daquilo que está certo na própria vida, são atitudes que comprovadamente auxiliam na eficácia dos tratamentos (LESHAN, 1992, STROPPA e MOREIRA-ALMEIDA, 2010).

Essas atitudes de enfrentamento evidenciam-se em Saulo. Ao relacionar, com base no Espiritismo, o câncer e o comportamento passado, ele não parece sentir-se por isso diminuído, como se depreende do trecho abaixo, em que fala a Deus:

Mas nesta confissão que aqui faço  
**Não há nenhum sentido de fracasso,**  
 Porque para a alma ativa que se ajuda,

**Nada é definitivo como impuro,**  
 O criminoso quanto mais maduro,  
 Ao conhecer-Te, quantas vezes muda!  
 (PEREIRA, 2015, p.195, grifos meus).

Neste período, começou a escrever um livro de poesias de esperança, para pessoas que estivessem passando por um problema semelhante, por uma doença “incurável”.

Segundo Stroppa e Moreira-Almeida (2010), as crenças e prática religiosas podem reduzir a sensação de desamparo e perda de controle diante desses momentos, levando as pessoas a colocarem suas habilidades a serviço da comunidade, a fim de darem sentido às suas vidas. Foi o caso de Saulo que, de licença do trabalho, sem poder sair de casa - tinha que estar pronto para o caso de surgir a oportunidade do transplante -, sentava-se por horas a escrever seus versos:

Estou contente nestas curtas cartas  
 Em forma de sonetos pra vocês,  
 Sobre as razões que os fiz, quais os porquês,  
 Disso eles dão informações mais fartas!  
 (PEREIRA, 2015, p.21).

Em muitos, a maioria versos feitos na forma de conselho, ele deixa claro o que pensava da própria situação, saindo do medo e dúvida comuns em tais circunstâncias, para reafirmar a confiança no processo educativo da doença:

Não te choques diante da visita  
 De um pequeno ou de grande sofrimento,  
 Pois a dor pode ser uma bendita  
 Medida de socorro, um tratamento.

Nada tem de má sorte nem desdita,  
Nem castigo de Deus, mas instrumento  
Ou recurso da Lei que te credita  
**Um favor para um novo entendimento.**  
(PEREIRA, 2015, p.80, grifo meu).

Saulo escrevia entusiasmado, horas seguidas, pois pensava em publicar seus poemas após o transplante, num livro de sonetos. Aparentemente gozava de boa saúde, não sentia dores, e o repouso se devia unicamente ao fato de precisar se resguardar ao máximo, uma vez que o transplante poderia ocorrer a qualquer momento. Se acontecesse de estar resfriado ao surgir um doador, não seria possível realizar a cirurgia. Então, todo cuidado era pouco. Neste período, foi visitado por amigos e admiradores, mostrando-se para com todos feliz e esperançoso na cura. Por um momento, a família pensou que atravessava uma experiência de negação.

Klüber-Ross (2002), em seu trabalho junto a pacientes terminais, observou que eles atravessam cinco estágios entre a notícia de uma doença grave e a morte. Não acontecem necessariamente todos, nem sempre obedecem à mesma ordem, mas via de regra se apresentam na seguinte sequência: Negação, barganha, raiva, depressão, aceitação. A negação é geralmente a primeira reação ao se receber uma notícia de um câncer. É como se a pessoa dissesse: “Não, é impossível, isso não está acontecendo comigo, houve um engano.” Mas nem sempre isso é um problema. Leshan (1992) identifica dois tipos de negação: uma saudável e outra prejudicial. A *negação saudável* é semelhante à reação do nosso corpo quando sofre um ferimento leve. Quando nos ferimos, antes que se complete a cura, nosso corpo protege-a ferida com uma crosta. A negação saudável é como essa crosta; é uma pausa em que o indivíduo diagnosticado com uma doença ameaçadora de vida se fortalece, para que depois consiga enfrentar a situação. Ele precisa de um tempo de dúvida, e nesse tempo vai encontrando forças e se preparando para o que está por vir. Já a negação problemática é uma espécie de reação infantil, em que o indivíduo simplesmente age como se nada estivesse acontecendo e até contraria as recomendações médicas, assumindo uma atitude irresponsável.

Se Saulo passou pela negação, não foi percebido. A filha caçula (aquela que fora seu “anjo da guarda”), por ser médica, tornou-se ainda mais presente nesse período de sua vida. E ela foi, metaforicamente, um anjo guardião, mesmo. Providenciou imediatamente uma consulta para o pai com uma médica paliativista, especialista nesse tipo de situação. A médica,

depois de conversar com o novo paciente, exclama: “Seu Saulo, meu trabalho é levar as pessoas ao estágio em que o senhor se encontra! Não há muito o que eu possa fazer, agora!” Quer dizer: ele se encontrava na aceitação. É o que de fato se observa nos seus versos:

Medito no meu caso – um câncer forte,  
Mas eu não temo o câncer nem a morte,  
Porque me sinto em Deus tão protegido,

Não porque me veja uma exceção,  
Porque na minha firme devoção:  
**O que Deus decidir, tá decidido!**  
(PEREIRA, 2015, p.97, grifo meu).

Saulo, sem dúvida, estava consciente do que lhe acontecia. Seu oncologista chegou a comentar que raramente os pacientes usam a palavra “câncer”, como uma forma de evitação. Mas ele não apenas a usava, como claramente refletia sobre a própria morte:

Às vezes, a mim mesmo eu me pergunto  
Sobre o que eu levarei para ou outro mundo,  
Quando meu corpo em sono mais profundo,  
Não for mais do que um lívido defunto.  
(PEREIRA, 2015, p. 142).

Isso não evitava que tivesse uma postura de luta tenaz contra a adversidade.

Confira-se:

Domina em mim um sentimento estranho,  
Não tão comum, ao menos no doente,  
Que por si mesmo apático se sente  
Presa de uma ansiedade sem tamanho!

Mas quanto a mim, eu sinto que me banho  
Nas fontes do otimismo, sempre crente  
De que a doença, agora em mim presente,  
Não me dá prejuízo, dá mais ganho!  
(PEREIRA, 2015, p.68).

Com essa forma de enfrentamento, no dia 7 de fevereiro de 2014, submeteu-se à esperada cirurgia. Horas antes, escreve:

Mais uma vez eu volto ao hospital  
Para uma cirurgia de transplante,  
Quero dizer, porém, que nesse instante,  
Estou seguro e calmo, estou normal.  
(PEREIRA, 2015, p.188).

A família se fez presente e, juntamente com os profissionais que o transportariam para a sala onde aconteceria o grave procedimento, se emocionou, quando pediu para, antes, fazer uma prece. E ele a fez em versos:

Graças Te dou, meu Deus, por tudo quanto  
Tenho sofrido ou tenho desfrutado;  
Graças, também, Te dou pelo passado,  
Por tudo quanto fui e sou, portanto.

Graças te dou por tudo quanto é santo,  
Que tantas alegrias tem me dado;  
Graças também por teres me deixado  
Sofrer a dor, provar da luta o pranto.

Obrigado, meu Deus, pelo presente,  
Por tudo quanto ainda terei na frente,  
Livre dos meus pecados fariseus.

Graças Te dou, Senhor, graças te rendo  
Porque já sei dizer, mesmo sofrendo:  
Obrigado, Senhor! Graças a Deus!  
(PEREIRA, 1995, p.14).

A filha médica acompanhou o transplante, enquanto os demais esperaram fora, numa cantina que ficava no estacionamento do hospital. Vimos quando chegou a ambulância, numa das cenas mais lindas que já testemunhei, embora para tantos tenha passado despercebida. O carro parou e de suas portas traseiras saíram duas mulheres paramentadas como profissionais de saúde, vestidas em batas verdes e carregando caixas. Uma dessas caixas, a maior, tinha rodinhas e era puxada por uma alça. Eu sabia que ali estava o coração que seria do meu pai: um coração numa caixa azul! Emocionei-me com tudo. Tudo ganhou uma coloração mística de milagre: a presteza daquelas desconhecidas, tão cientes de sua missão e determinadas em salvar a vida de um desconhecido; a capacidade humana de transpor um órgão de um corpo para outro; a generosidade de alguém que autorizou, num momento de perda pela morte, aquela doação pela vida. Tudo me encantou nesse dia e eu jamais poderei esquecê-lo!

Saulo completou 71 anos na UTI, após realizar-se a cirurgia. O câncer fora extirpado, juntamente com o velho coração, entretanto seu drama se prolongou por mais um mês. Uma bactéria foi tomando, pouco a pouco, seus pulmões. Saulo não resistiu. No dia 08 de março de 2014, veio a óbito no hospital de Messejana, mobilizando centenas de pessoas em notas de despedida nas redes sociais.

Nos últimos dias nos alternávamos as duas filhas e a esposa, nos cuidados com ele. Ele teria que ter duas acompanhantes se alternando, mas como éramos da área de saúde, conseguimos ficar, além de nossa mãe, eu e minha irmã, nos revezando na UTI. A esposa era mais presente e diz que estranhou o silêncio dele, que não era comum. Na primeira cirurgia em São Paulo, quando entrava no quarto, ele batia palmas, contente; mas nesta outra, não, ficou mais fechado. Ela comentou:

Esposa - Na ante véspera do seu falecimento, ele perguntou se eu tinha falado com a mamãe, respondi que não. Ele então respondeu: “Pois ela está aqui, já faz um tempinho.” No outro dia, já era noite, quando ele disse: “O quarto está cheio de gente.” Eu disse: “Só estamos nós dois.” E ele: “Estão todos que eu oro por eles, só está faltando o Ioiô” - Ioiô era um amigo dos Campos - . Fiquei calada. Eu sempre mudava o pensamento quando sentia que a hora de sua morte se aproximava. Era um bloqueio involuntário, eu não encarava a realidade.

Campos é o nome da fazenda da família, da qual ele gostava muito. Há um vilarejo em Campos, e Saulo adorava conversar com seus moradores, pessoas simples, alguns deles parentes de sua mulher. Quando um ou outro desses conhecidos morriam, fossem de lá ou de qualquer outro lugar, ele gostava de mencioná-los nas preces e tinha uma “lista de mortos” pelos quais orava antes de dormir. Fundamentado no conhecimento espírita, o casal sabia que a prece é um bom pensamento que, dirigido na intenção de um ser qualquer, encarnado ou desencarnado, estabelece uma corrente fluídica, capaz de transmitir bem-estar (KARDEC, 2013a).

Foram os beneficiários de muitas de suas preces que Saulo vira, na véspera de morrer, presentes em seu quarto. O relato sobre a visita de espíritos amigos, familiares e guias na aproximação da morte é um fenômeno comum nas experiências de pessoas que foram clinicamente dadas como mortas e voltaram, assim como nos relatos dos que acompanharam aqueles que estão morrendo (GROF, 1998; WEIL, 1986; WOOLGER, 2019).

No momento da morte de Saulo, eu estava presente. Eram mais ou menos duas horas da manhã, quando, ao sentir que meu pai estava morrendo, falei a ele, mesmo estando em coma induzido: “Pai, se o senhor estiver esperando a mamãe, não precisa. Sua alma pode ir onde ela está!” E ele se foi, sem sofrimento. Dois dias depois, encontrei uma poesia sua para minha mãe, em que dizia:

Se ela partir primeiro na jornada  
Ficarei sem saber cuidar de nada,  
Nem dos remédios, que é ela quem me dá.

Mas por um sentimento verdadeiro,  
 Prefiro que ela fique e eu vá primeiro,  
**Minha alma sabe vir onde ela está.**  
 (Arquivo pessoal, grifo meu).

Fiquei impressionada com a sincronicidade da poesia com minha fala naquele grave instante, de poucas horas que nunca esqueci. Como a pressão de Saulo caía, cada vez mais, apesar de serem aplicadas doses de noradrenalina, chamei minha irmã pelo telefone e ela chegou a tempo de segurar, ainda, sua mão com vida. Um médico, amigo dela, estava presente e viu quando, com uma filha de um lado e outra de outro, Saulo realizou sua passagem, após um “Pai Nosso”. Pouco depois chegaram a mulher, o filho, genros e nora. O rapaz, ao ver aquele movimento de dor compassiva, de tristeza misturada à gratidão, comentou baixinho que éramos uma família linda.

Espírita não teme a morte. No máximo, teme o morrer. Como afirma Kardec (2015c, p.151): “A certeza da vida futura não exclui as apreensões quanto à passagem desta para a outra vida. Há muita gente que teme não a morte, em si, mas o momento da transição.”

A transição para a vida espiritual é marcada pelo fenômeno de *perturbação*, em que aquele que está morrendo experimenta um torpor que paralisa momentaneamente suas faculdades (KARDEC, 2015c). No caso de Saulo, a esposa observou um silêncio que não lhe era comum nele. É possível que já fosse a desencarnação acontecendo, pois ele relata ver a sogra e, depois, aqueles por quem orava. Nas mortes naturais, por doença ou velhice, a extinção da vida orgânica nunca é brusca: “O fluido perispiritual só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não reste mais um átomo do perispírito ligado a uma molécula do corpo.” (KARDEC, 2015c, p. 152) É o que se desprende também do relato de um espírito designado pelo pseudônimo Amicus, em comunicação transcrita por Bozzano (2015, p.38):

O *processus* da morte física e do renascimento espiritual [é] muito interessante e mesmo belo. Normalmente, a partir do instante em que começa cessação das funções corporais - processo que pode durar longo tempo - os sofrimentos físicos e ansiedades do Espírito cessam e ele passa gradualmente a condições de inconsciência absoluta.

Morrer é um renascimento para a vida espiritual e via de regra não é um processo doloroso; quando há dor, ela é muito mais consciencial:

O Espírito apega-se tanto mais à vida corpórea quanto não vê nada além; ele sente que ela lhe escapa, e quer segurá-la; em vez de se abandonar ao movimento que o arrasta, ele resiste com todas as suas forças; pode assim prolongar a luta durante dias, semanas e meses inteiros. Sem dúvida, nesse momento, o Espírito não tem toda sua lucidez; a perturbação começou muito tempo antes da morte, mas ele não sofre menos por isso, e o vazio em que se encontra, a incerteza do que lhe advirá, juntam-se às suas angústias.

[...].

Bem diferente é a posição do Espírito desmaterializado, mesmo nas doenças mais cruéis. Sendo muito fracos os laços fluídicos que o unem ao corpo, eles se rompem sem nenhum abalo; depois, sua confiança no futuro, que ele já entrevê pelo pensamento, e às vezes mesmo em realidade, o faz encarar a morte como uma libertação e seus males como uma prova; daí, para ele, uma calma moral e uma resignação que aliviam o sofrimento. (KARDEC, 2015c, pp.154 e 155).

Saulo mostrou-se desapegado, apesar de exprimir várias vezes o desejo de continuar encarnado. Sendo a família espírita e partilhando da sua mesma convicção de imortalidade, diante da morte não expressou desespero e até se consolou, por ter acompanhado de perto a sua bem sucedida reforma íntima. Também, porque ele teve a morte que pediu, como um honroso fechamento de sua história:

Senhor, sei que não tenho esse direito  
De te pedir, para mim, morte suave,  
Quando sofreste a mais cruel, mais grave,  
Sendo um anjo de luz sem um defeito.

Enquanto eu, um espírito imperfeito,  
Que fui eu mesmo meu maior entrave  
Para o progresso, o nosso ponto chave,  
Como vou ter a morte de um perfeito?

Eu já sou grato ao meu Divino Amigo,  
Porque por Seus ensinamentos já consigo  
Pensar na minha morte sem assombros.

Quando uma casa antiga é derrubada,  
A família para outra é transportada  
E ficam no local só os escombros!  
(PEREIRA, 2015, p.222).

Assim partiu Saulo, enquanto o Sol despontava, a nos lembrar que a vida é cíclica e que, se por um lado do horizonte o dia termina, por outro, ele apenas começa. Tudo depende de onde se está.

## 5.8 Então...

Ao velório compareceram ricos e pobres, pretos e brancos, homens e mulheres, crianças, jovens e velhos, alguns absolutamente desconhecidos da família. Lotaram o

complexo funerário, compenetrados no rito da despedida, feito de maneira muito simples, mas carinhosa. A leitura de poemas por um amigo - aquele mesmo apresentador que lia seus editoriais no programa policial, conferiu uma tonalidade de vida ao lúgubre recinto da morte. Tudo como o próprio Saulo orientara, antes de se operar, para o caso de vir a falecer. Essa orientação fora o resultado de uma reunião no ano anterior, organizada pela filha mais nova. Ela estava fazendo uma especialização em Cuidados Paliativos e convocou irmãos, pai e mãe para fazerem seus “testamentos em vida”. Cada um deveria escrever como gostaria que procedessem em caso de morrerem. Assim foi feito. E como Saulo tinha dito que não queria ser enterrado de mãos cruzadas sobre o peito, vestido num terno e coberto de flores, teve-se o cuidado de deixá-lo da forma que pedira. Minha irmã delicadamente colocou três canetas no bolso de sua camisa, porque era assim que ele costumava andar, no dia-a-dia.

Enfim, entre os presentes na despedida, muitos me contaram histórias de ajudas recebidas do “Seu” Saulo. Nem a mulher, nem os filhos sabíamos o quanto era querido. Não conhecíamos todas aquelas experiências, vividas anonimamente. Ficamos surpresos. Ele, sempre que comparecia aos velórios, era convidado a falar. No seu, eu que falei. Vi minhas sobrinhas chorando e pensei num discurso como se todos fossem crianças. Comparei aquele corpo a um casulo e seu espírito à borboleta. Depois, vi que escrevera uma poesia que dizia justamente isso:

Das larvas dos insetos, na internada  
Surge a lagarta à terra rastejando,  
Ora grandes lavouras devastando,  
Ora em pasto das árvores transformada.

Feia, asquerosa, a pobre indesejada,  
À Medida que o tempo vai passando  
Da morte na crisálida sai voando...  
E agora é borboleta a estranha fada!

Muito reanima a mente mais aberta  
Ver que a lagarta a morte modifica  
E como borboleta, então, desperta!

Da mesma forma o grão que a terra aperta:  
Nasce viçoso, cresce e frutifica  
E novos grãos para plantar oferta.  
(PEREIRA, 2015, p.25).

Ninguém lamenta quando a borboleta sai do casulo. Um ano depois, foi publicado seu livro de poesias. A publicação foi um presente do sistema de comunicação em que encerrara sua carreira. Mais uma das muitas doações dos amigos de Saulo. Para compor o

livro, as filhas selecionaram alguns dentre os mais de oitocentos sonetos escritos no período de espera do transplante. O nome da obra guarda um duplo sentido: “Cura teu Coração”. Afinal, seu conteúdo revela um espírito que não fora curado *da* doença, mas que se curara *pela* doença.

Eu mesma o ouvi dizer, durante um breve diálogo que tivemos na UTI, que esta havia sido a encarnação em que mais crescera. Havia acabado de ler para ele uma lição de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, chamada “Os trabalhadores de última hora”. É um trecho em que Jesus conta uma parábola sobre um senhor que contratava trabalhadores para sua vinha. Alguns foram chamados nas primeiras horas do dia, outros um pouco mais tarde e outros mais, no fim do dia. Ao final da tarefa, foram todos pagos da mesma forma, tanto os primeiros quanto os últimos. Saulo falou que fora um trabalhador de última hora. Despertara verdadeiramente para a transformação pessoal já mais velho. Em versos, refletira:

Eu, quando vim dar conta, ter consciência  
De que o tempo rápido passara,  
Foi chegando a velhice que se encara  
Como a curva final de uma existência.

Mas eu tinha a meu favor a experiência  
Dos erros, dos enganos que enfrentara,  
Da bondade de Deus que nos ampara  
Nos dias de abundância ou de indigência!  
(PEREIRA, 2015, p. 152).

Pouco antes de morrer, havia tristeza em seu olhar, talvez, mas também transparecia paz. Era uma despedida. Como espírita, acreditava na imortalidade e guardava a certeza de haver “trabalhado na vinha”, embora na “última hora”, mas de tal forma que a imortalidade lhe acenava como uma ascensão a um novo estágio de experiências. Não por ter tido uma vida permeada de grandes e impressionantes feitos, e sim por ser a sua uma história de superação material e, sobretudo, espiritual.

Não foi por acaso que o nomeei Saulo, ao contar sua história. Saulo de Tarso, personagem destacada em Atos dos Apóstolos, foi o primeiro perseguidor dos seguidores de Jesus, após a crucificação. A caminho de Damasco, onde prenderia cristãos, foi surpreendido por uma forte luz que o cegou. Era o próprio Cristo que o surpreendia, glorificado. A partir de então, curado da cegueira pelos mesmos a quem perseguia, transformado em Paulo de Tarso, começou o itinerário apostolar que fundou Cristianismo. Sempre o imaginei parecido com meu pai: forte, eloquente, intenso, entusiasmado, apaixonado, fervoroso. Como ele, meu pai

foi um comunicador, gostava de escrever e de falar, e lutou a vida inteira contra o que chamava “arrastamentos do mal”. E penso que poderia dizer ao sair do mundo, ainda que dentro dos seus limites, o mesmo que disse o conhecido apóstolo: “Combati o bom combate.” (BÍBLIA, p.2078).

Ainda que morrendo, sua última experiência fora de vitória, porquanto vencera a pobreza, os vícios da bebida e do cigarro, e mais: o vazio existencial, a falta de sentido, os impulsos da cólera, do egoísmo e da revolta. Muito de sua angústia, sofreguidão, dúvida, retratos, como diz, “de uma fase amarga”, encontrou no pensamento espírita sua âncora e seu “cantar colorido”:

Até 1976, minha poesia era uma poesia extremamente triste, cheia de sofreguidão, de angústia, de dúvida; enfim, o retrato fiel de uma fase amarga. [...]. Até que me encontrei, no ano seguinte, com os ensinamentos de Allan Kardec. A partir de então, o meu rio interior tomou um curso totalmente inverso ao da fase anterior. A minha poesia brotava agora positiva, otimista, com os tons da alegria e da esperança. Tive ainda algumas recaídas, que atribuo ao processo de busca, de reajuste com os novos motivos da inspiração e da poética. Mas aos poucos foi se acentuando, em mim, esse desejo novo de cantar colorido, de mergulhar a inspiração nas tintas da belíssimas mensagem da vida, e não da morte, que nos legaram as ideias reencarnacionistas. (PEREIRA, 1995, p.7)

Por ter aprendido a cantar colorido pode-se falar de sua partida, recorrendo mais uma vez às palavras de Paulo de Tarso: “Tragada foi a morte na vitória.” (BÍBLIA, p.2015). Recordar meu pai numa cama de UTI não é pesaroso. Pesaroso foi o tempo em que bebeu... Mas pela forma como morreu, sou realmente grata. Eu conheci de perto o itinerário de alguém que se transformou e venceu a morte.

## 6 CHARLES: ERA UMA VEZ UM FILHO FIEL

Por isso, quando deres esmola, não te ponhas a trombetear em público, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, com o propósito de serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam sua recompensa. Tu porém, quando deres esmola, não saiba tua mão esquerda o que faz tua direita, para que tua esmola fique em segredo; e o teu Pai, que vê no segredo, te recompensará. (BÍBLIA, p.1713).

A segunda história de vida é a de Charles, um jovem médico de 35 anos. Digo jovem, mas ele fala como aqueles senhores dos velhos tempos, num português polido e repleto de palavras pouco usuais, quase formais. Como espírita, dir-se-ia tratar-se da reencarnação de um espírito antigo. Quando solicitei que me contasse sua história, começou esclarecendo que nasceu em berço espírita e, à medida que o ouvi, compreendi que seu itinerário espiritual é o do *filho fiel*, apresentado em uma das parábolas de Jesus:

Conta a história que um homem tinha dois filhos, dos quais um pediu adiantada sua parte na herança e partiu. Longe de casa, gastou com festas toda sua fortuna e logo que ficou pobre, foi abandonado pelos amigos. Precisou então trabalhar, mas estava difícil conseguir serviço, porque havia uma grande seca, e a única coisa que conseguiu foi cuidar de porcos numa fazenda. Mas o dono da fazenda era sovina e lhe recomendou comer do que sobrava da comida dos porcos. Assim, humilhado, o rapaz lembrou da casa de seu pai, onde nenhum empregado vivia em tão precárias condições, e resolveu voltar. Como estava arrependido e envergonhado, pensou em pedir ao pai para ser recebido de volta não como filho, mas como empregado. Voltando para casa, porém, o pai, assim que o viu, ainda distante, no caminho, correu e o abraçou. Chamou os criados e ordenou que preparassem uma grande festa, comemorando o retorno de seu filho. **O filho que ficou em casa**, por sua vez, sabendo da festa, foi tomado de despeito e reclamou ao pai: “Sempre estive ao seu lado e o senhor nunca me ofereceu uma festa”, ao que respondeu este: “Filho, tudo que é meu é teu também; mas este filho estava perdido e foi encontrado, estava morto e reviveu!” (TREIGHER, 2007, pp. 26 e 27, grifo meu).

O filho fiel é esse filho que ficou em casa e que representa as pessoas íntegras, mas cuja integridade é mais uma “herança” ou conveniência do que uma “conquista”. Segundo Grof (1998), a integridade ou ética é uma busca arquetípica. Via de regra considera-se ética a pessoa que pauta a personalidade e o comportamento em padrões morais estabelecidos pela família e a sociedade, que são os padrões impostos pelo mundo externo. Isso deveria ser o suficiente para se estar em paz consigo mesmo. Entretanto, ao se aprofundar no mundo interno, como quando se realizam experiências holotrópicas, o que se descobre é que a verdadeira paz interior não nasce da sujeição a critérios comuns do cotidiano, mas da harmonização do ser com a grande ordem cósmica em que está inserido (GROF, 1998). Ou

seja, integridade nem sempre implica em seguir regras estabelecidas, como faz o filho fiel da parábola bíblica:

O filho fiel da parábola de Jesus permaneceu em casa não porque tinha consciência de que ali era a sua casa, pois ele se queixou de nunca ter recebido uma festa. Se estivesse consciente de que aquela casa era sua, tal como afirmou o seu pai, teria feito uma festa sempre que quisesse! Nós também podemos permanecer íntegros mais por falta de oportunidade de errar ou por receio de sofrer do que por opção consciente. Podemos permanecer na casa da virtude por comodismo e não por escolha. Deste modo nunca nos sentimos em festa, mas permanecemos como tristes virtuosos, pessoas íntegras e sem humor, para quem uma vida correta é sobretudo uma vida triste. (TREIGHER, 2007, p.28).

É preciso desenvolver a virtude consistente, que não é apenas um reflexo da boa instrução, de seguir normas de conduta, mesmo sem querer, mas o resultado de uma prática que começa na conscientização, fruto da educação do espírito. Essa educação, base de uma ética pautada não na pura obediência, mas no conhecimento de si e do Cosmos em si, é que orienta o itinerário espiritual de Charles. Sua busca de conhecimento não é tanto do exterior, mas do interior, pois Charles tem necessidade de se conhecer por inteiro. O seu caminho segue um sentido inverso ao de Saulo. Saulo procurava o *transpessoal luminoso*, sua própria luz, enquanto Charles precisa encontrar o *transpessoal escuro* (LELOUP; BOFF, 2018), que é a integração do aspecto sombrio da personalidade.

Casado, pai de dois filhos, médico da família, Charles trabalha como professor universitário e atende numa Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de um bairro da periferia da cidade. Nascido em Fortaleza, morou até os três anos em Irauçuba, quando mudou-se para a capital do estado, a fim de iniciar os estudos. A partir de então, porque seus pais eram espíritas, passou a frequentar a Evangelização Infantil na Federação Espírita do Estado do Ceará (FEEC). Sobre essa memória, diz: “Eu gostava de ir para a evangelização; eu me sentia feliz de ir para lá”. Isso porque a programação acontecia aos sábados, quando ficava numa sala com crianças a quem era ensinado Espiritismo, enquanto os pais participavam de outro grupo, composto de adultos. Ao terminar, sempre passeava com a família, que ia a um clube ou praia. Eram, portanto, momentos muito agradáveis.

A família de Charles é uma família reconstituída, tipicamente pós-moderna, em que ambos os pais eram separados e possuíam filhos de relações anteriores. Ele, mais velho que ela cerca de trinta anos, contava com cinco filhos da primeira união; ela, uma jovem interiorana, trazia um filho do primeiro casamento. A diferença de idade e a fama de espírita

dele eram mal vistos pelos pais dela, mas também os filhos dele não simpatizavam com ela. Mesmo assim, contra tudo e todos, casaram e permaneceram juntos o resto da vida. Tiveram uma menina e, um ano depois, nasceu Charles.

Ao longo da entrevista Charles referiu-se ao pai muitas vezes e, em todas, denotou carinho e admiração. Seu pai também fora médico da família e sua primeira referência espírita na vida. A mãe, influenciada pelo casamento, também se dizia espírita, mas não era de fato uma estudiosa do Espiritismo. Como vários que atualmente frequentam os centros espíritas, ela fazia uma verdadeira de mistura de credos:

Charles - A mãe não era muito carola; a mãe era muito de acreditar em quase tudo. No final da vida dela, ela era espírita, acreditava em reencarnação, imortalidade da alma, comunicabilidade dos espíritos e passava o dia todo assistindo à missa, e depois tinha uma sessão de descarrego noutra canal, acho que ela até assistia. Ela chegou a ir num terceiro de Umbanda para ver se dava uma melhorada na doença dela, no Parkinson.

Schmidt (2011), ao analisar a prática do Espiritismo em Porto Rico - território caribenho que, como o Brasil, incorporou em sua cultura a doutrina de Kardec -, chegou a constatações que poderiam ser aplicadas, com as devidas contextualizações, à realidade brasileira. A autora observa que naquela ilha, cujos altos índices de problemas sociais justificam a implantação do assistencialismo espírita, desenvolveu-se uma forma de “espiritismo popular”, diferente da doutrina original francesa, que ela chama de Kardecismo (SCHMIDT, 2011). Essa corrente espírita popular foi o resultado da transmissão do conhecimento espírita, das classes cultas em que floresceu para a massa da população, por intermédio de projetos sociais. Para Schmidt (2011), a característica principal da forma popular do Espiritismo é a *hibridação*, ou seja, a interação entre a cultura de elite e a popular, unindo diferentes sistemas de crenças, especialmente catolicismo, religiões indígenas e africanas. “Além disso, esse espiritismo baseia-se em sua função curativa, e especialmente o espiritismo popular quer ajudar os crentes e também os espíritos.”(SCHMIDT, 2011, p.175). Na sua forma popular, as reuniões e consultas espíritas têm funções eminentemente terapêuticas, que provocaram a supervalorização dos médiuns, como agentes que colocam os espíritos à serviço dos trabalhos de “cura”. E há, ainda, os trabalhos de assistência aos próprios espíritos, como, por exemplo, as reuniões de *vibrações* pelos suicidas. Vibrar por um espírito é direcionar energia de cura para ele. Essas práticas podem ser observadas nos centros

espíritas brasileiros e na forma de ser espírita da mãe de Charles, conforme a descrição que ele faz dela.

Mas Charles não se reconhece tão influenciado pela mãe e sua maior compatibilidade é com o pai. Chega inclusive a repetir com os filhos algo de sua relação com ele. Diz que o pai trabalhava no interior de segunda a quinta e quando chegava em casa se anunciava com um assobio. Faz o mesmo com seus dois garotos, anunciando-se com um assobio quando vai buscá-los no colégio: “São cenas inesquecíveis que reproduzo com meus filhos”. Ora, se o pai passava a semana fora e nos finais de semana associava passeio em família a Espiritismo, o que temos, incontestavelmente, é uma agradável participação do Espiritismo na intimidade dessa família. Além disso, o pai é estudioso. Então, pode-se falar de uma educação espírita, porque há um aspecto formador do Espiritismo na vida de Charles, presente desde a infância. Sua visão de mundo se desenvolve entrelaçada ao Paradigma do Espírito.

### **6.1 A experiência do numinoso**

Na adolescência, a família mudou de centro espírita. Foram todos para o GEPE. Ao chegar, Charles engajou-se na Mocidade Espírita Paulo e Estêvão (MEPE), onde no primeiro dia foi surpreendido por um caloroso abraço do coordenador das atividades. “Eu fiquei assim, relativamente assustado, mas era um assustado bom; aquele negócio de adolescente, né?”, explica. Porém, não se sentiu bem entre os demais jovens até o dia em que resolveu ser engraçado e fez uma palhaçada na frente de todos. “Ali eu descobri que eu gostava de palco, eu gostava de evidência”, comenta. “Aí as pessoas se acercaram de mim e pediram para eu participar do teatro”. Do teatro no centro espírita veio a engajar-se também no teatro da escola, para o qual nunca se sentira atraído antes. Note-se aqui, mais uma vez, o papel da educação espírita em sua formação pessoal, dessa vez por intermédio da arte espírita, que é também arte-formação (BEZERRA, 2013). A arte torna-se educativa ao proporcionar a percepção e avaliação crítica dos valores vigentes e fomentar ações transformadoras no indivíduo e no meio. Como afirma Bezerra (2013, p.79):

Como um dos princípios da Doutrina Espírita é levar a humanidade à evolução através da educação do ser, e a arte é um meio pelo qual o homem se conecta com o que há de melhor dentro de si e do outro, em busca do bem coletivo, então, a Arte Espírita nasce com a missão de permitir que o indivíduo vivencie experiências educativas e espiritualizadas a ponto de o colocar frente a frente com seus defeitos e qualidades, propiciando uma descoberta de si e estimulando uma transformação do que ele considera que esteja errado.

Sem dúvida, o contato com o teatro espírita foi um primeiro passo na direção de futuros projetos, como será revelado adiante. Por enquanto, entrando na adolescência, Charles se via cada vez mais interessado em estudar o Espiritismo. O domingo passou a ser todo dedicado ao centro espírita, sobre o que diz: “Eu entrei então numa espécie de espiral de religiosidade”. Essa espiral se intensificou quando foi desafiado por um capelão que dava aulas de ensino religioso na escola. O padre chamou representantes de todas as crenças com o objetivo de mostrar como as pessoas não conheciam as próprias religiões. Charles se voluntariou para falar sobre Espiritismo e o sacerdote pôs-se a questionar suas argumentações: “É considerado cristão, o Espiritismo?” Charles sentiu-se provocado:

Charles - Aí me veio aquele instinto de combatividade a favor do Espiritismo. Isso eu devia ter uns 15 anos de idade. [...]. Aí foi quando eu comecei a ler as obras básicas. E também, misturado com isso, eu fui atrás das obras de Chico Xavier, particularmente “Nosso Lar”. Aí Nosso Lar foi um divisor de águas.

Portanto, foi nesse momento que Charles realmente se tornou espírita, ao fazer uma escolha consciente por conhecer a Doutrina Espírita. Aqui, na leitura de “Nosso Lar”, pode-se dizer que ocorreu o seu encontro com o *numinoso*, primeira etapa do itinerário espiritual (LELOUP; BOFF, 2018):

Charles - Aquilo ali me deu uma vontade de melhorar incrível! Aí, por exemplo, até esse momento, eu e minha irmã, eram brigas, rugas, rasgos... Rasgos mesmo, assim de ela já ter aberto a minha cabeça, de eu já ter... Não! Eu que abri a cabeça dela. Ela colocou um ferro quente no meu peito. [...] Aí quando eu li o “Nosso Lar”, disse assim [irônico]: “Vou perdoar minha irmã!” [...] Aí quando ela começava a se aproximar, eu dizia assim: “Não, ‘Nosso Lar’! Vou perdoar!” [...] E fui me amainando.

“Nosso Lar” é uma das obras mais conhecidas entre as psicografadas pelo médium espírita Chico Xavier. Ela faz a descrição de uma cidade espiritual, com uma sociedade composta de espíritos. Para Silva (2012, p.190):

Como acredita-se que a cidade espiritual Nosso Lar esteja localizada no espaço espiritual acima do Rio de Janeiro, ela é o modelo divino, a utopia que o homem deve construir na terra, mas também é o objetivo a ser perseguido no **além**. Por isso, Nosso Lar participa da dupla característica de “Jerusalém Celeste”, a cidade espiritual que deve se materializar na Terra. (Grifo do autor).

Para quem não é espírita, pode parecer obra de ficção, mas no meio espírita, é uma perspectiva concreta de vida após a morte.

## 6.2 A metanoia e as consolações

Charles explica que foi tomado pela sede de conhecimento e vontade de mudar. Era a sua *metanoia*, etapa em que acontece uma mudança de consciência e de vida (LELOUP; BOFF, 2018). Mas ele é um garoto, ainda, e tende a fazer interpretações mais terra-a-terra. Por exemplo, como em “Nosso Lar” não tinha palavrão, na época também parou de dizê-los. E hoje acha graça disso, quando recorda. O tempo o fez menos radical em relação ao que é significativo na constituição de um bom caráter: “O meu amadurecimento foi descobrir pessoas maravilhosas que falam palavrão”. Porém, naquele período, entrou num radicalismo. A essa etapa do itinerário espiritual, chama-se *consolações* (LELOUP; BOFF, 2018). As consolações são experiências gratificantes que, por serem muito boas, podem ser tomadas pelo fim do caminho, gerando um apego - comum nos inexperientes -, característico do que LELOUP; BOFF (2018) designam como *materialismo espiritual*. É um momento bom, mas perigoso:

Portanto, nesta etapa, é preciso acolher estes momentos gratificantes com gratidão, mas, ao mesmo tempo, não se apegar a eles e não procurá-los. Esta orientação é encontrada em todas as tradições. Porque, se nós nos apegarmos a estes momentos, se quisermos reencontrá-los sem cessar, em lugar de nos ajudarem a avançar, eles nos param, bloqueiam-nos, fazendo-nos entrar em uma espécie de complacência para com eles. (LELOUP; BOFF, 2018, p. 21).

Mas Charles não sabia disso e mergulhou totalmente nas consolações. Avalia esse período como de fanatismo, pois acreditava-se num desafio apostólico. Por um prisma psicológico, poder-se-ia afirmar que atravessava uma *inflação do ego*. (JUNG, 2015; TREIGHER, 2007): “Nestas circunstâncias o ego inflado, diante de alguma conquista feita, age como se tivesse descoberto a solução do enigma universal e não tivesse mais nada a aprender.” (TREIGHER, 2007, p. 57) Dedicava a semana aos estudos e o fim de semana ao centro espírita. A mãe se aborrecia com o seu exagero, pois abdicava dos programas

familiares, dos quais ela sentia muita falta. Ele respondia: “Eu estou trabalhando para Jesus, eu não posso estar errado”.

Coincidiu, então, de estar vivendo o primeiro namoro. Naturalmente, sentia os impulsos sexuais próprios da idade, mas isso lhe causava imensa culpa. Uma culpa para a qual não encontra explicação, pois os pais não eram proibitivos, tampouco o Espiritismo. Se bem que ele estava numa fase inflacionada e almejava ser um *espírito de luz*, e espíritos de luz são desmaterializados, o que implica numa sublimação dos desejos sexuais, próprios da matéria. Combinando esse ponto de vista com a maneira “católica” como o Espiritismo se estabeleceu no Brasil, não admira que o garoto Charles associasse sexo a inferioridade.

Como se sabe, o Espiritismo é uma doutrina “importada”, difundida num país em que a cultura religiosa católica já estava estabelecida, e que tem familiaridade com a prática mediúnica por intermédio das tradições de origem africana. Isso significou, segundo Stoll (2003) uma prevalência católico-mediúnica na forma de ser espírita no Brasil. Além do quê, um dos maiores expoentes do estilo de espiritualidade espírita brasileiro foi o médium Chico Xavier. E Chico concretizou, na sua vida, o modelo católico de ética, em que castidade, pobreza e obediência são os fundamentos da experiência religiosa e, mais precisamente, as condições para se alcançar a santidade (STOLL, 2003). Para Stoll (2003), foi por apropriar-se da religiosidade corrente na sociedade, que o movimento espírita, ao contrário do que aconteceu na França, não esmoreceu e se consolidou em terras nacionais. O jovem Charles, portanto, ao identificar-se com o jeito católico de ser espírita no país e inspirar-se no modelo de Chico Xavier, almejava manter-se casto.

Foi então que no GEPE desabafou com uma das trabalhadoras voluntárias da MEPE, uma jovem senhora a quem muito respeitava. Falou com ela na intenção de conseguir uma *reunião de desobsessão*, pois atribuía seus desejos sexuais a influências de espíritos obsessores. Para sua surpresa, após ouvi-lo, a conselheira explicou maternalmente que o que lhe acontecia era muito compreensível e normal. Disse-lhe que se havia um espírito obsessor, não era causando os desejos, mas provocando culpa por senti-los.

A partir daí, Charles se tranquilizou e se abriu às experiências sexuais. Depois de cinco anos de namoro, passou no Vestibular e acabou por romper o relacionamento. A faculdade era exigente, tomava-lhe todo o tempo, e já não podia dedicar-se como antes ao centro espírita, nem ao teatro, que eram seus dois grandes dínamos. Ainda chegou a tentar

formar um grupo de estudos espíritas dentro do campus, mas não conseguiu. E para não se distanciar tanto do movimento espírita, passou a frequentar outro centro, mais próximo de onde estudava: o Instituto de Cultura Espírita (ICE).

#### 6.4 A dúvida

Agora que entrava na vida adulta, não conseguia ser como outrora e uma crise despontava. Suas responsabilidades estavam grandes demais para que retomasse o fôlego que tivera no começo da adolescência. Por outro lado, Charles crescera o suficiente para identificar a falibilidade dos trabalhadores espíritas e questionar suas posturas e opiniões. Entrou numa etapa de *dúvida* em seu itinerário espiritual (LELOUP; BOFF, 2018). O que realmente significava ser espírita, se não podia mais frequentar o centro espírita? O que definia um verdadeiro espírita, quando fora do movimento espírita? Ou, voltando à parábola de Jesus, como manter-se um filho fiel, saindo de casa?

Nesse ínterim havia começado a namorar uma jovem espírita que também fazia Medicina e, a convite de um amigo, com ela e outros estudantes, iniciara uma fase diferente, fundando um trabalho que viria a se transformar num projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC). O amigo era evangélico e inspirou-se numa atividade que conhecera em Londrina, no Paraná. Tratava-se da *palhaçoterapia*, que até hoje é realizada em hospitais fortalezenses pelos jovens acadêmicos de Medicina, Enfermagem, Psicologia, Fisioterapia e Odontologia da UFC. Eles, sejam espíritas, católicos, evangélicos, agnósticos ou ateus, unidos no propósito de humanizar as instituições de saúde, vestem-se de palhaços e visitam crianças e outros pacientes das unidades hospitalares universitárias (MARINHO, 2015). Não fazem isso sem preparo ou estudo, pois reúnem-se semanalmente, para receberem orientações que vão desde palhaçaria a cuidados paliativos (MARINHO, 2015). Também dividem suas experiências em reuniões semanais, de modo que os benefícios do projeto correm em mão dupla: dos “doutores palhaços” para os pacientes, e destes para os doutores palhaços. O propósito é espalhar sorrisos entre todos os envolvidos (MARINHO, 2015). Assim, Charles acabou levando para o universo da Medicina a experiência anterior com teatro e espiritualidade, uma vez que, ao fazer arte no hospital - arte do doutor palhaço -, acrescentou à experiência formadora hospitalar um olhar que “nutre as relações humanas com mais

espírito, ou ainda, que fala mais ao Espírito do que a tecnociência logra conseguir.” (MARINHO, 2015, p.166).

É possível afirmar, a partir da narrativa de Charles, que a educação espírita conduziu-o, em grande parte, ao trabalho voluntário não religioso, porque foi ali que ele enxergou a possibilidade de praticar a caridade, ou seja, de ser espírita. E uma caridade como se define no Espiritismo: “[...]a caridade moral, que todos podem praticar, que nada custa, materialmente falando, porém, que é a mais difícil de exercer-se.” (FEB, 2013a, p.184) Fronteiras se romperam. Charles descobriu que podia ser espírita sem precisar falar em Espiritismo e, melhor, independentemente de frequentar qualquer centro espírita. Nas suas palavras: “O meu processo de amadurecimento no Espiritismo foi entender que [...]para você levar a causa do Espiritismo, você não precisa estar dentro do centro espírita.” Conciliava, assim, no Dr. Palhaço o espírita, o artista e o médico. Passava a compreender que naquele trabalho os bons espíritos também estavam presentes, mesmo sem a realização de preces e à revelia das crenças ou descrenças de quem o constituía, simplesmente em razão do elevado propósito que mobilizava aquela tarefa.

Mas a crise prosseguia. Apesar do contentamento pelo projeto, a faculdade continuava desgastante. Ele se pergunta e responde na entrevista: “Ah! Você voltar pra arte, melhorou a Medicina? Não, melhorou não, mas talvez tenha evitado que eu ficasse louco.” O projeto tinha um efeito de equilíbrio mental, mas não o impedia de continuar tenso na faculdade. Mais elevado que o nível de exigência do curso era a sua auto-cobrança. Uma auto-cobrança que se originava em grande parte no desejo de agradar ao pai. Ele lembra de ter ouvido, muitas vezes: “Estude, eu não tenho muito tempo de vida e eu queria lhe entregar o diploma”. Essas palavras lhe provocavam ansiedade e uma espécie de frustração por não conseguir ser o aluno brilhante que gostaria. Queria ser o filho que daria orgulho. Mas não conseguia e, em se aproximando do internato, entrou numa espécie de colapso. Comunicou que queria desistir da Medicina, mas o pai foi taxativo: “Ele disse que se eu seguisse esse caminho, que seguisse sozinho, e eu não queria seguir sem ele, não queria seguir sem o apoio dele; aí eu voltei atrás.”

A duras penas, Charles continuou, até que chegou à prática de saúde comunitária. Finalmente encontrou nesse campo de atuação a sua vocação como médico. Pela primeira vez

se entusiasmou com o curso e suas notas finalmente subiram. Entretanto, antes de concluir a graduação, o pai, que sofria de doença arterial coronariana, infartou e morreu.

Charles - Um belo dia acordo de madrugada e às cinco horas da manhã tomo um cafezinho da manhã com ele, que nem era habitual, até parecia que a gente tinha... tava premonindo... E aí eu fui pegar o carro em outra garagem que fica em outro prédio, que era outro carro, em outro prédio, e aí, quando minha irmã aparece dizendo que o pai tava passando mal em cima do sofá da sala de espera. [...] Quando cheguei lá o pai tava num colchão, bem pálido, e aí, Carol, eu peguei meu pai nos braços, peguei nos braços, coloquei no carro e saí correndo [...]. Quando chegou lá ele ainda tava vivo, foi levado para a sala de parada; quando chegou lá o coração dele parou e ele não voltou mais.

A essa época Charles já havia rompido com a namorada espírita e estava envolvido com aquela que se tornaria a sua esposa. Ela, também médica, não era espírita, nem chegou a ser, depois; é católica até hoje, embora não tenha reservas contra o Espiritismo. “Ela não é do intelecto, não, acho que ela é mais do coração”, justifica Charles, fazendo referência ao fato dela crer na ressurreição da carne, ainda que isso contrarie a ciência. Contudo, a divergência de credos não constitui obstáculo para o relacionamento. Ela é muito companheira, e o acompanhou nesse processo importante da sua vida.

Quando indaguei como foi ver morrer o pai, Charles respondeu:

Charles - Cara, doeu muito, sim... Doeu bem. Mas... Essa morte do meu pai eu enfrentei tão bem, assim, parece que foi um... Embora ele não tenha me entregado o diploma, mas... Eu consegui ver um ciclo que se fechava, sabe? E um ciclo que se fechava num caminho que dava continuidade dentro do que a gente sempre tinha preparado na relação de pai e filho. Eu me encontrei... Foi um momento em que eu tava me encontrando na faculdade, um momento em que eu tava bem... Tava sendo elogiado por todos os professores. Então o problema não era eu, eram as provas. O problema não era eu, era a Medicina da faculdade. Eu estava num caminho bem legal... Então... O projeto que eu ajudei a fundar estava indo de vento em popa. Então, eu estava num processo de recobrar as minhas vitórias. E aí acontece isso. Foi doloroso? Foi, sim, eu chorei pra caramba, mas eu cheguei lá [no velório] e as pessoas vinham falar comigo como o pai era, como ele exercia a Medicina lá [Irauçuba]. Eu via Irauçuba inteira em homenagem ao meu pai.

Apesar da forte ligação e da forma repentina daquela morte, Charles não expressou a menor revolta. Tal como ocorreu na minha família, quando na partida de Saulo, ele consolou-se na convicção de que o pai fora um homem justo, ou seja, alguém que fez um bom percurso de vida e que mereceria um pós-morte pacífico. A educação espírita assomou com toda sua força na convicção da imortalidade.

Mentalmente, Charles se imaginou falando ao espírito do pai, realizando dessa forma o fechamento necessário de quaisquer questões pendentes:

Charles - Era o velório acontecendo lá e eu conversando com ele, mentalmente: “O senhor tá vendo essas pessoas que tão aqui? É pelo senhor, parabéns! O senhor realmente fez um trabalho maravilhoso. Tenho muita... Tenho orgulho de ser seu filho!” Eu conversava com ele durante todo o velório, mostrava pra ele que tava tudo bem, [...]. Que ele seguisse em paz. Que ele não tinha entregado meu certificado, mas que era como se tivesse entregado, porque eu já estava num caminho de vitória.

É sabido que, como constata Klüber-Ross (2002, p.183): “Muitos parentes [...] ficam ruminando fantasias, chegando muitas vezes, a falar com o falecido como se ele estivesse vivo.” Nestes casos, porém, a autora explica que há uma negação da morte acompanhada de isolamento social. O que em nada se assemelha ao comportamento de Charles. Ao falar com o pai morto, ele se fundamenta num conhecimento anterior à sua morte, que é a filosofia espírita. Tanto que o diálogo se dá em silêncio, mentalmente, porque no Espiritismo sabe-se que os espíritos podem acessar os pensamentos dos vivos.

Não tendo podido despedir-se, ele o fez da forma que lhe foi viável, elaborando eficazmente o pesar e o luto. “A ocorrência da perda de uma pessoa significativa tem uma potencialidade intensa de desorganização” (KOVÁCS, 2007, p.218), mas se há uma possibilidade de encerramento, de um fechamento ainda que simbólico das questões inacabadas, os recursos internos e externos para o enfrentamento da situação são potencializados (WOOLGER, 1998). Foi o que fez Charles, enquanto convicto de que o pai poderia ouvi-lo comprometer-se a cuidar da mãe, que tinha sido diagnosticada com Parkinson. Além disso, esclarecem Casellato et al (2009, p.87), que

quanto mais rápido o indivíduo consegue sentir-se interessado e com forças para buscar algum sentido para a sua perda, menor é o tempo da evolução do processo de luto. Porém, quanto mais fragilizado e sem recursos para questionar ou refletir sobre o significado de tal evento em sua vida, mais impotente ele fica e seu processo tende a ser mais lento.

Após esse momento tão significativo, Charles instituiu o que chamou “o ritual”: Todos os anos oferece uma palestra aos novatos do curso de medicina da UFC, falando de seus “caminhos de derrota que culminaram numa sensação de vitória”. Ele comenta: “É um negócio emocionante. Todo semestre eu sou convidado para fazer essa palestra.” E acrescenta: “Eu sempre imagino meu pai ali ouvindo a palestra”.

Em 2011, Charles casou e teve filhos, embora a mãe - como se esperava - piorasse lenta e progressivamente do Parkinson. Ele se esforçava por cumprir a promessa feita ao pai, o que não era fácil, porquanto a mãe se tornava uma pessoa cada vez mais difícil. A seu ver, era emocionalmente dependente, exigente, sentia ciúmes de sua esposa e tentava manipulá-lo com a doença. Reclamou que ele a abandonara, ao decidir iniciar uma família. Não compareceu ao casamento, como forma de desaprovação. Requeria sua atenção constante. Isso o levou a uma psicoterapeuta, na busca de tentar resolver a divisão entre a vida de casado e as exigências maternas. Divisão esta que se materializava na hora de dormir: duas a três vezes por semana dormia com a mãe, contrariando a esposa; três a quatro vezes por semana dormia com a esposa, contrariando a mãe.

Sua mãe tinha sintomas psicossomáticos graves, como a sensação de ter lavas nas veias, fogo no corpo, e enrijecer um braço. Esse último era desesperador. Ele escreveu a respeito num blog, cujo endereço me enviou por celular, após a entrevista:

Ela tinha uma doença neurológica que a fazia perder o controle dos movimentos. Tem pessoas que tremem, ela enrijecia. Todavia, o enrijecimento era seguido de uma angústia de morte que a fazia implorar para que movimentassem o braço dela. Era como se ela não quisesse ficar presa naquela doença, e a alma dela implorasse libertação. Nessa época era apenas no braço esquerdo. E estou descrevendo uma dessas noites em que estávamos ali, três da madrugada, tentando sanar aquela rigidez.

- Por favor, alongue meu braço.

- Estou alongando.

Mudava de posição.

- Assim não.

Subia, então, no sofá para alongar por trás.

- Não, assim não.

Colocava-a de pé para a movimentar olhando-a frente a frente.

- Não, não, não.

- O que, então?!

Parava por completo, devolvia-a para o sofá. Afastava-me alguns metros. Olhava para aquele braço. Na minha mente aparecia a imagem de eu arrancando seu braço, com as próprias mãos, com as unhas, seus músculos inteiros, e depois os ossos. Depois, em vez de algum homem bom dentro de mim dizer que isso não se faz, outro monstro apenas replicava: não daria certo. Porque, então, todo o corpo dela paralisaria. Não era esse o caminho. (RASGAR, 2020).

Vê-se, por esse depoimento, que Charles ficava esgotado. Eram noites mal-dormidas. Afrouxado o controle da consciência lúcida, por conta do sono e do cansaço, emergia o lado sombrio da sua personalidade, como mostra a fantasia destrutiva mencionada. Isso é o resultado de uma lei de compensação psíquica (JUNG, 2015). Ninguém é apenas bom ou mau e, quanto mais uma pessoa é radicalmente “boa”, a nível consciente, ou à luz da

consciência, mais o seu oposto se intensifica a nível inconsciente, ou à sombra da consciência (JUNG, 2015). Esse oposto subliminar aparece comumente na forma de fantasias, nos sonhos, nas produções literárias e artísticas, como também nos surtos e adoecimentos psíquicos (JUNG, 2015; WOOLGER, 1998). É preciso que ele seja conhecido, para liberar sua energia de algum modo não destrutivo. É o que se chama *integração da sombra* (WOOLGER, 1998).

Obviamente, Charles não deu vazão às imagens mentais violentas reveladas no blog, mas mesmo assim, é compreensível que tenha ficado a sensação de horror de si mesmo, como revela o termo “monstro”, usado para designar essa parte sombria de seu ser. Ressurge daí um velho conhecido da adolescência: o sentimento de culpa. Ao longo da entrevista, como será revelado adiante, nota-se que a culpa persiste.

Motivado pela terapia, mas não sem qualquer culpa, Charles decidiu mudar de postura. Entendeu que não apenas a mãe, mas sua relação com ela estava adoecida. Era uma simbiose. Mais uma vez não conseguia ser tão bom quanto almejava; nem como filho, nem como marido. Mas resolveu que precisava simbolicamente “matar a mãe”, tal como sugeria sua sombra. Quer dizer: Charles decidiu assumir o risco da mãe morrer na sua ausência, porque não podia mais viver colado nela. Tinha que assumir sua escolha, sua mulher, sua família, sua história. Foi então que verdadeiramente saiu de casa e, como marco, realizou uma viagem romântica. O casamento se completava na prática.

Charles - Foi um ritual que eu fiz. Eu fui pra Jericoacoara, e [...]eu falei com Deus e disse assim: “Deus, você me perdoa, me perdoa mesmo, eu não consigo ir adiante; eu acho que meu caminho é me aprofundar nesse casamento, que eu também vou ser um homem bom, vou ser um marido bom, preciso ser pai, e eu não estou conseguindo fazer isso de forma inteira, dividido desse jeito. Então, você me perdoa. [...] Eu não vou mais fazer o que eu fazia pra minha mãe minha mãe, de dormir com ela e tal, e se ela morrer, morreu.”

Percebe-se em sua fala, na necessidade de pedir perdão a Deus, ainda o peso da culpa. Para a mãe, juntamente com a irmã, contratou cuidadores. Continuou a visitá-la, a fazer as compras, mas mudou. Tornou-se mais distante. Convenceu-se de que precisava reservar sua dedicação para etapas mais adiantadas do Parkinson. Chegava a imaginar sua mãe desencarnando paulatinamente, com ele ao lado, amoroso, cuidadoso. E correram dez anos sobre os quais afirma: “Ela passou a ter simbiose com outras pessoas”. Segundo Charles, a mãe de fato se tornou menos dependente dele, porém vinculou-se a um dos cuidadores (um parente distante) como antes vinculara-se a si próprio.

## 6.5 A passagem pelo vazio

A morte da mãe de Charles aconteceu antes do que ele esperava, em novembro de 2019. É um momento que o convida à *passagem pelo vazio*, etapa das mais significativas de um itinerário espiritual (LELOUP; BOFF, 2018). Tudo começou quando o cuidador telefonou, comunicando que sua mãe estava sem reação, tremendo, babando, e que nenhum remédio amenizava sua crise. Decidiu prontamente levá-la ao hospital. Lá, ao ser constatada a gravidade e a necessidade de internação na UTI, Charles avisou à equipe que a paciente não gostaria de ser intubada. Concordaram. De fato, para o estágio do Parkinson em que se encontrava não cabiam procedimentos invasivos. Sedaram-na. Como médico, ele reconhecia, atônito, que sua mãe estava morrendo. Entretanto, as horas passavam e ela não morria! Em seu blog, deixa registrado:

Vocês que não têm ideia de pacientes críticos nunca poderão entender o milagre de um coração resistir viver sob o peso de uma respiração dificultosa, borbulhosa, adicionado de dois sedativos-analgésicos endovenosos, em infusão contínua, extremamente necessários todavia para tirar sua dor. Ela resistia. (COMO, 2020).

Charles acompanhou tudo, cada passo, em tensa expectativa. A saturação caía cada vez mais, anunciando um desfecho iminente que não acontecia. Isso o desesperou. Ela contrariava tudo o que imaginara para esse momento, e agora ele se via perdido, sem saber o que fazer. Questionou se ela não chegara ao hospital morrendo e se, ao determinar que não fosse intubada, não teria ele próprio condenado sua mãe à morte. Os colegas esclareceram: “Não!” Também a esposa, o cuidador, a irmã e outras testemunhas reafirmaram, para tranquilizá-lo, que ela não queria passar por esse procedimento. Mas a mãe resistia e ele se angustiava: por quê? Por que ela se demorava tanto? Mobilizou os familiares do interior, chamou-os para que dela se despedissem, liberando-a para a morte, e nada. Porque o cuidador afirmasse que ela desejava a unção dos enfermos, solicitou a presença de um padre, que cumpriu o rito católico. Nada. Ela continuava respirando. Por quê?

Pensou em cessar a sedação para que ela despertasse e revelasse, ela mesma, o que ainda queria que fosse feito. Porém, isso poderia causar-lhe muita dor e ele procurou ajuda de uma paliativista. Os paliativistas também são chamados “médicos da dor”. Observe-

se que, aos poucos, sem que percebesse, e por causa dessa situação, Charles deixava de ser “o esposo da mãe”, ou o seu responsável, e tornava-se cada vez mais, novamente, o seu filho. Tão somente filho. Lugar que abandonara desde que a assumira perante o pai, e depois que se fizera médico, quase ao mesmo tempo em que ela se tornara enferma.

A paliativista aconselhou, quando ouviu dele o plano de suspender a sedação: “Não faça isso. A morte é um momento muito especial de cada um. Cada qual faz do seu jeito. Este é o jeito dela. Ela deve estar com medo da passagem. Respeite-a. Não deixe que aconteça com dor, com desespero. É o tempo dela na vontade divina.” (COMO, 2020). Charles acatou. Reconheceu que a mãe estava mantendo sua identidade, sendo no morrer a pessoa teimosa e resistente que fora no viver. Sobre a intervenção da especialista, desabafa, durante a entrevista: “Ela tirou um peso de mim, porque a partir de então eu tinha uma médica a quem eu podia me referir”.

Indicada pela médica, uma enfermeira chegou a fim de providenciar o que era necessário para o conforto daquele “corpo que morria”. Deixando a mãe sob os cuidados da recém-chegada, Charles foi em casa e pediu ao filho que gravasse uma mensagem para a avó. A criança o fez. Mais tarde, ele e a esposa voltaram ao hospital levando o áudio. A enfermeira estava massageando a doente e viu quando esta, mesmo sedada, surpreendentemente abriu os olhos. Ela percebeu a oportunidade e pediu a Charles que chamasse os que estavam fora do quarto, para despedirem-se, um a um. O que se seguiu está descrito em seu blog:

O último de nós, meu irmão, chega para visitá-la exatamente nessa hora. Olhos semi-serrados, cada um olhou naquele acastanhado bonito e falou: os cuidadores, que ela não se preocupasse que também cuidariam de nós, seus filhos, e nós, os filhos, que ela partisse em paz que cuidaríamos uns dos outros feito irmãos. **Nunca havíamos dito isso para ela**, separados que estávamos pelo trabalho de cada um. Por fim, coloquei o áudio do meu caçula no ouvido dela, olhando no fundo de sua alma. Terminado o áudio, a enfermeira toma a dianteira para melhorar a posição dela na cama, é quando eu e minha esposa percebemos o último suspiro. E a cor do lábio se esvaindo. Dou alguns passos a frente e tomo seu pulso carotídeo. "Ela morreu". Choramos. (COMO, 2020, grifo meu).

No fim, foi um partir sereno. Apesar disso, Charles desabafa na entrevista que não se encontra resolvido em relação à morte da mãe. Acha que ela também, enquanto espírito, não está bem. Obteve de médiuns boas informações, mas não se sente confiante sobre o seu bem-estar no mundo espiritual. A mim, parece-me que há nessa sensação a projeção da velha culpa, indicando uma questão psicológica por ser resolvida. Charles ainda está no seu itinerário de busca pelo transpessoal escuro. Não conseguiu integrar a sombra. O fato de

possuir uma perspectiva de vida além da morte auxilia de forma significativa na experiência do luto, mas não suspende sua condição humana, com seus conflitos interiores.

No caso específico de Charles vê-se que ele traz desde a infância uma tendência à auto-cobrança exagerada e que, associada ao conhecimento espírita, expressa-se não raro como o desejo de ser um “espírito de luz”. Isso ficou notório no despertar da sua sexualidade, na saída de casa para a constituição da própria família e, finalmente, no enfrentamento da morte materna. Respalado nas crenças espíritas, para cada situação mencionada ele teceu idealizações perigosas. Idealizações podem gerar uma negação da realidade; em Charles, a negação das próprias vontades, resultando na constituição de um *falso eu* (BRADSHAW, 1997), ou identificação com a *persona* (JUNG, 2008). O falso eu ou persona é uma espécie de máscara social, uma parte de nós que é apresentada a determinado meio quando se busca sua aceitação (JUNG, 2008). Construir uma persona não é bom nem ruim, é até mesmo útil, mas torna-se um problema quando se pensa que a persona é tudo que se é, que ela constitui o nosso ser por inteiro. Esse processo é o que se chama *auto-engano*.

Mas se Charles construiu um falso eu com base no conhecimento espírita, não se pode afirmar que a educação espírita tenha esse efeito. O Espiritismo adverte sobre o risco do auto-engano e incentiva a auto-análise:

Para julgar-se a si mesmo, fora preciso que o homem pudesse ver seu interior num espelho, pudesse, de certo modo, transportar-se para fora de si próprio, considerar-se como outra pessoa e perguntar: Que pensaria eu, se visse alguém fazer o que faço? Incontestavelmente, é o orgulho que induz o homem a dissimular, para si mesmo, os seus defeitos, tanto morais, quanto físicos. (KARDEC, 2013a, p. 144).

Há porém, a livre interpretação sobre o sentido das palavras. Ao utilizar a palavra “defeito” para designar o que antes é um reflexo da imaturidade do espírito, pode se favorecer a culpa. Mas os próprios espíritos reconhecem ser as palavras um problema para o qual se deve atentar: “As vossas controvérsias provêm, quase sempre, de não vos entenderdes acerca dos termos que empregais, por ser incompleta a vossa linguagem para exprimir o que não vos fere os sentidos.” (KARDEC, 2013b, p.64).

Se o Espiritismo diz que é o orgulho que induz o homem a querer dissimular-se, significa que a necessidade de admiração e de elogio por parte dos outros, nascida da carência infantil, é que nos distancia de nós mesmos. O orgulho designado pelos espíritos se encaixa no que Bradshaw (1997) denomina *grandiosidade*: “A pessoa grandiosa é admirada em toda

parte e não pode viver sem a admiração dos outros.” (p.76). Uma necessidade de perfeição que pode levar a formar um falso eu, como falei anteriormente: “O falso eu é sempre mais ou menos que humano e pode ser um perfeccionista, um palerma, um herói ou o bode expiatório da família.” (BRADSHAW, 1997, p.33). Se fosse para escolher uma dessas opções, diria que Charles identifica-se com o arquétipo do herói. Ele segue o *caminho do filho fiel*, conforme mostra a parábola do filho pródigo (TREIGHER, 2007).

A culpa de Charles pela existência da sombra, por seus “maus” sentimentos, que são inapropriados para a perfeição, ganha substância na pergunta que afirma ter feito a si mesmo, quando temeu haver errado ao não intubar a mãe: “Então, eu matei minha mãe?” Ora, essa é uma pergunta típica de crianças pequenas, que segundo Paiva (2007, p.180): “Sentem como se seus pensamentos e palavras pudessem magicamente causar a morte da pessoa”. O que aponta para a permanência, em Charles, de um pouco do *egocentrismo infantil*. Como explica Bradshaw (1997, p.72): “O egocentrismo da criança sempre interpreta os eventos de modo egocêntrico. Se papai e mamãe não estão presentes a culpa é minha. Deve haver algo errado comigo, caso contrário eles iriam querer estar comigo.”

Ora, Charles, como médico, sabe mais que qualquer leigo, que a mãe morreu por conta da doença, e ele mesmo informa na entrevista que viu os exames comprobatórios da irreversibilidade do seu quadro, ao dar entrada no hospital. Além disso, a equipe médica jamais concordaria em negligenciar, por uma ordem sua, o que seria obrigatório fazer no socorro a uma paciente. Se ela não foi intubada, é porque isso se ajustava ao protocolo da saúde paliativa.

## 6.6 O estado de transformação

Charles admite que precisa se desapegar da máscara, da persona a que se fixou, procurando atingir um ideal de perfeição. Ele procura soltar-se da fantasia de iluminação para que ocorra o verdadeiro *estado de transformação*, que é degrau mais adiantado do caminho do místico (LELOUP; BOFF, 2018). Como elucidada Jung (2013b, p.134):

Não há despertar de consciência sem dor. As pessoas farão de tudo, chegando aos limites do absurdo, para evitar enfrentar a sua própria alma. Ninguém se torna iluminado por imaginar figuras de luz, mas sim por tornar consciente a escuridão.

O corpo da mãe foi sepultado em Irauçuba, ao lado do corpo do pai. Charles fez o rito de despedida, e diz, ao fim da entrevista, que se encontra em busca de superação do conflito: “Eu sei que minha mãe está viva, eu não me culpo. Existe uma culpa que quer nascer em mim e eu reelaboro, porque teve que acontecer o que aconteceu.” E conclui: “Eu ainda tenho muita coisa para elaborar da morte dela, mas penso que a primeira coisa que vou fazer quando encontrar ela, é dar um beijo grande, abraçar.”

Ao que se depreende dessa expectativa, a possibilidade de um reencontro além da morte diminui a ansiedade do enlutado, liberando-o do peso da culpa. Tanto que ele reflete:

Charles - Tudo isso eu estou enfrentando com - até o meu ódio e a minha culpa - eu estou enfrentando com a naturalidade da imortalidade, porque eu estou dialogando com ela todo o tempo. Nunca pra mim [os pais] foram pessoas que desapareceram, eu só estou tendo que lidar com elas de uma forma diferente, porque eu sei que agora a relação está diferente. Nunca passou pela minha cabeça o desaparecimento de ninguém.

Apresentam-se os indícios de uma profunda transformação. Charles acredita-se um espírita menos radical e mudou alguns hábitos. Como exemplo, revela que não tem mais o costume de fazer prece, ou pensa que a prece é uma postura e não necessariamente o ato contrito que acreditava na adolescência, cumprido com rígida disciplina. Libertar-se da própria rigidez tem sido sua grande luta, atualmente.

Acrescente-se que no período entre a morte do pai e da mãe, Charles se descobriu com um câncer de tireóide, do qual ainda não se libertou por completo. Após extrair a glândula adoecida, fez um tratamento por iodo terapia, que é um tipo de quimioterapia. Mesmo assim, os exames finais não foram taxativos quanto à inexistência de metástases, deixando em aberto a possibilidade de recidiva da doença. Quando chegamos a esse assunto, na entrevista, já estávamos cansados e por isso não nos aprofundamos. Havíamos dissecado sua história, a morte do pai e da mãe, mas era necessário, para o objetivo da pesquisa, saber mais sobre sua relação com a própria morte. Eu estava decidida a marcar outro encontro, quando chegou ao Brasil a pandemia do novo Coronavírus.

Foi um momento inusitado da História. Todas as pessoas, literalmente, foram convidadas a ficar em suas casas, em distanciamento social. Não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro, milhares de vidas foram ceifadas pela Covid 19, doença causada pelo

mencionado vírus e para a qual ainda se espera a vacina. A fim de evitar a disseminação do vírus, as escolas pararam, as universidades pararam, o comércio fechou. A morte projetou sua sombra de medo sobre a humanidade, de uma só vez. Dei-me conta de que Charles era um dos médicos que estavam na linha de frente da guerra contra o Coronavírus. Trabalhando numa UPA, ele teria, mais uma vez, de lidar inevitavelmente com a morte. E a morte no contexto de uma pandemia! Sem poder entrevistá-lo, pedi que me enviasse por áudio no celular como estava encarando o momento atual.

### **6.7 O retorno à vida cotidiana**

A resposta chegou em mais de 30 minutos de gravação. Começou de onde havíamos parado, fazendo referência ao câncer. Ele já dissera que não tinha medo de morrer, mas que temia deixar a família. Reafirmava isso, agora:

Charles - É... A gente pensa na morte quando uma doença se instala no nosso corpo, no caso aí o câncer, que já é uma doença com um estigma bem importante. Por mais que as pessoas cheguem e digam: “Ah! Mas o seu câncer não tem tantos problemas!”, mas acaba tendo, né? E o que me faz, que me faz mais apertar o peito é menos por causa de mim, é por causa do meu filho.

Charles tem dois filhos pequenos, mas um deles foi diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista. Apesar de ser numa forma leve, isso lhe causa preocupação quanto ao futuro da criança. Um pouco antes da pandemia, já estava tranquilo em relação ao câncer:

Charles - Desse capítulo, dessa doença eu ainda não saí, ainda existe a suspeita de metástase dentro de mim, mas talvez mesmo se eu não fizer nada essas metástases vão me incomodar, talvez, na pior das hipóteses, daqui a uns cinco, dez anos, é... E ainda assim elas têm cura, elas têm tratamento, então, novas quimioterapias e tudo mais. Talvez tratamentos até relativamente fáceis de fazer porque, apesar de tudo, meu câncer continua sendo um câncer não agressivo, um câncer de boa resposta aos múltiplos tratamentos aí da medicina.

Mas com a Covid 19 ele se preocupou mais. Lidando com casos graves da nova doença, acompanhando pacientes até à morte numa UPA sem recursos, Charles tinha consciência de que não conseguiria escapar ao Coronavírus. Era questão de tempo, e o desconhecido o assustava:

Charles - Essa morte, por ser uma morte rápida e ao nosso alcance, ali bem na frente, às vezes me trouxe um temor maior. Mas de algum modo, quando eu comecei a enfrentar o dia-a-dia das pessoas adoecidas pelo Coronavírus chegando, eu comecei a pensar assim: “Olha, o medo não vai ajudar em nada.” Eu tinha um medo aqui e acolá e até uma sobrecarga, é verdade, mas a minha postura é uma postura de - até mesmo porque eu li uma mensagem do Dr. Demeure de... Não sei... Eu tenho a mensagem por aqui, foi dentro da Revista Espírita, em torno de 1865. Ela dizia: “Vocês não devem temer, espíritas!” Quando eu li essa mensagem... Essa mensagem foi importante pra mim. É... Talvez seja até importante resgatá-la. É... Foi uma mensagem que tocou fundo, depois de muito pensamento, foi uma mensagem que tocou fundo em mim [...]. Ele dizia: “Sabeis que muitas vezes, Dr. Demeure, em casos semelhantes, o medo é pior que o mal. Infelizmente o sangue frio não se impõe, mas vós espíritas não necessitais de conselhos sobre este ponto, pois encarais a morte sem receio e com a calma dada pela fé.” Isso era uma mensagem do Dr. Demeure [...] dentro de um artigo chamado “O Espiritismo e o Cólera”, que era uma doença infecciosa que estava acometendo os... Que estava ceifando muitas vidas como o Coronavírus tá ceifando atualmente, e aí veio essa mensagem do Dr. Demeure que me trouxe uma força, sabe? Ela dizia também: “A confiança em si e em Deus é, em tais circunstâncias, o primeiro elemento da saúde.” [...] Enfim, ele falava, ele fez-me lembrar da força da imortalidade da gente. E por algum motivo, estando mais próximo da morte, depois que eu li essa mensagem do Dr. Demeure eu me senti mais forte pra morrer.

A compreensão espírita, através dessa mensagem que, Charles informa, é uma psicografia de um espírito que em vida fora médico de Kardec, restituiu-lhe a tranquilidade no meio do caos em que se encontrava, ante as limitações do sistema de saúde brasileiro. Ele decidiu:

Charles - Eu não quero viver num mundo com medo. Com cuidados, talvez sim, mas com medo... Sair na rua, não tocar um amigo, não abraçar um irmão. Eu sou um indivíduo de muito toque, de muito abraço, faz parte da minha personalidade, né? Eu aprendi isso, eu aprendi a amorosidade se manifestando por isso. Chegar em casa e não poder abraçar os meus filhos, não poder beijar os meus filhos, sabe? [...] Então eu me protegia, eu fazia tudo que estava sendo preconizado fazer, mas eu beijava os meus filhos, eu colocava até antisséptico na boca, mas eu ia lá e beijava e abraçava, e minha esposa também. Mas eu sabia que parte dessa ação era possível que eu tivesse contaminando eles. Então eu estava arriscando a vida deles, mas por que eu arriscava? Eu arriscava porque eu não queria um mundo em que as pessoas não pudessem ter contato.

Charles antes pensara em se afastar por completo, enviar mulher e filhos para a casa da sogra, a fim de protegê-los, seguindo o isolamento irrestrito e radical. Mas, ao recorrer ao conhecimento espírita, apoiado na convicção de que há mecanismos que transcendem quaisquer cuidados humanos e que nada acontece por acaso, ponderou que não adiantava ficar com medo. Ele reflete:

Charles - Entender como é que o Espiritismo me ajudou a entender essa situação? Primeiro que eu acho que essa situação, ela pode ter algo de político por trás. Uma irresponsabilidade do governo da China... É, não necessariamente uma manipulação dele, né? Não necessariamente um ataque contra humanidade. Talvez uma

irresponsabilidade, uma quebra de protocolos de vigilância sanitária. Só por isso já tem uma irresponsabilidade humana por trás, mas existe também um planejamento, que eu não acredito que isto esteja alheio. Que estejam as rédeas completamente soltas das mãos de Jesus, das mãos de Deus, dos espíritos puros que estão na coordenação da Terra.

De forma que está claro que sabia que precisava se cuidar, sim, mas também avaliava as perdas afetivas de um isolamento total. Uma família apartada, acuada, colocaria em risco sua saúde afetiva, psicológica. Por isso, com anuência da esposa, decidiu que atravessariam juntos a crise mundial. Contudo, ele também pensa na coletividade e na sua responsabilidade social:

Charles - Eu posso transformar isso em política pública e fazer com as pessoas tenham o mesmo enfrentamento e o mesmo risco? Ao contrário de outros indivíduos que preconizam o não isolamento, eu entendo que essa doença é grave, e hoje mais do que nunca eu entendo a capacidade que ela tem de esgotar o sistema de saúde e fazer com que pessoas possam morrer na rua, né? Hipóxicos, cenóticos, em casa, sem poder ter um cuidado, principalmente nas zonas mais vulneráveis, eu entendo isso. Então, eu não sou irres... Eu não posso ser irresponsável ao ponto de chegar pra pessoas e dizer assim: “Encarem o risco!” Estou falando de uma conduta individual: “Eu quero encarar o risco de pegar e sair imunizado.”

Finalmente, Charles foi contaminado, assim como a sua família. Todos com sintomas leves. Ele sabe que foi um privilegiado, diz que além de sua condição social, ser da área médica permitiu que recebesse maior apoio. E pensa, ainda com base na mensagem do Dr. Demeure, que se algum deles tivesse se agravado e até morrido, seria porque estava determinado assim. A seu ver, protegeu a si mesmo e à família como pôde, mas considerou os limites do cuidado, considerando as trocas afetivas, das quais não seria psicologicamente saudável abdicar, mais importantes que a necessidade de afastamento familiar. Sobre a questão do momento, da pandemia, reflete de forma otimista, com base na sua educação espírita:

Charles - Existe um processo de resgate coletivo das pessoas que tinham... que se foram, e foram, de alguma forma, com uma morte relativamente não dolorosa. Não é como por exemplo aconteceu com a minha mãe, de 20 anos de sofrimento ininterrupto. E mesmo essas pessoas que tinham seu sofrimento interrompido, chegou o momento de acontecer a grande libertação. [...]Se a gente for olhar no cômputo geral, no cômputo geral as pessoas estão se libertando desse mundo de dores e de dissabores. **Se a gente tivesse a imortalidade da alma mais presente em nossa consciência, a gente teria menos medo e menos menos tristeza por aqueles que partem.** (Grifo meu).

Não é um desejo de morte, mas uma visão diferenciada da morte, da morte como libertação:

Charles- Kardec dizia: “Não é que nós devamos ser irresponsáveis e apressar o nosso desencarne, mas se o nosso desencarne vem por vias naturais e que apesar dos nossos esforços acabou por culminar na morte, então é uma libertação, e uma libertação boa pr'aquela pessoa que parte; e pr'aquelas pessoas que ficam, uma provação, uma provação por, é... aprender a viver sem aquele ente, sem aquela pessoa querida.”

Poderia parecer que o espírita sinta até atração pela morte e que uma tal atração possa levar ao suicídio, mas o que se passa é justamente o contrário:

Charles - Eu acho que a gente tem que ter coragem. Uma coragem que a imortalidade nos oferece. Uma coragem por espalhar paciência para as pessoas, espalhar lições de otimismo. Eu estou fazendo os cuidados de paramentação e de higienização, mas eu tenho que falar pra pessoas: “A gente tá junto e vai dar certo.” Né? Vai dar certo por que... por que ela vai ser curada e vai se tornar imune, e se ela não for curada - obviamente que eu não digo isso pro paciente -, mas o sofrimento dele vai acabar.

A perspectiva espírita de pós-morte, pelo que se depreende das palavras de Charles, oferece um lenitivo para qualquer desfecho. O que Charles diz é que se a pessoa adoecer e sobreviver, como prêmio recebe a imunidade, ou se adoecer e morrer, recebe a imortalidade. Ou seja: é sempre ganha/ganha. Isso no Espiritismo se aplica a tudo na vida.

## 6.8 Então...

Toda dor e sofrimento tornam-se caminhos espirituais quando dotados de sentido. Numa dimensão psicológica, é preciso compreender qual o propósito da vida, para que se tenha maior força frente às adversidades. Como afirma Leshan (1992, p.152): “Não podemos verdadeiramente dizer adeus a alguma coisa sem saber o que ela foi. A tentativa de desistir, de dizer adeus, de renunciar à nossa vida antes de aceitá-la totalmente tende a conduzir-nos a uma morte amarga e triste.”

Por fim, Charles nos apresenta com sua história as belezas e desafios de uma educação espírita iniciada no berço. Habitado a enxergar o mundo pelo viés da imortalidade, ele se sente atraído pelos ideais de fraternidade, paz, amor, que determinam uma ética cristã, de compromisso consigo mesmo e com a sociedade. Por outro lado, se vê tentado ao exagero, ao radicalismo e preconceito característicos de toda unilateralidade. Metaforicamente, retomando a parábola de Jesus, ele, o filho que jamais saiu de perto do pai, sente falta de festa. Não sabe ao certo como festejar sem romper com o pai, com os princípios nos quais

acredita, e essa é a sua busca. O bom é que, como espírita, acredita que possui a eternidade para encontrar as respostas. Isso, sem dúvida, lhe é reconfortante.

## 7 EVA:VIDA, MORTE E RESSURREIÇÃO

Disse-lhe Jesus: “Eu sou a ressurreição. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E quem vive e crê em mim jamais morrerá. Crês nisso?” (BÍBLIA, p.1872).

Ela não passa de uma garota que aparece uma única vez na Bíblia. Mas o faz de uma forma tão espetacular que não precisou de outra cena para entrar na História: ela voltou dos mortos. Para mim, esse “milagre” traduz o itinerário espiritual de Eva:

Ainda falava, quando chegaram alguns da casa do chefe da sinagoga dizendo: “Tua filha morreu. Por que perturbas ainda o Mestre?” Jesus, porém, tendo ouvido a palavra que acabava de ser pronunciada, disse ao chefe da sinagoga: “Não temas; crê somente”. E não permitiu que ninguém o acompanhasse, exceto Pedro, Tiago e João, o irmão de Tiago. Chegaram à casa do chefe da sinagoga, e ele viu um alvoroço. Muita gente chorando e clamando em voz alta. Entrando disse: “Por que este alvoroço a este ponto? A criança não morreu, está dormindo”. E caçoavam dele. Ele, porém, ordenou que saíssem todos, exceto o pai e a mãe da criança, e os que o acompanhavam, e com eles entrou onde estava a criança. Tomando a mão da criança, disse-lhe: “*Talítha kum*” - o que significa: “Menina, eu te digo, levanta-te”. No mesmo instante, a menina se levantou, e andava, pois já tinha doze anos. E ficaram extremamente espantados. (BÍBLIA, pp.1766, 1767).

Eva é uma psicóloga de meia-idade, especialista em neuropsicologia, psicoterapeuta há mais de vinte anos, de olhos muito claros e voz ao mesmo tempo suave e firme. Diferentemente dos sujeitos anteriores, que apresentavam uma certa turbulência na forma de ser, seus modos transparecem tranquilidade, embora não deixe de ser forte. Quem a vê, não imagina o que passou bem cedo na vida. No rosto, atravessando uma sobrancelha, apenas uma delicada cicatriz remete ao que lhe aconteceu. Aos quinze anos, às vésperas de realizar seu baile de debutante, ela e a mãe sobreviveram a um grave acidente de carro. O pai e a irmã pereceram. Foi nesse momento de morte que a menina-mulher, tocada por um livro, ressuscitou para uma nova vida. O nome do livro: “Nosso Lar”, do espírito André Luiz, psicografado por Chico Xavier.

Esse primeiro contato com Espiritismo foi em 1985. Embora o pai fosse espírita, a família de Eva não tinha intimidade com o assunto, uma vez que seguia a tradição católica. Não que Espiritismo fosse um tabu, mas simplesmente não havia espaço na casa para se falar a respeito. O pai frequentava a Casa do Caminho, que é um dos centros espíritas mais antigos de Fortaleza. Mas as três mulheres - a mãe e duas filhas - se mantinham católicas, repetindo em Fortaleza os hábitos trazidos de Sobral, onde moraram, antes. Lá, Eva e a irmã haviam

estudado num colégio de freiras. Transferidas para a capital, foram matriculadas numa escola particular que também adotava os valores católicos.

### 7.1 A experiência do numinoso

Viviam na tranquilidade da classe média fortalezense, até acontecer o fatídico acidente, três anos depois da mudança, num período de férias escolares. Eva preparava-se para festejar os seus quinze anos, mas obviamente, isso não foi possível. A morte invadiu sua casa de forma devastadora. Sua mãe entrou numa profunda depressão e ela, meses depois, contando apenas com a companhia dos livros, descobriu na biblioteca deixada pelo pai, aquele curioso exemplar espírita. Foi o seu *encontro com o numinoso* (LELOUP; BOFF, 2018) uma experiência transformadora. “O numinoso pode ocorrer em um local sagrado ou na leitura de um texto sagrado; no decorrer de um acidente ou de um sofrimento físico intolerável.” (LELOUP; BOFF, 2018, p.19). No caso de Eva, ler “Nosso Lar” significou, em suas próprias palavras, realizar “um encontro de ampliação de consciência”. É como se ela fosse aquela menina morta da passagem evangélica, a quem Jesus chamou, dizendo: “Menina, eu te digo, levanta-te”. E ela se levantou.

Eva observa que o livro poderia ter lhe chegado como algo fantasioso, mas sua sensação à época, mesmo com tão pouca idade, foi de congruência, e nada do que estava escrito sobre a vida após a morte lhe pareceu absurdo. As peças se conectavam, tudo fazia sentido. Para Kardec, a facilidade de compreensão da Doutrina Espírita numa pessoa tão jovem deve-se ao que denomina *maturidade do senso moral*:

Será então necessária, para compreendê-la, uma inteligência fora do comum? Não, tanto que há homens de notória capacidade que não a compreendem, ao passo que inteligências vulgares, moços mesmo, apenas saídos da adolescência, lhes apreendem, com admirável precisão, os mais delicados matizes. Provém isso de que a parte por assim dizer material da ciência somente requer olhos que observem, enquanto a parte essencial exige um certo grau de sensibilidade, a que se pode chamar **maturidade do senso moral, maturidade que independe da idade e do grau de instrução, porque é peculiar ao desenvolvimento, em sentido especial, do Espírito encarnado.** (KARDEC, 2013a, p.235, grifo meu).

Eva era uma garota precocemente amadurecida. Afinal, ela vinha de uma experiência de morte e renascimento, devastadora, mas também libertadora (GROF, 1994). É

como se tivesse adquirido uma amplitude de olhar e de fato, Eva nunca mais foi a mesma. Se ela havia morrido para o passado, ressuscitava agora para uma nova etapa.

## 7.2 A metanoia

Pouco depois da leitura de “Nosso Lar”, uma mulher que acompanhava uma amiga da mãe em visita à sua casa, convidou-a para ir ao GEPE, a fim de assistir a uma palestra espírita. Devia ser 1986. Eva foi e gostou muito. Ainda era uma colegial, sem liberdade de ir e vir, mas assim que conseguiu autonomia, escolheu frequentar assiduamente aquele centro espírita. Começava a sua *metanoia*: “Nesta segunda etapa procuramos alguém que possa nos esclarecer o que acaba de nos acontecer.” (LELOUP; BOFF, 2018, p.20)

Os centros espíritas, apesar de serem considerados instituições religiosas, não funcionam como as igrejas. Geralmente possuem um ou dois dias de palestras abertas ao público, mas as demais reuniões são majoritariamente de grupos de estudos. Não apenas grupos de estudos e práticas mediúnicas, mas estudos sobre a filosofia e a moral espírita, verdadeiros cursos de Espiritismo. No GEPE, já adulta, Eva fez parte de alguns desses grupos de estudos, abraçando a doutrina kardecista com entusiasmo, sem qualquer resistência ou dificuldade de aceitação, mesmo tendo tido uma formação católica.

Interessante salientar o papel que o Espiritismo exerceu na sua transição para a vida adulta. Eva, pelo simples fato de ser adolescente, já atravessava uma série de complicadas transformações bio-psico-socio-espirituais. Segundo Mota (2008, pp.65, 66), a adolescência é

[...] um período caracterizado pelo humor inconstante e pela personalidade e pelo comportamento generosamente temperados com o espírito da rebeldia, pois, na tentativa de encontrar sua identidade, o jovem se torna errático, e sua vida é marcada por desarmonia e equilíbrio destrutivo, o que é considerado normal para esse período.

A adolescência é também um período de luto simbólico, em que se perde o corpo e o universo infantil, enquanto surge o corpo e as responsabilidades do adulto. Contudo, mais que os dramas próprios da idade, a adolescente Eva contava com o trauma de um trágico capotamento ao qual sobrevivera, e que lhe custara a dupla morte do pai e da irmã, além de lhe tirar a mãe como conhecera, porquanto esta, agora, tornara-se depressiva.

Cognitivamente, Eva já era capaz de compreender a universalidade e irreversibilidade da morte, o que assemelhava seu luto ao de qualquer adulto, mas a sobrecarga de estresse e angústia nesse período delicado do desenvolvimento, poderiam ter afetado gravemente sua saúde mental e favorecido a emergência de psicopatologias. (MOTA, 2008). Ela precisava de aporte, e um dos principais aliados na elaboração do luto pela perda de um dos pais é o apoio familiar, especialmente o do genitor sobrevivente (MOTA, 2008). Isso não aconteceu com Eva, pelo menos não diretamente. Como a mãe não tinha condições de oferecer colo, o apoio foi intermediado por uma psicóloga, mas Eva, ao recordar esse período, afirma que a força de superação deveu-se mais ao Espiritismo que à psicoterapia. A Doutrina Espírita ensinou-lhe, diz, que a vida era muito maior que a sua dor, a sua perda e aquele evento. Inclusive, maior que todas as questões cotidianas. “O mundo cresceu!”, ela observa. E isso foi fundamental para o seu soerguimento, para que amadurecesse.

Eva tornou-se, então, ainda na adolescência, aquela pessoa que acolhia os outros com escuta amorosa e olhar compreensivo, características que viriam a constituir o cerne da profissão da adulta, alguns anos depois. Cita, como exemplo, que para muitas de suas amigas terminar um namoro era algo excessivo, mas para ela era aceitável, por mais difícil que fosse, pois passou a ser aberta às mudanças, às despedidas e aos términos. Sentia-se fortalecida também pelos romances espíritas que, preenchendo sua imaginação juvenil com ilustrações amplificadoras da compreensão do mundo, da vida e dos relacionamentos, conferiam-lhe maior resiliência. Contrabalançando a trágica experiência familiar com o conhecimento da imortalidade, que acessava através o Espiritismo, não se tornou insegura, pelo contrário, percebeu que as adversidades não a aniquilavam. Eva sabia que sobreviveria.

Simbólica e realmente, Eva havia enfrentado, de uma só vez, muitas mortes. De menina tornou-se mulher, em meio à descoberta do Espiritismo que, a seu ver, lhe apresentou um Evangelho diferente daquele que conheceu nas missas: “O Evangelho segundo o Espiritismo”. Sentiu-se mais próxima de Jesus. Falando dessa dimensão do humano, destaca o temor que geralmente existe em relação a temas religiosos e do qual acredita que escapou graças ao saber espírita. Para ela, a Doutrina Espírita é “um espaço autorizado”, um espaço não geográfico, mas psicológico, onde é permitido o questionamento, a dúvida relacionada a questões espirituais. E isso é, a seu ver, algo que ao invés de enfraquecer, fortalece a fé. Tanto que conclui:

Eva - Isso não abala a onipotência, a onisciência divina em nada. À medida que eu fui reconhecendo meu lugar na roda da evolução, que eu nem sou muito, nem sou pouco; eu sou um ser, né? Assim, autorizado a várias coisas; isso também acho que... Assim, é a experiência de uma liberdade muito boa.

Ou seja, a maneira espírita de considerar a todos como seres em evolução, propiciou nela um fortalecimento da auto-aceitação, sem que por isso se acomodasse. Note-se que é uma interpretação bem distinta da de Charles, em quem a perspectiva de um desenvolvimento espiritual ficou em muito associada à culpa. E ele nunca fora católico, mas ela, sim. Para Eva, os próprios erros não são pecados, mas expressões de uma imaturidade espiritual, compreensível e que, cedo ou tarde, será inevitavelmente superada. Ela toma por fundamento o que afirmam os espíritos, em Kardec (2013b, p.352): “O homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente, mas nem todos progridem simultaneamente e do mesmo modo.”

É interessante porque ao mesmo tempo que se sente livre para ser quem é, sem necessidade de fingir ser diferente, mas respeitando seus próprios limites, ela se vê conclamada pela própria consciência, à prática do bem, não por medo, mas por escolha:

Eva - O ganho dos alertas morais, por conta de olhar para mim mesma e ter uma métrica, ter uma referência sem o medo, a punição, o castigo; me colocou numa relação mais madura com Deus, entendeu? De não ficar correndo, tentando esconder d’Ele coisas. Não! Não há porquê, né? Mas existe uma co-responsabilidade de coisas que pertencem à minha história, às minhas falhas, a meus erros, meus escorregos morais.

Paralelamente, a partir do conhecimento espírita Eva reconhece-se como uma potência, como uma parte da natureza criada por Deus para ser desenvolvida. Como está na obra de Kardec (2013b, p.342): “Em estado rudimentar ou latente, todas as faculdades existem no homem. Desenvolvem-se, conforme lhes sejam mais ou menos favoráveis as circunstâncias.” Eva não tem receio de olhar para suas inabilidades, uma vez que entende fazerem parte de uma etapa evolutiva a ser superada. O olhar para a vida futura é um alento e também um estímulo. Ela quer crescer, quer evoluir, e busca os meios para atingir esse objetivo.

### 7.3. As consolações

Em consonância com os novos propósitos, Eva escolhe cursar Psicologia, ciência pela qual sempre sentiu atração e que concilia-se com sua nova visão de mundo. Afinal, ser psicólogo é ajudar as pessoas. Ela sempre gostou de filosofia, artes e outros braços da área de humanidades. “Achava chique, com cara de intelectual”, revela, divertida, rindo de si mesma. Então, Psicologia é uma vocação. E ela quer agir, tem ânsia de experiências. Começa a etapa das *consolações* no seu itinerário espiritual.

Durante o curso universitário começa a frequentar regularmente o GEPE e torna-se trabalhadora espírita, facilitando grupos de estudo. Analisando a própria história, Eva reconhece ser a educação espírita um alicerce de sua vida. Até mesmo sua intelectualidade, para além dos temas do Espiritismo, esclarece que foi formada em grande parte pela literatura espírita. Foi ler Allan Kardec e Léon Denis, dentre outros autores clássicos do Espiritismo, que a iniciou numa narrativa mais elaborada, que facilitou a compreensão dos textos psicológicos, tão diferentes da literatura que conhecera na escola.

Entretanto, sentiu alguma dificuldade em conciliar teoricamente o Espiritismo com a Psicologia. A Psicologia acadêmica é eminentemente materialista, o que reflete seus anos de formação, a partir do final do século XIX. Leshan (1994) identifica a Psicologia como a última entre as filhas da filosofia, a dela se apartarem na formação da ciência moderna. Quando se tornou independente, suas irmãs Física e Química já haviam conquistado as universidades, graças às maravilhas produzidas em laboratório. O resultado foi uma Psicologia pautada em seus modelos, que se divide em especialidades, faz pesquisa laboratorial e quantitativa, e considera a alma humana parte do cérebro (LESHAN, 1994). Não é de admirar, portanto, que Eva não tenha encontrado um laço entre psicologia e espiritualidade, ao frequentar as aulas da graduação. O que não quer dizer que essa conexão não exista, podendo ser encontrada na psicologia transpessoal. Mas a psicologia transpessoal não estava no currículo do seu curso, e Eva abraçou a escola Humanista, na qual conheceu e fez amizade com jovens espíritas, frequentadores de outras instituições que não o GEPE. Atualmente, alguns desses jovens são nomes conhecidos do movimento espírita cearense.

Diferentemente das igrejas, os centros espíritas não funcionam todos da mesma maneira. Cada um tem seu estilo, suas regras, e se volta ao contexto do bairro onde se ergue,

assim como aos interesses de seus frequentadores. Com o tempo, Eva concluiu que poderia transitar mentalmente entre os reinos da Psicologia e do Espiritismo. Não havia necessidade de indispor um contra o outro. Até um certo ponto, cuidaria das experiências pessoais com um olhar de psicóloga, e dali em diante, para experiências transpessoais, seu olhar seria o de espírita.

Em se tratando de experiências transpessoais, perguntei a Eva sobre a mediunidade. Se nunca teve interesse em contactar seu pai e sua irmã, ou se nunca participou de reuniões mediúnicas. As comunicações mediúnicas costumam ser procuradas por quem já sofreu perdas como a sua. Curiosamente, afirmou que nunca teve demanda de comunicar-se com o pai e a irmã. Considera-se cética em relação aos fenômenos; não que duvide de sua possibilidade, sabe que existem. Entretanto, acha muito tênue a linha entre a comunicação mediúnica e o animismo. *Animismo*, para o espírita, é a interferência do próprio médium no fenômeno espírita. Para Kardec (2013b, 2015b), sempre há um percentual de animismo nas manifestações dos espíritos, porquanto o médium é um “intérprete” e, como tal, projeta um pouco de si, mesmo que inconscientemente, na mensagem que transmite. Por esse fato, a recomendação do codificador é que sejam feitas muitas conferências para certificar-se da autenticidade de uma mensagem mediúnica (KARDEC, 2015b).

Mas além disso, Eva não consegue identificar qual a necessidade de uma experiência de comunicação com os espíritos, se não for para um objetivo maior, como fez Kardec. Ela já crê, já está convencida de que seu pai e sua irmã prosseguem vivendo. então, por que iria buscar uma mensagem deles? Se vier espontaneamente, apreciará, pois amenizará a saudade, mas se não, diz: “Eu não quero cair nessa esparrela de esperar uma mediúnica em que virá [...] a mensagem esclarecedora para mim. Eu acho que ela já existe. Para mim, o que hoje me dá sustento espiritual [...] é o Evangelho.”

Mesmo assim, a mensagem veio. Certa vez, pouco tempo depois do acidente, uma senhora católica que é médium ostensiva, e a quem visitou com a esposa do avô, transmitiu-lhe uma comunicação do espírito do pai, que lhe pareceu bem autêntica. Recorda que ele revelou estar bem, apesar de preocupado com a esposa. Chega a ser irônico que a única comunicação do gênero não tenha tido qualquer relação com o Espiritismo... Destaque-se: a médium não era espírita.

Eva reconhece-se muito amparada pelos espíritos, já sonhou com o pai e depois enviou-me, por áudio do celular, uma experiência que considerou muito emocionante. Aconteceu pouco depois do acidente:

Eva - Eu, tomando banho, eu fiz uma prece muito comovida. A minha mãe não melhorava da depressão e era uma carga muito pesada assistir aquilo ali, dia após dia, e a dor dela, muito grande, muito medicada, mas mesmo assim, muito destruída emocionalmente, muito frágil. E eu lembro que eu fiz uma prece muito sincera, muito pontente. [...]E aí eu, muito comovida, muito emocionada, fui fechar o chuveiro e levei um choque. E eu não tava tomando banho morno nem nada. Era um banho frio. [...]No começo de tudo foi... A minha sensação foi física. Eu senti um formigamento [...], como se fosse uma espécie de calor. E tudo o que vou te descrever, em nada houve desconforto. Nada. Em sensações físicas, em nada. Sempre muito bom.

As sensações descritas por Eva remetem aos relatos de experiências holotrópicas (GROF, 1994). Interessante observar-se que o fenômeno se apresenta contrariando sua capacidade de compreensão à época. Ela continua:

E quando eu levanto o olhar, que eu estava mais cabisbaixa, eu comecei a sentir um misto de alegria. Era um sentimento muito bom de, realmente, muita amorosidade, acolhimento. Eu não sei explicar, mas era bom. Era confortável, me dava muito conforto. E eu levantei o olhar e vi uma grande bola, como se fosse uma chama do fogão. [...]. Então eu comecei a desconfiar de mim mesma, então eu: “Não, eu estou chorando, são as lágrimas, eu estou vendo embaçado...” Então eu limpei todo o vidro [do basculante por onde via o círculo], porque eu podia estar tendo uma alteração, né? [...]E a bola, digamos assim, eu vou chamar de círculo de luz, continuava lá, projetado, como se fosse projetado na parede de um grande prédio, que tem aqui perto [...], um quarteirão seguinte ao meu [...]. Projetado lá, como se fosse um grande *outdoor*, algo assim. [...]Desconfiando de mim mesma, me enxuguei, me vesti e fui para a varanda, para que não houvesse nada, nenhum anteparo entre mim e aquela imagem.

Em vários momentos, durante a entrevista, Eva fez referência ao seu ceticismo. porém, esse ceticismo é impotente perante a experiência. Esta não vem pela razão, mas pela emoção, e é forte demais para que se possa negá-la, e ela termina por se render:

E aí, para minha grande surpresa, quando eu fui para a varanda - a minha varanda não tem vidro, não tem janela, é toda livre -, continuava lá! E aí foi muito emocionante, foi muito... Não tenho palavras para descrever. Foi, não era uma pessoa, não era alguém, personificado, digamos, mas era assim, a certeza dessa proteção, desse amparo, dessa grande, das bênçãos, da dor, que estavam sendo cuidados, era tudo isso que vinha à minha mente, e ali eu me emocionei muito de novo, e fiz outra prece maravilhosa de gratidão, e realmente eu fui me sentindo extremamente calma, serena. Aquilo foi tomando todo meu ser de muita fé também, isso fortaleceu demais a minha fé, a minha crença na presença ostensiva, na presença clara da benevolência divina através dos espíritos. Na crença na vida futura, também. Do sopro, digamos assim, que é essa experiência terrena e que nos cabe [...]aceitar [...]. Enfim, [...]o círculo foi diminuindo gradativamente. Aquelas camadas externas foram se apequenando, até ficar um círculo menor e, pronto, sumiu! Isso durou uma meia hora, uma hora, foi um tempo bem razoável, mesmo, para que eu constatasse. [...]. Eu tinha entre 16 e 18 anos, foi algo assim.

Nesse mesmo dia uma tia paterna, que morava em Sobral e pouco vinha a Fortaleza, apareceu de surpresa. Foi emocionante, porque se tratava de alguém muito amada pelo pai. Ela passou a manhã em sua casa, almoçou, conversou, e fortaleceu sobretudo a mãe com palavras de conforto, o que foi de grande valia naquele momento. Em tudo isso, Eva identifica uma força motriz, uma inteligência ou intenção invisível.

Observe-se que o fenômeno que tanto impressionou a entrevistada não foi uma aparição propriamente dita de uma forma humana. No romance espírita “Renúncia”, psicografado por Chico Xavier, há uma descrição semelhante ao sucedido a Eva:

Uma **forma luminosa** descia do plano constelado, semelhante a uma estrela desprendida do imenso colar dos astros da noite, que agora se caracterizava pela sombra mais envolvente e profunda. Quase ao tocar o centro da paisagem escura, tomou a forma humana, embora não se pudesse determinar os traços fisionômicos, tal a sua auréola de ofuscante esplendor. No entanto, como acontece no círculo das impressões humanas condicionadas às necessidades de cada criatura, **nenhum dos circunstantes lhes registrou, de maneira absoluta, a presença generosa, senão mediante uma alegria íntima, permeada de santas esperanças. Ninguém poderia definir o sentimento de bom ânimo que se estabelecera, de modo geral. Elevada perspectiva de vitória no porvir palpitava, agora, nas conversações.** Alguém declarou que naquele instante, por certo, estavam descendo novas bênçãos de Deus sobre o grupo antes receoso e abatido. (XAVIER, 2010, pp. 13 e 14, grifos meus).

A esse respeito dissera o próprio Kardec (2015a, p.276): “Um Espírito pode aparecer sob forma luminosa, ou transformar uma parte do seu fluido perispirítico em foco luminoso.” Quer dizer: no ideário espírita há espaço para a compreensão da experiência de Eva. Como também na psicologia transpessoal, em que se sabe, dentre os possíveis fenômenos transpessoais, haver os chamados *encontros com guias espirituais e seres supra-humanos*:

Talvez uma das mais compensadoras experiências no reino transpessoal seja o encontro com guias espirituais. Eles são encarados como seres supra-humanos que existem nos planos e níveis superiores da consciência e da energia. Podem aparecer em reconhecíveis formas humanas; falar-nos como se uma pessoa estivesse nos falando em sonho; **aparecer como uma luz radiante; ou como um poderoso campo de energia. Muito raramente esses guias comunicam-se por meio de palavras: a informação é passada telepaticamente, através de canais diferentes de nossos cinco sentidos.** (GROF, 1994, pp. 186, 187, grifo meu).

O fato é que do ponto de vista educativo, essa experiência teve uma significação profunda. Ela fixou o conteúdo que Eva acabava de acessar no Espiritismo e que lhe

apresentava a realidade de uma forma diferenciada, transcendente, aliviando a sensação de desalento deixada pela morte das pessoas amadas.

Num contraponto, outra forma de reação foi a da mãe de Eva, que nunca se recuperou totalmente. Não por não se tornar espírita, mas talvez por não conseguir encontrar, na sua forma de ser católica, ou simplesmente na sua forma de ser, a elaboração do luto. Ainda hoje ela sofre de depressão, mas tem manifestado, recentemente, interesse pelo Espiritismo. Eva diz que nunca tentou “converter” a mãe, deixou-a sempre à vontade, assim como faz com qualquer pessoa de suas relações, pois não sente necessidade de arregimentar adeptos para o Espiritismo. Respeita as diferentes formas de crer e acha que isso é fruto da educação espírita: “Outra coisa que o Espiritismo também me ensinou foi o respeito às religiões”. Acredita que não há necessidade de fazer proselitismo, pois as descobertas de Kardec estão se repetindo fora do âmbito espírita e chegando, como verdades incontestáveis, à ciência.

Atualmente, Eva mora com a mãe, o marido e sua única filha, que se encontra no fim da adolescência. Sobre o marido, diz que casaram-se quando ele era ateu e entusiasta do Marxismo. Descreve-o como um “revoltado com as desigualdades”. Na época, ela estava bastante envolvida com as atividades do GEPE, mas nunca o convidou para participar. Ele se interessou por vontade própria. Espontaneamente, vendo o movimento dela, começou a fazer perguntas. Então a sua avó desencarnou e ele começou a ler, a estudar e, finalmente a participar do movimento espírita. “Acho que ele hoje é mais espírita do que eu”, comenta, sorrindo.

A filha não é espírita e, segundo informa, já “debochou” muito do Espiritismo, mas se encontra noutra fase, com um pouco mais de abertura. Quando pequena, Eva tentou introduzi-la nos grupos infantis de estudo espírita, mas a criança não gostou. Nada impôs, então. Traço seu, diz. Não é de impor nada a ninguém. Além disso, identifica que a filha é um espírito livre e pensa que se a constrangesse, causaria nela uma repulsa pelo Espiritismo. Decidiu deixá-la à vontade, dedicando-se a formar-lhe o caráter, independentemente da religião.

Eva recorda que a família travessou um momento crítico, desafiador, nos anos 2000. Mudaram-se todos para Salvador, porque o marido, que era odontólogo, resolveu recomeçar a carreira e fazer Medicina naquela cidade. Seria menos difícil se fossem dois jovens no

começo da vida, mas já contavam uns trinta e poucos anos e sua filha ainda era pequena. Eva já possuía clientes, tinha sua sala de atendimento psicoterápico. Não é fácil montar uma clientela, isso leva tempo. De modo que, decidindo apoiá-lo e mudar-se com ele, sua vida também recomeçou, mais uma vez.

Após alguns anos, voltou com a filha para Fortaleza, enquanto ele, que estava próximo de concluir o curso, permaneceu na Bahia. Foi um período difícil, conflituoso, tenso. A filha sentia muitas dificuldades, reclamava bastante atenção. Eva comenta que sobrecarregava-se, sentia o peso das responsabilidades avolumando-se sobre suas costas. Como dar conta de tudo isso, sozinha?

Lembra de estar, um dia, à mesinha do consultório, escrevendo algo, talvez um caso clínico. Nesse momento, pela primeira vez, foi tomada de repente pela psicografia. Outra vez um fenômeno a visita numa etapa dolorosa, como a provar que ninguém está só.

Eva - Foi um fenômeno que se eu puder dizer assim, me assaltou, entende? [...] O meu braço, eu sentia uma pressão absolutamente desconfortável, em termos musculares. Sentia dor, mesmo, uma dor fina, que... é... produzia em mim, meu rosto demonstrava isso, um mal estar.

Aconteceu mais de uma vez. Ela rabiscava figuras geométricas, palavras soltas, várias etapas até conseguir chegar a um texto pequeno, com assinatura. Esse período fortaleceu muito sua fé. Ela narra:

Eva - Para muitas pessoas o Espiritismo realmente traz, como trouxe para mim esse esclarecimento que fortalece a caminhada, né? Que, enfim, que nos dá mais oxigênio, a gente consegue respirar um pouco mais, ficar um pouco mais na lama, entendendo que vai passar, que as coisas vão já se dissipar, né?

Conclui que esse fôlego permitiu que visse sua vida se reorganizar, por volta de 2010, quando o marido voltou para casa e passou a trabalhar como médico. Eles voltaram a frequentar o GEPE. Apesar das psicografias, ela não se sentiu atraída para o grupo mediúnico, não se sentiu chamada para essa área. Reconheceu que preferia o trabalho com grupos de estudo, e passou a dedicar-se a isso.

Juntos, o casal participou da fundação de um novo centro espírita em Fortaleza. Ali, Eva assumiu a dianteira de uma atividade chamada Escola dos Sentimentos, que adorava. Para ela, essa é uma outra forma de exercer a mediunidade, pois se reconhece intuitiva, inundada de inspirações, ao oferecer pontos de reflexão para as pessoas nos grupos. Sobre essa responsabilidade, afirma:

Eva -“Quanto mais se dá, mais será cobrado”. Não com peso, mas acho que onde a gente estiver, seja na atividade culinária, seja na atividade como psicóloga, seja na atividade, enfim, como vendedora de brigadeiro, não interessa, mas aquele seu saber, né? Ele em algum momento é um degrau para alguém. Então acho que, sempre, em qualquer momento é fundamental a gente ter a generosidade de dividir, de compartilhar. E não trago isso como missão, como uma coisa meio idealizada, que eu “tenho que”... Eu não “tenho que”, na verdade, né? Mas, assim, eu acho assim, quando a gente está no centro espírita, a gente está disponível, a gente está lá, como várias pessoas estão. Ali não é a psicóloga, o médico, somos espíritas, nos interessamos pelo Espiritismo. Operou algo de importante em mim, me transformou em alguém melhor, ou pelo menos está em curso essa transformação, e a gente está ali para dividir isso, para compartilhar, né? Então algum bem, aí, já é feito, né?

Contudo, reconhece que o centro espírita precisa de regras, como qualquer instituição, o que significa haver relações de poder, e, claro, muitos conflitos.

Como se pode constatar, as consolações em Eva estão associadas a experiências transpessoais/ holotrópicas ou simplesmente mediúnicas, para além da atividade no centro espírita, que lhe conferiram força nos momentos de maiores adversidades.

#### **7.4 A dúvida e a passagem pelo vazio**

O centro espírita que Eva ajudou a fundar caiu em dissensões por causa de conflitos ideológicos. As eleições presidenciais que polarizaram o país em 2019, reverberaram gravemente em muitos grupos. Os ânimos estremeceram, trabalhadores espíritas se afastaram, e Eva foi um desses. Pouco tempo depois, a instituição fechou as portas. Para ela, começa um momento de *dúvida*, não em relação ao conteúdo doutrinário espírita, mas sobre as pessoas que fazem o movimento espírita. A dúvida, segundo LELOUP; BOFF (2018, p.22) é uma “fase em que nos sentimos secos como se fôssemos o próprio deserto. Depois de termos conhecido o oásis e o frescor da fonte é preciso caminhar muito tempo em temperaturas ardentes. Após o tempo da consolação conhecemos o tempo da provação.” Eva está no deserto, decepcionada. Ela prefere, por enquanto, manter-se afastada, “para não macular a relação com a doutrina espírita”. Ainda não sabe quando voltará para o centro espírita, mas afirma que esse dia chegará.

Assim ela chega etapa seguinte, à *passagem pelo vazio* (LELOUP; BOFF, 2018). Eva está longe daquela movimentação que tanto amou, da atividade que chegou a organizar no centro espírita, da Escola dos Sentimentos. Mas apesar de tudo, ainda se vê como espírita e pondera:

Eva - Eu entendo que há diferenças entre as pessoas, o movimento espírita em si. As decisões do nosso tempo, das pessoas que estão à frente, líderes de casas espíritas, ou coisas do tipo. E com a literatura espírita, o que foi dito por Kardec, o que ele deixou pra gente... Eu confesso que hoje isso, na verdade, é o que tem me mantido com o Espiritismo. Acho eu se não houvesse um alicerce tão forte, tão consistente, porque é tão lúcido, é tão coerente... Não tem incongruência nas obras básicas do Espiritismo, eu não vejo. Não há incongruência, são textos para todos os tempos, assim, em termos morais, que eu falo.

Assim como Charles, o itinerário espiritual de Eva está em curso. Como qualquer história de vida, um caminho de desenvolvimento não é necessariamente linear e se assim apresentei o presente relato, foi para efeitos de organização do texto. Às vezes repetem-se algumas etapas, assim como pode haver mais de uma experiência do numinoso (LELOUP; BOFF, 2018). A partir do acidente que mudou sua vida, Eva se tornou uma caminhante entre dois mundos: espiritual e material. Vez por outra ela se depara com convites para transformações, verdadeiras guinadas no destino que desafiam sua fé e solicitam mudanças de perspectiva espiritual.

Pouco tempo depois da entrevista, o mundo inteiro chegou a um ponto de virada: a pandemia do Coronavírus. Na verdade, ela já acontecia, mas quando chegou ao Brasil, atingiu proporções dramáticas. Aproveitei o momento e pedi a Eva que me falasse por mensagem, como continuação de nosso encontro, sobre como se encontrava na conjuntura atual.

### **7.5 O estado de transformação e o retorno à vida cotidiana**

Eva diz que a princípio sentiu muito medo, tanto de morrer como de (se isso acontecesse) não contar com o acompanhamento de alguém amado. A possibilidade de ficar num hospital sozinha, sentir-se apartada de todos, isso a amedrontou. Por mais que se acredite numa vida após a morte, no morrer há particularidades que podem ser assustadoras, e morrer de Covid 19 traz uma perspectiva terrível de solidão, de ruptura, de um fim sem despedidas. As pessoas passaram a ser sepultadas às pressas, com poucas e distantes testemunhas, o vírus se interpondo entre os afetos, um quadro verdadeiramente desolador.

Porém, as cartas do destino foram lançadas. Eva sabia que não podia mudar os fatos e procurou, para compreender o momento, uma explicação a partir do Paradigma do

Espírito. O conhecimento espírita veio em seu socorro e ela aceitou. Aceitar não é render-se, concordar, ser passivo. Aceitar é entender os próprios limites, sem por isso deixar de lutar de algum modo. Eva aceitou a possibilidade do sofrimento. Afinal, estamos todos num mesmo planeta, e ninguém é tão especial que esteja imune às suas circunstâncias. Percebeu-se novamente em meio a uma experiência de expansão de consciência e amadurecimento, mas agora de proporções maiores, coletiva. Um *estado de transformação* se inicia, conectando corpos e espíritos. Como todo o mundo,

Eva recolheu-se em casa, como determinaram as autoridades. Mas o fez com consciência, por reconhecer ser o distanciamento social uma medida de evitação do caos no sistema de saúde pública. Seu marido, infectologista, permaneceu trabalhando. E ela, para trabalhar, adotou a psicoterapia à distância, por videoconferência. Reconhece que abateu-se, sim, devido ao confinamento e a restrição da liberdade, mas de fato, não acha que sofreu. Eva traz em si muito daquela menina que “voltou da morte”, e resiste às tempestades, confiante na bonança que as segue.

Na sua opinião, o quadro pandêmico e aparentemente caótico da atualidade está inserido na “Lei de Destruição”, segundo a qual todo processo de destruição é, em essência, uma transformação (KARDEC, 2013b). Com base no Espiritismo, afirma que a Terra transita de um estágio de provas e expiações para outro, mais avançado, o estágio de regeneração. Segundo o Espiritismo não apenas os espíritos, mas tudo se desenvolve, se transforma e evolui, inclusive as sociedades e os planetas. Ela admite, então, que as experiências agudas são convites para avanços maiores da humanidade.

Analisando os últimos acontecimentos, Eva, aos poucos, ensaia o *retorno à vida cotidiana*. Considera que a crise deflagrada pela pandemia evidenciou no globo os pontos de egoísmo e amorosidade, as feridas sociais, a consciência coletiva, os dramas do ambiente, os caracteres das lideranças. Ao silenciarem-se as distrações do mundo material, acha que foi possível perceber o estado de anemia da sociedade. “Um vírus conseguiu formatar toda essa parada mundial [...], porque tudo ficou mais silencioso”, diz, julgando que o “silêncio”, a parada forçada representou um convite genérico para revisar modos de vida.

Como se pode observar no seu discurso, Eva tem uma postura otimista, em que acredita que muitos frutos serão colhidos na busca de superação dos problemas deflagrados pelo Coronavírus. Por fim, conclui, para si mesma: “A gente estuda, estuda e estuda o

Espiritismo e é chegada a hora da gente aplicar; a gente de fato abrir os olhos e entender as coisas a partir da experiência do espírito e, obviamente, para quantos espíritos foi necessário esse momento, esse tipo de desencarne...”

## **7.6 Então...**

A história de Eva tem como auge o acidente que matou sua irmã e seu pai. Por se dar quando era muito jovem, não é possível dizer que ela teve uma grande mudança no caráter. Mas teve uma forte influência do Paradigma do Espírito na formação do caráter. Eva não teme viver. Não se nota nela traços de pessimismo, medo, apego, apesar das perdas vividas. Tornou-se espírita sozinha, após a leitura espontânea de um livro, encontrado ao acaso em sua estante. O livro “Nosso Lar” apresentou-lhe esclarecimentos a respeito da vida. Era do que ela tinha sede. Não vemos nela uma personalidade empreendendo grandes esforços para dominar-se, mas alguém que vive de maneira autêntica e sem grandes pretensões. De forma alguma, uma mulher acomodada.

Ela por fim fala, quando indagada sobre a necessidade de uma educação para a morte: “Precisamos estar prontos.” Diz que não quer morrer, mas que até um certo ponto está preparada. Eva tem os claros olhos projetados no futuro, na vida após a morte, mas se insere por completo no presente, no aqui-e-agora, em que contribui, como psicóloga e espírita, na construção de um mundo melhor. Eva tem leveza.

## 8 REFLEXÕES A PARTIR DOS RESULTADOS

Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e o caruncho os corroem e onde os ladrões arrombam e roubam, mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça, nem o caruncho corroem e onde os ladrões não arrombam nem roubam; pois onde está o teu tesouro aí estará também teu coração. (BÍBLIA, p.1767).

Motivou a presente pesquisa o desejo de conhecer os desdobramentos da Doutrina Espírita na vida dos sujeitos, investigando sobre a existência e importância de uma educação para a imortalidade. Ao reconhecer que o mundo é atravessado por inevitáveis mudanças paradigmáticas em que se observa a necessidade de estabelecer diálogos entre múltiplas dimensões, fazer um estudo aprofundando sobre a educação espírita vem ao encontro das demandas do momento. Isso porque, como assevera Morin (2013), as limitações do conhecimento de nosso tempo, sua fragmentação e mutilação têm-nos levado a ações fragmentantes e mutilantes. Torna-se urgente mudar:

A reforma do conhecimento exige a reforma do pensamento. A reforma do pensamento exige um pensamento que possa religar os conhecimentos entre si, religar as partes ao todo, o todo às partes, e que possa conceber a relação do global com o local, do local com o global. (MORIN, 2013, p.184).

O Espiritismo é um conhecimento que conduz ao pensamento que religa e que, portanto, se coaduna com as mencionadas reformas. Ele parte de uma construção complexa do conhecimento, que religa ciência, filosofia e religião. E religa concomitantemente as dimensões material e espiritual, os extremos nascimento e morte, os gêneros feminino e masculino, os interesses individuais e coletivos, e todos esses entre si, através de uma visão ao mesmo tempo cíclica e evolutiva. Assim, apresenta-se ao mundo como educação, enquanto lugar em que se pode dar a práxis formativa, a transmissão cultural, a instituição educativa (CAMBI, 1999). Ultrapassando as fronteiras de uma prática pedagógica puericêntrica, o Espiritismo é uma teoria filosófica da qual decorre uma ética, o que o torna um saber que educa. Como afirma Incontri (2000, p.193):

A essência do Espiritismo é a Educação. Ao contrário de outras correntes religiosas, que têm caráter salvacionista, a Doutrina Espírita [...] pretende promover a evolução do homem, que é um processo pedagógico. [...] Elevar, transformar, despertar consciências, contribuindo para a mudança interna dos homens – que redundará também numa evolução externa – essa deve ser a meta de todo espírita. (INCONTRI, 2000, p.193).

Falar de Espiritismo é falar desse saber que provoca em seus sujeitos a emersão de potencialidades, transformando-os e habilitando-os como agentes transformadores. O que pode se depreender das três histórias de vida que foram apresentadas no corrente trabalho: as histórias de Saulo, Charles e Eva. A partir da análise do material obtido em entrevistas com esses três sujeitos da educação espírita, foi possível chegar às conclusões expostas a seguir.

### **8.1 Sobre as reverberações da educação espírita em seus sujeitos**

Saulo trazia do período anterior ao conhecimento do Espiritismo as perturbações de um comportamento dependente, apesar de seu sucesso profissional. Quando conheceu a obra de Kardec, transformou-se. Parou de beber e associou a seu trabalho de jornalista um interesse cada vez maior pela propagação de um jornalismo crítico e capaz de apostar nas boas notícias. Enfrentou o câncer com otimismo e morreu cercado por uma família grata e amorosa, todos sustentados na certeza de que sua vida prosseguiria no mundo dos espíritos. O segundo sujeito, Charles, que já nasceu num lar espírita, cresceu extremamente ligado à família e motivado pela vontade de ser bom. Escolheu uma profissão de ajuda, é médico, desenvolveu um projeto de palhaçoterapia em hospitais e, sendo convidado muitas vezes a enfrentar a morte, seja a dos pais, como a dos pacientes, e até a sua própria mediante a ameaça de um câncer, adotou uma atitude ativa, confiante e sem desespero. Por fim, Eva, que tornou-se espírita logo depois de um acidente automobilístico, em que perdeu o pai e a irmã, também levou para a profissão o desejo de ajudar o próximo, e fez-se psicóloga. Diante da morte, resignou-se e adotou uma postura de ressignificação, encarando as desgraças e tragédias como oportunidades de crescimento.

Não diria, com base nessas experiências, que a educação espírita foi determinante dos comportamentos dos sujeitos, porquanto é sabido que a subjetividade que os permeia, assim como suas escolhas, está sempre mesclada de múltiplos fatores, que vão desde as predisposições genéticas às influências ambientais. Mas, sem dúvida, o Espiritismo teve um importante papel na construção das atitudes resilientes observadas. Resiliência é a capacidade de, diante de uma dificuldade, grande ou pequena, encontrar aprendizados e fortalecer-se. A filosofia espírita abre vias para a resiliência ao oferecer uma interpretação do sofrimento que o dota de sentido, e sentido que implica em crescimento espiritual, em conectar o humano a

Deus. Ou seja: no Espiritismo o sofrimento é sacralizado, para usar a expressão de Eliade (2018), exposta anteriormente. A educação espírita oferece, portanto, uma conexão com a dimensão espiritual, que impacta positivamente na saúde mental. Em sintonia com a filosofia profética de Corbin (CROMBERG, 2018), estabelece conexões entre saberes do oriente e ocidente humanos, contribuindo para a equilíbrio dos indivíduos e sociedades.

### ***8.1.1 Transformando o passado ruim em um bom futuro***

Também pelo que diz respeito à saúde mental, importa analisar um pouco mais detidamente a superação do comportamento dependente (alcoolicismo). Sabe-se que os vícios são adoecimentos psíquicos de difícil tratamento. Eles se apresentam como padrões cíclicos de característica obsessivo-compulsiva, que começam na baixa auto-estima e terminam no comportamento auto-destrutivo que, apesar de causar alívio, acaba reforçando a vergonha de si mesmo (BRADSHAW, 1997). Como não apenas a mente, mas o próprio organismo se condiciona ao vício, vencê-lo exige uma grande força de vontade que apenas o auto-amor pode oferecer. Para alguém que se despreza, essa é, obviamente, uma equação difícil de solucionar. Porém, pessoas que se vinculam a alguma religião tendem a ser melhor sucedidas no combate aos vícios (GROF, 1998). As religiões costumam ver o homem como um ser especial. No Cristianismo, por exemplo, ele é criado e amado por Deus. Jesus diz: “Vós sois a luz do mundo” (BÍBLIA, p.1766). Isso, dito pelo próprio Cristo, decerto tem um efeito positivo sobre a auto-estima dos fiéis. No Espiritismo, cuja grande referência é Jesus (KARDEC, 2013a, 2013b), também acontece dessa forma.

Saulo era alcoolicista e decidiu parar motivado pelo contato com a Doutrina Espírita. Até esse momento ele era ateu e sua experiência de formação fora pouco favorável ao desenvolvimento de um sentido de importância pessoal. Mas ao ler Kardec, ele aprende que é um espírito e que possui latente todas as aptidões; aprende que os vícios o tornam infeliz, mas que as virtudes o aproximam de Deus; aprende que há espíritos que o amam e protegem, sempre; e aprende que Jesus vê a natureza divina que há em todos. Mais que isso, Saulo se sente parte de um grupo de pessoas que não o condenam e que vão à sua casa, para estudar o Evangelho, sem o pretexto de um copo de uísque. Essas pessoas são comuns, são gente como ele, mas espíritas. Tudo isso o arrebatava. Ele se sente amado por Deus e pelos

novos amigos, e vê suas perguntas respondidas. A filosofia espírita lhe explica como pode Deus existir e haver tantas desigualdades no mundo, tanto sofrimento. Para ele, torna-se possível crer em Deus, agora. Inevitável, até. A “fé raciocinada” é a sua força, pois nela é que ele se sustenta para resistir ao arrastamento pela vontade de beber.

Não importa o quão ruim tenha sido o passado, o Espiritismo traz como princípio que todos têm direito a novas chances. Não há condenações eternas. É sempre possível fazer um novo futuro, e um futuro melhor. O destino está nas mãos do homem, ele possui o livre-arbítrio. Há, a partir dessa convicção, um sentimento transpessoal de responsabilidade pessoal e coletiva, de capacidade de escolha. Deus não castiga, mas criou uma lei de causa e efeito e, assim como há uma reação para toda ação material, tudo o que se faz moralmente repercute na dimensão do espírito, gerando consequências sobre aquele que age. Não há punições. Há consequências.

### ***8.1.2 Quem se conhece, cresce***

Outra reverberação do conhecimento espírita identificada nas três narrativas é que tanto Saulo, quanto Charles e Eva passam a buscar o conhecimento de si mesmos. O autoconhecimento é um dos grandes objetivos dos psicólogos e o motivo pelo qual Jung (2013) considera que a psicoterapia é também um processo educativo, melhor dizendo, uma reeducação do ser. Tanto que sobre o tratamento psicológico, ele afirma que

[...]tem por finalidade fazer com que o desenvolvimento falho, neurótico, retome seus rumos naturais. Reeducar uma pessoa, que em grande parte é inconsciente de sua própria personalidade, até que ela mesma se veja em condições de trilhar, conscientemente, o caminho certo, e reconheça claramente a sua responsabilidade social. (JUNG, 2013, p.38).

O propósito do autoconhecimento ou, como propõe Corbin, individuação espiritual (CROMBERG, 2018), é descobrir tanto o que pode estar impedindo o desenvolvimento “normal” de si mesmo, quanto o que pode viabilizá-lo. No Espiritismo, o autoconhecimento é uma premissa básica. Em mensagem do espírito de Santo Agostinho, encontra-se: “O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual” (KARDEC, 2013b, p.409)

Ao olharem para si mesmos, os três sujeitos pesquisados revelaram possuir uma auto-compreensão transpessoal. Quer dizer que eles se vêem como seres espirituais, que existem independentemente de seus corpos, mas que neles estão temporariamente mergulhados. Para eles, seus corpos, assim como suas famílias, são os meios de que precisavam para crescer espiritualmente e dos quais devem cuidar, o que favorece uma maior auto-aceitação; também se veem como seres em transformação e mentes com aptidões inatas a serem desenvolvidas, o que lhes facilita a construção de uma boa auto-estima. Os sujeitos em questão identificaram em si mesmos defeitos e virtudes, que tentam equilibrar em suas balanças interiores, procurando superar os primeiros e aprimorar as segundas, de modo a viverem mais plenamente e a agirem eticamente em favor de um mundo melhor.

### ***8.1.3 Mergulhados uns nos outros***

Cada um dos sujeitos da pesquisa se comprometeu em algum momento, impulsionado pelo conhecimento espírita, com alguma campanha, projeto, atividade enfim, que visasse o bem-estar da coletividade. Saulo publicou livros, participou ativamente da construção de um lar de idosos e inseriu no telejornalismo mensagens de incentivo; Charles desenvolveu um projeto de humanização nos hospitais através da palhaçoterapia; Eva envolveu-se com a fundação de um centro espírita, em que encabeçou um projeto de trabalho com grupos chamado Escola dos Sentimentos.

Ao acessar-se essas vidas espíritas é possível constatar o que os espíritos responderam a Kardec (2013b, p.361), quando este perguntou de que maneira o Espiritismo poderia contribuir para o progresso da humanidade:

Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses. Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem percebe melhor que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro. Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina os homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos.

Os sujeitos pesquisados estão convictos de que os seres humanos possuem um corpo espiritual ou perispírito, capaz de registrar pensamentos e emoções, que repercutem no ambiente, tanto espiritual quanto materialmente (KARDEC, 2013a; 2013b; 2015b; 2015c). Estamos, por essa razão, como seres pensantes e sencientes, alterando sempre o campo de

energia pessoal que nos circunda e que se mistura ao campo de energia coletivo: “Num mesmo sistema planetário, todos os corpos que o constituem, reagem uns sobre os outros.” (KARDEC, 215a, p.359).

Portanto, desse modo “tudo está em tudo” (KARDEC, 2013b, p.65) e faz-se necessária uma *ecologia espiritual*. Essa ecologia consiste em procurar pensar no bem e cultivar o bem, assim como buscar promover o bem dos outros, porque ao fazê-lo o campo de energia da coletividade é beneficiado. Eu, particularmente, acho essa uma imagem muito bonita, porque é como se estivéssemos mergulhados uns nos outros, de modo que ao cuidar do outro, cuido de mim, e ao cuidar de mim, cuido do outro.

Socialmente, outra reverberação da educação espírita é a aceitação dos diferentes credos, por parte dos sujeitos da pesquisa. Em nenhum se identifica uma postura exclusivista a respeito da salvação divina ou da superioridade da própria crença. Todos se mostraram abertos às diferenças religiosas. No Espiritismo preza-se a liberdade de pensar e a igualdade entre os seres, uma vez que todos são espíritos criados iguais e com as mesmas aptidões, podendo encarnar em diferentes raças, sexos, culturas etc., sem que isso signifique superioridade ou inferioridade. Nos pesquisados o que ficou patente foi o desejo de se praticar a caridade, não apenas a material, mas a espiritual que, dentre outros aspectos, envolve a tolerância para com os diferentes (KARDEC, 2013a). Todos os seres são irmãos, enquanto espíritos criados por Deus em condições absolutamente semelhantes.

#### ***8.1.4 Culpa e busca neurótica de perfeição***

Um dos possíveis efeitos negativos de uma educação espírita é a exacerbação das culpas e a busca neurótica da perfeição (grandiosidade). Em vários pontos da teoria espírita é possível encontrar referências claras à necessidade de se buscar ser perfeito. É preciso, porém, contextualizar essa literatura, para entender o que é designado como perfeição. Conforme visto, o Espiritismo surgiu no século XIX e claramente reproduz em grande parte a cultura de seu tempo. Havia então um grande entusiasmo evolucionista. A proposta de ordem e progresso estava em voga como um coroamento da modernidade. Buscar a perfeição é uma espécie de lugar comum nas ciências e filosofias modernas. Entretanto, é preciso esmiuçar o que se designa com o termo perfeição. Os próprios espíritos advertem sobre a necessidade de

não se fiar unicamente nas palavras para a compreensão de uma ideia: “As palavras pouco nos importam. Compete a vós formular a vossa linguagem de maneira a vos entenderdes.” (KARDEC, 2013b, p. 64). Até porque os médiuns, ao transmitirem mensagens dos espíritos, não o fazem jamais com total exatidão; os espíritos transmitem pensamentos que geralmente são vestidos pelo vocabulário do médium (KARDEC, 2015b). Se à época usava-se muito as palavras “perfeição”, “progresso” e “evolução”, não é por coincidência que as primeiras publicações espíritas estão repletas delas.

Porém, qual o pensamento que subjaz à palavra? O que se deve realmente entender por perfeição? Tornar-se perfeito, no sentido espírita, significa aproveitar plenamente as próprias faculdades espirituais e, por isso mesmo, não ter mais a necessidade de reencarnar em corpos perecíveis - o que implica numa *felicidade sem mesclas* (KARDEC, 2013b). Essa perfeição não é absoluta (KARDEC, 2013b), tampouco é uma graça, mas o resultado de esforços de muitas encarnações, num processo infinito que pode ser chamado educação do espírito. Ao educar-se, a alma transforma-se e transforma o mundo, porque se conscientiza de que está mergulhada no mundo, não como entidade separada, mas como parte de um sistema de cuja harmonia depende sua própria harmonia.

Em Charles encontramos bem caracterizada essa autocobrança que resvala na culpa. Em Saulo às vezes reconhece-se um pouco dela em alguns poemas, mas outros mostram justamente o contrário: um sentimento de que Deus a ninguém condena. Em Eva, por sua vez, não se observa qualquer culpa, pelo menos não em relação a ser como é. Ela se revela claramente tolerante para com as próprias limitações e se justifica, para isso, na compreensão do processo evolutivo do espírito. Será justo, então, afirmar que a depender das condições que envolvem o sujeito da educação espírita, esta, em combinação com outras influências, pode tanto facilitar o sentimento de culpa e busca neurótica da perfeição, como o seu oposto, o de paciência e confiança em si mesmo.

## **8.2 Sobre como a imortalidade propicia releituras de vida**

Para os três sujeitos a morte não constitui ruptura, é antes uma continuidade, ou simplesmente uma passagem para outra dimensão da existência. O morrer não é contrário do viver, pois a vida nunca cessa, mas é o extremo oposto do nascer. O espírito nasce e morre

para o mundo material, contudo sua vida é sempre vida espiritual, mesmo enquanto encarnado.

Interessante que, nos três casos apresentados, não foi a mediunidade que vinculou os sujeitos ao Espiritismo, mas sua filosofia. Para eles, diferentemente do que acontece no Espiritismo brasileiro, o fenômeno provocou menor encanto do que as revelações sobre a existência espiritual e suas consequências para a vida prática.

### ***8.2.1 Resignificando perda e luto***

A compreensão da morte é ressignificada na educação espírita. Todos os sujeitos da pesquisa tiveram um suporte do conhecimento espírita para o enfrentamento da morte de pessoas amadas. Saulo, como idoso, acompanhou muitas partidas, inclusive a da própria mãe (o pai veio a falecer dois anos depois de sua morte), sempre com um sentimento de esperança de vir a reencontrar os mortos, no mundo espiritual. Charles, em quem uma questão inacabada com a mãe tornou o luto um pouco mais conflituoso, conseguiu superá-lo com ajuda do Espiritismo, por acreditar que ainda a poderá abraçá-la, no futuro. E com o pai, morto de repente, pôde fazer um diálogo de despedida pelo pensamento que, no seu ponto de vista, poderia ser acessado pelo espírito dele. Além disso, como médico, destacou-se como aquele que deve ser solicitado para dar notícias de mortes aos familiares dos pacientes. Não por manifestar uma indiferença dissociativa, tão comum nos profissionais de saúde, mas por revelar empatia para com a dor alheia e convicção de que a morte resulta na libertação do espírito encarnado. Eva, ante a morte do pai e da irmã, descobre no Espiritismo a força consoladora. Ela compreende que eles continuam vivos, que o acidente que os levou fazia parte de um plano divino, e que todos se reunirão novamente graças à imortalidade.

Charles e Eva possuem opiniões semelhantes a respeito da pandemia do Coronavírus e das mortes nela ocorridas. Ambos ponderaram ser um momento de grandes aprendizados, e apesar de confessarem-se receosos da morte, assumiram uma postura equilibrada, de enfrentamento e colaboração, em um momento delicado da História.

### **8.2.2 A morte como conselheira**

Certa vez meu marido disse que havia aprendido ser preciso ter a morte como conselheira. Nunca esqueci essa recomendação, por achá-la absolutamente formidável. É exatamente o convite que o Espiritismo faz a quem nele se aprofunda. Vi isso claramente nos sujeitos da pesquisa. A morte, para nenhum deles, poderia ser representada como um ser cadavérico, sombrio e com uma foice na mão. A morte faz parte das leis divinas. Como lembrou Eva, ao mencionar a Lei de Destruição: “Preciso é que tudo se destrua para renascer e regenerar. Porque o que chamais destruição não passa de uma transformação, que tem por fim a renovação e melhoria dos seres vivos.” (KARDEC, 2013b, p.335).

A morte, portanto, não é uma inimiga, ela faz parte do processo. E se é reconhecida, admitida e encarada como algo que vai acontecer inevitavelmente, ao invés de ser colocada para “debaixo do tapete”, ela se transforma numa fonte de sabedoria a oferecer bons conselhos. A morte aconselha-nos a buscar um sentido para a vida. Recorda-nos que há prazos, que as pessoas não estarão aqui para sempre, nem mesmo nós. Cada companhia passa a ser melhor usufruída, cada relação se torna mais especial, e toda a experiência traz uma lição que, quanto antes for aprendida, melhor nos faz.

Essa postura ficou muito clara na história de Saulo, até porque, dentre os sujeitos pesquisados, foi o único que teve o seu desfecho. Ao saber que a morte se avizinhava, ele se preparou, escreveu poemas de ajuda para quem vivesse dramas semelhantes, colaborou com médicos e familiares nos cuidados consigo mesmo, procurou manter uma atitude confiante. Por isso seu último ano de vida foi tão “bonito”, apesar da ansiedade pelo transplante. Em Charles também, que tem a perspectiva de um câncer e que lidou com a contaminação pelo Coronavírus, não foi relatado o menor sinal de desespero. Eva, que esteve perto de morrer num acidente automobilístico, vive cada dia com disposição, confiante de que nada acontece por acaso. E, por fim, nos três prepondera a noção de finitude, apesar da crença na eternidade do espírito.

### **8.2.3 Todo fim é um começo**

Nas narrativas das histórias de vida dos sujeitos espíritas pesquisados, os fins são encarados como começos. A morte é compreendida como transição, apenas. A vida para eles é eterna, pois ela continua, e continua como a conhecem, pois não há grandes mudanças quando se retorna ao mundo espiritual. O espíritos são as mesmas pessoas que foram enquanto encarnados.

Eles enxergam a vida para além do horizonte. Como a linha do mar que vemos das areias da praia e que parece ser o fim, mas não é. Há um enorme oceano depois. Simplesmente, nossos olhos não o alcançam. Isso se aplica à morte e a outros trágicos fins, que por vezes se nos apresentam. A forma como lidam com a pandemia do Coronavírus é uma boa ilustração. Milhares de mortes, silêncio nas ruas, luto, medo, pesar. Parece o fim do mundo. Diante do quadro assustador de uma crise mundial, Charles e Eva pensam em um novo momento que se desenha. Eles têm os olhos no futuro e tomam por base o que ensinam os espíritos:

Sim, decerto, a humanidade se transforma, como jamais se transformou noutras épocas e cada transformação se assinala por uma crise que é, para o gênero humano, o que são, para os indivíduos, as crises de crescimento. Aquelas se tornam, muitas vezes, penosas, dolorosas, e arrebatam consigo as gerações e as instituições, mas, são sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral. (KARDEC, 2015a, p.360).

A crença num amanhã, que é semeado pelo presente, lhes dá ânimo e, ao mesmo tempo, responsabilidade para com o aqui-e-agora. Os sujeitos pesquisados possuem em comum esse bom ânimo, essa determinação lutadora, que os motiva a continuar, mesmo em meio a dificuldades.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS: RECOMENDAÇÕES

“E pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará. aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.”  
(BÍBLIA, Mateus, 24: 12 e 13).

A educação espírita está pautada no Paradigma do Espírito, que é o reconhecimento de si e dos outros como seres espirituais e imortais. Com base nas informações dos espíritos, estamos no mundo para o cumprimento do projeto divino de desenvolver as faculdades que nos são inerentes (KARDEC, 2013a). Esse processo de desenvolvimento é o que se chama *educação do espírito*. Pela educação do espírito, tornamos cada vez mais conscientes do uso que fazemos de nossa liberdade. Segundo se depreende das revelações espíritas:

O homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Ele pode, por prova e expiação, escolher uma existência em que seja arrastado ao crime, quer pelo meio em que se ache colocado, quer pelas circunstâncias que sobrevenham, mas será sempre livre de agir ou não agir. [...] **Cade à educação combater essas más tendências, fa-lo-á utilmente, quando se basear no estudo aprofundado da natureza do homem. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, chegar-se-á a modificá-la**, como se modifica a inteligência pela instrução e o temperamento pela higiene. (KARDEC, 2013b, p.385, grifo meu).

Note-se no trecho acima uma visão de homem em que a sua ação é livre e não sujeita à determinação de um destino. Se há uma determinação é a do desenvolvimento espiritual. Porém, ninguém é originariamente mau ou bom. Mal e bem são conceituações humanas, culturais, julgamentos feitos com base na experiência e no consenso: o que causa dor ou conflito é “mal”, o que gera harmonia é “bem”. Mas, a depender de que ângulo se analisa cada situação, a definição de mal e bem podem mudar. Pelo viés da imortalidade, por exemplo, as dificuldades podem ser um bem, enquanto a satisfação dos desejos pode ser um mal.

O espírito é, portanto, no ato criador, apenas ignorante. Como traz em si todas as faculdades, pode enveredar por qualquer caminho. Significa que pode fazer “más escolhas” - escolhas que o lançam, pela lei de causa e efeito, num estado de sofrimento. Por isso mesmo, à medida que amadurece, o aprimoramento do senso moral sugere que combata suas “más

tendências”. Uma vez que o propósito da vida é a evolução e, concomitantemente, o “aperfeiçoamento moral” (KARDEC, 2013b), a própria vida é um processo de educação do espírito.

O Espiritismo se propõe a auxiliar esse processo evolutivo através do conhecimento do seu conteúdo doutrinário, na perspectiva de provocar três efeitos:

**O primeiro** e mais geral consiste em **desenvolver o sentimento religioso** até naquele que, sem ser materialista, olha com absoluta indiferença para as questões espirituais. Daí lhe advém o **desprezo pela morte**. Não dizemos o desejo de morrer; longe disso, porquanto o espírita defenderá sua vida como qualquer outro, mas uma indiferença que o leva a aceitar, sem queixa, nem pesar, uma morte inevitável, como coisa mais de alegrar do que de temer, pela certeza que tem do estado que se lhe segue.

**O segundo** efeito, quase tão geral quanto o primeiro, é a resignação nas vicissitudes da vida. O Espiritismo dá a ver as coisas de tão alto, que, perdendo a vida terrena três quartas partes da sua importância, o homem não se aflige tanto com as tribulações que a acompanham. Daí, **mais coragem nas aflições, mais moderação nos desejos**. Daí, também, o **banimento da ideia de abreviar os dias da existência**, por isso que a ciência espírita ensina que, pelo suicídio, sempre se perde o que se queria ganhar. A certeza de um futuro, que temos a faculdade de tornar feliz, a possibilidade de estabelecermos relações com os entes que nos são caros, oferecem ao espírita suprema consolação. O horizonte se lhe dilata ao infinito, graças ao espetáculo, a que assiste incessantemente, da vida de além-túmulo, cujas misteriosas profundezas lhe é facultado sondar.

**O terceiro** efeito é o **estimular no homem a indulgência** para com os defeitos alheios. Todavia, cumpre dizê-lo, o princípio egoísta e tudo que dele decorre são o que há de mais tenaz no homem e, por conseguinte, de mais difícil de desarraigar. Toda gente faz voluntariamente sacrifícios, contanto que nada custem e de nada privem. Para a maioria dos homens, o dinheiro tem ainda irresistível atrativo e bem poucos compreendem a palavra supérfluo, quando de suas pessoas se trata. Por isso mesmo, a abnegação da personalidade constitui sinal de grandíssimo progresso. (KARDEC, 2013b, pp. 470 e 471, grifos meus).

Conforme apresentado na presente pesquisa, tais efeitos foram observados nos três sujeitos da educação espírita que aqui apresentaram suas histórias de vida. Viu-se neles que a educação espírita encontra-se harmonizada com a emergente psicologia transpessoal. Sendo esta uma área dos estudos psicológicos que considera, em decorrência de investigações com *estados holotrópicos* (GROF, 2000) provocados e/ou espontâneos, a psique como espiritual, ela coloca o espírito sob a análise da ciência novo-paradigmática. Viabiliza, assim, que se conceba trazer para a academia a noção de continuidade da existência após a morte, como possível explicação de muitas “anomalias” da psique humana (LORIMER, 1997).

O Espiritismo, dialogando com a psicologia transpessoal, demonstra através da educação espírita os desdobramentos da noção de imortalidade espiritual. Para a doutrina espírita, os contornos entre as oposições material/imaterial, físico/espiritual etc. não podem ser claramente estabelecidos - “algo semelhante ao que ocorreu no impressionismo, quando se

passou a diluir a nitidez da separação figura-fundo” (LINHARES, 2019, p.53) - , de modo que toda educação é educação da totalidade: do espírito. Ao educar-se o indivíduo, ele é transformado para além da morte, e além de si mesmo, porquanto sua transformação tem o poder de modificar o mundo. Um trecho de Kardec(2015a, p.25) explica no que se sustenta essa perspectiva:

O simples fato de poder o homem comunicar-se com os seres do mundo espiritual traz consequências incalculáveis da mais alta gravidade; é todo um mundo que se nos revela e que tem tanto mais importância, quanto a ele hão de voltar todos os homens, sem exceção.

O conhecimento de tal fato não pode deixar de acarretar, generalizando-se, profunda modificação nos costumes, caráter, hábitos, assim como nas crenças que tão grande influência exerceram sobre as relações sociais. É uma revolução completa a operar-se nas ideias, revolução tanto maior, tanto mais poderosa, quanto não se circunscreve a um povo, nem a uma casta, visto que atende simultaneamente pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos.

Algo semelhante ao que afirmam LELOUP; BOFF (2002, p.50):

Dependendo da nossa imagem do homem, advirão consequências bem concretas. Porque cuidaremos de alguém de maneira diferente se o considerarmos apenas como um ser material, somente uma combinação de átomos e moléculas ou se considerarmos que estes atos e moléculas estão habitados por um psiquismo, por uma alma e também por um Espírito.

Se estamos, nesse novo momento de transformações paradigmáticas, caminhando na direção de um *homem-espírito*, em que é cabível cogitar sobre um *pós-morte* intrinsecamente relacionado com um *pré-morte*, educar nessa perspectiva é transformar o aqui-e-agora para a concretização de um novo amanhã. Não cabe dizer, no caso do Espiritismo, que se trata apenas de realizar uma Educação para a Morte, mas, muito mais que isso, de uma Educação para a Imortalidade. Sem dúvida, a discussão sobre a continuidade da existência numa dimensão espiritual após o decesso do corpo físico está longe de ser encerrada. Mas uma educação que se fundamente na imortalidade pode realmente oferecer valiosas contribuições para a humanidade.

A Educação para a Morte ou Tanatopedagogia é uma disciplina recentemente introduzida em programas universitários, organizações não governamentais e instituições paliativas, e que tem contribuído para a preparação para a morte, como um evento a que estamos todos fadados. Ao olhar para a própria finitude, o ser se transforma perante a vida. Mas, além disso, se ele entrevê a possibilidade de continuar, seu incentivo é amplificado. Uma

tão impactante visão, trazida para o âmbito educacional, em que se fundamentam todos os saberes, suscita a elaboração - por que não? - de uma disciplina de Educação para Imortalidade.

## REFERÊNCIAS

ABUD, C. R.; TEIVE, G. M. G. A escrita do pesquisador, tessituras filosóficas e científicas: entre devires e devaneios. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 3, n. 2, p. 59-72, jul./dez. 2014.

ANDERY, M. A. et. al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1994.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. *In*: BARBOSA, J.G. (org.). **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Paulo: UFSCar, 1998. p. 24-41.

ANDRADE, Hernani Guimarães. **Morte, renascimento, evolução: uma biologia transcendental**. Votuporanga: Didier, 2015.

ARIÉS, Phillipe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: magia, técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

BEZERRA, Larissa Rogério. **Arte em cena: narrativas de uma experiência formativa com arte espírita**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2010. v. 1.

BOHM, David. **Totalidade e a ordem implicada**. São Paulo: Madras, 2008.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975.

BOZZANO, Ernesto. **A crise da morte**. Brasília, DF: FEB, 2004.

BOZZANO, Ernesto. **Povos primitivos e manifestações supranormais**. São Paulo: Editora Jornalística, 1997.

BOSI, M.L.M.; MERCADO-MARTINEZ, F. (org.). **Pesquisa qualitativa de serviços de saúde**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRADSHAW, John. **Curando a vergonha que impede de viver**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

CAMBI, Franco. **A história da pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.

CASELLATO, Gabriela *et al.* Luto complicado: Considerações para a prática. *In*: SANTOS, Franklin Santana (org.). **A arte de morrer**: visões plurais. Bragança Paulista: Comenius, 2009. v. 2, p. 85-91.

CASSORLA, R.S. **Da morte**: estudos brasileiros. São Paulo: Papirus, 1991.

CASSORLA, M.S. Roosevelt. A negação da morte. *In*: INCONTRI, Dora; SANTOS, Franklin Santana (org.). **A arte de morrer**: visões plurais. Bragança Paulista: Comenius, 2007. v. 1, p. 270-279.

CHIBENI, Sílvio Seno. A excelência metodológica do Espiritismo. **Reformador**, Rio de Janeiro, v. 6. p. 328-333, nov./dez. 1988.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Vozes, 2011.

COMO foi a desencarnação de mamãe. **Enterrando Mamãe**, [s. l.], 27 dez. 2019. Disponível em: <https://enterrandomamae.blogspot.com/2019/12/como-foi-desencarnacao-de-mamae.html>. Acesso em: 8 mar. 2020.

COMTE-SPONVILLE, André. **Dicionário filosófico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CORBIN, Henry. **La imaginación creadora**: en el sufismo de Ibn ‘Arabi. Barcelona: Destino, 1993.

CROMBERG, Monica Udler. **A individuação espiritual**: Henry Corbin e a perspectiva heideggeriana. São Paulo: Humanitas: Fapesp, 2018.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. São Paulo: Paulus, 2008.

DENIS, Léon. **Depois da morte**: exposição da doutrina dos espíritos. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

DENIS, Léon. **No invisível**: espiritismo e mediunidade. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

DENIS, Léon. **O além e a sobrevivência do ser**. Rio de Janeiro: FEB, 1981.

DENIS, Léon. **O grande enigma**. Rio de Janeiro: FEB, 1992.

DENIS, Léon. **O problema do ser, do destino e da dor**. Rio de Janeiro: FEB, 1997.

DENIS, Léon. **Socialismo e espiritismo**. Rio de Janeiro: Edições Celd, 1998.

DOYLE, Arthur Conan. **História do espiritismo**. São Paulo: Pensamento, 2017.

DOYLE, Arthur Conan. **A nova revelação**. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

EMMANUEL (Espírito). **Renúncia**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília, DF: FEB, 2010.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. *In*: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: Edufrn; São Paulo: Paulus, 2010.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 208.

GOSWAMI, Amit. **Evolução criativa**: uma resposta da nova ciência às limitações da teoria de Darwin. São Paulo: Goya, 2015.

GOSWAMI, Amit. **A física da alma**: a explicação científica para a reencarnação, a imortalidade e as experiências de quase morte. São Paulo: Aleph, 2005.

GOSWAMI, Amit. **O universo autoconsciente**: como a consciência cria o mundo material. São Paulo: Aleph, 2005.

GROF, Stanislav; BENNET, Hal Zina. **A mente holotrópica**: novos conhecimentos sobre psicologia e pesquisa da consciência. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GROF, S.; GROF, C. (org.). **Emergência espiritual**: crise e transformação espiritual. São Paulo: Cultrix, 2001.

GROF, Stanislav. **A tempestuosa busca do ser**. São Paulo: Cultrix, 1998.

GROF, Stanislav. **Cura profunda**: a perspectiva holotrópica. Rio de Janeiro: Numina, 2015.

GROF, Stanislav. **O jogo cósmico**: explorações das fronteiras da consciência humana. São Paulo: Atheneu, 1998.

GROF, Stanislav. **Psicologia do futuro**. Niterói: Heresis, 2000.

HADDICK, Vern. Karma e terapia. *In*: KUNZ, Dora van Gelder (org.). **Aspectos espirituais das artes de curar**. Brasília, DF: Teosófica, 1995. p. 188-202.

HARNER, Michael. **O caminho do xamã**: um caminho de poder e cura. São Paulo: Cultrix, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao&view=noticia>. Acesso em: 2 mar. 2018.

INCONTRI, Dora. **A educação segundo o espiritismo**. Bragança Paulista: Comenius, 2003.

INCONTRI, Dora. **Pedagogia espírita**: um projeto brasileiro e suas raízes. Bragança Paulista: Comenius, 2006.

INCONTRI, Dora. **Para entender Kardec**. Bragança Paulista: Comenius, 2014.

INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alessandro César. **Todos os jeitos de crer**. São Paulo: Ática, 2004. v. 4.

INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alessandro César. **Todos os jeitos de crer**. São Paulo: Ática, 2008. v. 5.

JAMBERT, Christian. **A lógica dos orientais**: Henry Corbin e a ciência das formas. São Paulo: Globo, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica**. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2015.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião**. Petrópolis: Vozes, 2012.

- KARDEC, Allan. **A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo**. Brasília, DF: FEB, 2015a.
- KARDEC, Allan. **O céu e o inferno**. Brasília, DF: FEB, 2015c.
- KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o espiritismo**. Brasília, DF: FEB, 2013a.
- KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Brasília, DF: FEB, 2013b.
- KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns**. Brasília, DF: FEB, 2015b.
- KARDEC, Allan. **Obras póstumas**. Brasília, DF: FEB, 2016.
- KARDEC, Allan. **Revista espírita**: jornal de estudos psicológicos, ano II: 1859. Catanduva: Edicel, 2017a.
- KARDEC, Allan. **Revista espírita**: jornal de estudos psicológicos, ano VII: 1863. Areias: IDE, 1994.
- KARDEC, Allan. **Revista espírita**: jornal de estudos psicológicos, ano VII: 1864. Catanduva: Edicel, 2017b.
- KARDEC, Allan. **Revista espírita**: jornal de estudos psicológicos, ano XI: 1868. Areias: IDE, 2006.
- KOVÁCS, Maria Júlia. Educação para a morte. *In*: SANTOS, Franklin Santana (org.). **Cuidados paliativos**: Discutindo a vida, a morte e o morrer. São Paulo: Atheneu, 2009. p.45-58.
- KOVÁCS, Maria Júlia. Perdas e o processo de luto. *In*: INCONTRI, Dora; SANTOS, Franklin Santana (org.). **A arte de morrer**: visões plurais. Bragança Paulista: Commenius, 2007. v. 1, p. 217-238.
- KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos próprios parentes. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LELOUP, Jean-Yves; BOFF, Leonardo. **Terapeutas do deserto**: de Fílon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckheim. Petrópolis: Vozes, 2018.
- LESHAN, Lawrence. **O câncer como ponto de mutação**: um manual para pessoas com câncer, seus familiares e profissionais de saúde. São Paulo: Summus, 1992.
- LESHAN, Lawrence. **O dilema da psicologia**: o olhar de um psicólogo sobre sua complicada profissão. São Paulo: Summus, 1994.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. Para uma nova concepção de sujeito nas práticas educativas: situando elementos do Paradigma do Espírito. *In*: COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha (org.). **Movimentos sociais, educação popular e escola: a favor da diversidade**. Fortaleza, UFC, 2006.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. **Sementes de fogo: aprendizagens com o método em Kardec**. Fortaleza: Livro não publicado, 2019.

LOBO, Ney. **Espiritismo e educação**. Vitória: Fespe, 1995.

LOBO, Ney. **Filosofia espírita da educação**. Rio de Janeiro: FEB, 1990. v. 1-5.

LORIMER, David. Ciência, morte e propósito. *In*: DOORE, Gary (org.). **Explorações contemporâneas da vida depois da morte**. São Paulo: Cultrix, 1992.

MARINHO, Allan Denizard Mota. **O espírito do doutor palhaço: palhaçoterapia e produção de saber em espiritualidade e humanização em saúde**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Departamento de Saúde Comunitária da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2015.

MAIOR, Marcel Souto. **Kardec: A biografia**. São Paulo: Record, 2013.

MOREIL, André. **Vida e obra de Allan Kardec**. São Paulo: Edicel, 1965.

MORIN, Edgar. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002.

MOTA, Monica Maria de Angelis. **O luto em adolescentes pela morte do pai: risco e prevenção para a saúde mental**. 2008. (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

NÓVOA, Antônio; FINGER, Matias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

OLIVEIRA, Sérgio de Freitas. As vozes presentes no texto acadêmico e a explicitação da autoria. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v.6, n. 1, 2014. Disponível na internet via

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/9182>. Acesso em: 5 dez. 2019.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. Falando da morte com crianças. *In*: SANTOS, Incontri. **A arte de morrer**: visões plurais. Bragança Paulista: Comenius, 2007. p.179-187. v. 1.

PASCAL (Espírito). Necessidade da reencarnação. Psicografado por Sr. Percheron. *In*: KARDEC, Allan. **Revista espírita**: jornal de estudos psicológicos. Catanduva: Edicel, 2017. p. 60-62.

PEREIRA, Vanderley; AMÂNCIO, Geraldo. **Cantigas que vêm da terra**: repentes, versos, quadras, poesia matuta, poemas e sonetos de Geraldo Amâncio e Vanderley Pereira. Fortaleza: Editora LCR, 1996.

PEREIRA, Vanderley. **Como dialogar com os espíritos**. Fortaleza: Gepe, 2017.

PEREIRA, Vanderley. **Cura teu coração**: mensagens de esperança, por um poeta na fila de um transplante cardíaco. Fortaleza: Vibri, 2015.

PEREIRA, Vanderley. **O telefone de Deus**. Fortaleza: Editora LCR, 1995.

PEREIRA, Vanderley. **Quadra, quadrado e quadrão**. Brasília, DF: Senado Federal, 1980.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: Gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

PIRES, J. Herculano. **Ciência espírita e suas implicações terapêuticas**. São Paulo: USE, 2015.

PIRES, J. Herculano. **Educação para a morte**. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 2016.

PIRES, J. Herculano. **Introdução à filosofia espírita**. São Paulo: Feesp, 1993.

PIRES, J. Herculano. **O espírito e o tempo**: introdução antropológica ao espiritismo. Sobradinho: EDICEL, 1995.

PIRES, J. Herculano. **Os filósofos**. São Paulo: FEESP, 2000.

PIRES, J. Herculano. **Pedagogia espírita**. Minas Gerais: Ed. Herculano Pires, 1994.

PIRES, J. Herculano. **Revisão do cristianismo**. São Paulo, 1990.

PRIEUR, Jean. **Allan Kardec e sua época**. Bragança Paulista: Lachâtre, 2015.

RAMOS, Lucy Dias. **Folhas de outono**. Brasília, DF: FEB, 2012.

RAPOSO, Florice. **A razão de tantas vidas: racionalidade mística na religiosidade espírita**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

RASGAR o braço. **Enterrando Mamãe**, [s. l.], 8 mar. 2020. Disponível em: <https://enterrandomamae.blogspot.com/2020/03/rasgar-o-braco.html>. Acesso em: 8 mar. 2020.

RINPOCHE, Sogyal. **O livro tibetano do viver e do morrer**. São Paulo: Palas Athena, 2013.

RODRIGUES, José Carlos. **O tabu da morte**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, F.S.; INCONTRI, D. A Educação para a vida e para a morte: do ensino fundamental à universidade. *In*: SANTOS, Franklin Santana (org.). **A arte de morrer: visões plurais**. Bragança Paulista: Comenius, 2010. v. 3, p. 15-29.

SANTOS, Franklin Santana. Tanatologia: a ciência da educação para a vida. *In*: SANTOS, Franklin Santana (org.). **Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer**. São Paulo: Atheneu, 2009. p. 1-30.

SANTOS, Franklin Santana (org.). **Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer**. São Paulo: Atheneu, 2009b.

SAPORETTI, Luis Alberto. Espiritualidade em cuidados paliativos. *In*: SANTOS, F.S. **Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer**. São Paulo: Atheneu, 2009. p. 269-282.

SAUSSE, Henri. **Allan Kardec, a biografia**. São Paulo: Lake, 2014.

SILVA, Fábio Luiz da. A utopia espírita: A cidade espiritual Nosso Lar. *In*: ISAIA, A.C.; MANOEL. I.A (org.). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais**. São Paulo: Unesp, 2012. p. 5-32.

SCHMIDT, Bettina E. O espiritismo porto-riquenho como fundamento da identidade porto-riquenha. *In*: Isaia, A.C.; Manoel. I.A. (org.) **Espiritismo e religiões afro-brasileiras: história e Ciências Sociais**. São Paulo: Unesp, 2012. p. 163-176.

SCHUBERT, Suely Caldas. **Obsessão e desobsessão**. Rio de Janeiro: Feb, 1981.

SHELDRAKE, Rupert. **Uma nova ciência da vida: a hipótese da causação formativa e**

os problemas não resolvidos da biologia. São Paulo: Cultrix, 2013.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Edusp; Curitiba: Orion, 2003.

STROPPIA, André; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. Evidências do impacto da espiritualidade sobre a saúde. *In*: INCONTRI, Dora (org.). **Educação e espiritualidade: interfaces e perspectivas**. Bragança Paulista, Comenius, 2010. p. 48-58.

TABONE, Márcia. **Psicologia transpessoal**: introdução à nova visão da consciência em psicologia e educação. São Paulo: Cultrix, 1993.

TREIGHER, Caroline Secundino. **Metáforas do Cristo**: uma aplicação psicológica de conhecidas passagens bíblicas. Fortaleza: Órion, 2007.

TREIGHER, Caroline Secundino. **Sexo divino**: relacionamentos e espiritualidade. Fortaleza: Gepe, 2016.

VASCONCELOS, José Gerarde; DIORIO, R.R.; GONÇALVES, F.M.J. (org.). **Tribuna de vozes**. Fortaleza: UFC, 2011.

VASCONCELOS, Maria José Esteves. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas: Papirus, 2002.

WANTUIL, Zêus. **As mesas girantes e o espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1958.

WAPNICK, K. *et al.* **Experiência cósmica e psicose**. Petrópolis: Vozes, 1991.

WEIL, Pierre. **A consciência cósmica**: introdução à psicologia transpessoal. Petrópolis: Vozes, 1982.

WEIL, Pierre. **Fronteiras da evolução e da morte**. Petrópolis: Vozes, 1983.

WOOLGER, Roger J. **As várias vidas da alma**: um terapeuta junguiano descobre as vidas passadas. São Paulo: Cultrix, 1998.

WOOLGER, Roger J. **Morte, transição e espaços espirituais**: aprendizagens de terapia de vidas passadas e budismo tibetano. [S. l.]: Deep Memory Process Brasil, 2019. Disponível em: <https://dmpbrasil.files.wordpress.com/2019/08/morte-transic3a7c3a3o-e-os-espac3a7os-espirituais-aprendizagens-de-terapia-de-vidas-passadas-e-do-budismo-tibetano-por-roger-woolger.pdf>. Acessado em: 05/05/2019.